

OS DOIS PANDEGOS



Coleção
Documentos

96

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO EM 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO

CENTRO DE
 LITERATURAS
 E CULTURAS
 LUSÓFONAS
 E EUROPEIAS
CLEPUL
 Faculdade de Letras da
 Universidade de Lisboa

FCT
 Fundação
 para a Ciência
 e a Tecnologia



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO
NOS PRIMEIROS MESES DE 1930
SOB O PRISMA DE *O MALHO*





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

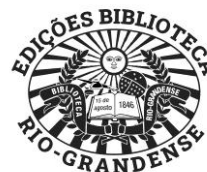
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE *O MALHO*



- 96 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2024

Ficha Técnica

Título: O contexto político brasileiro em 1930 sob o prisma de *O Malho*

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 96

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O MALHO. Rio de Janeiro, 4 jan. 1930; 1º mar. 1930; e 8 mar. 1930.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Dezembro de 2024

ISBN – 978-65-89557-90-6

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

o

APRESENTAÇÃO

no quadro político brasileiro que viriam a redundar nas transformações advindas do processo revolucionário que viria a modificar o modelo vigente no Brasil durante os decênios que se seguiram à consolidação republicana. Apesar do impacto da candidatura oposicionista da Aliança Liberal, a máquina eleitoral que vigorava continuava a ditar as regras, tanto que o candidato governista, Júlio Prestes, sairia vencedor nas urnas. A partir de então se desencadearia um processo de fermentação revolucionária, como alternativa à derrota eleitoral. Assim como o itinerário que levou à formação da frente oposicionista, foi mais uma caminhada de avanços e recuos em direção à ruptura institucional.

Ao contrário da época da Reação Republicana, quando os representantes da oligarquia buscaram afastar-se e isentar-se da revolta promovida pelos tenentes, dessa vez a aproximação parecia mais efetiva, com vários segmentos oligárquicos tornando-se adeptos da opção revolucionária. O assassinato do candidato à Vice-Presidente na chapa da Aliança Liberal, João Pessoa, em julho de 1930, por motivos não diretamente vinculados a esta circunstância política, viria a ser um dos catalisadores da chama revolucionária. Assim, uma vez “passadas as eleições, setores da Aliança Liberal, inconformados com a derrota, buscaram uma aproximação com lideranças do movimento tenentista”, as quais, ainda que “derrotadas, continuavam sendo uma força importante por sua experiência militar e prestígio”. A tratativa entre “os setores oligárquicos dissidentes e os tenentes avançava lentamente”, uma vez que, “se no interior do movimento tenentista havia divergências quanto ao melhor caminho a ser seguido”, por outro lado, “a ideia de revolução também provocava reticências

entre os setores civis da Aliança Liberal”. Entretanto, a partir de meados de 1930, “a conspiração recrudescceu com a adesão de importantes quadros do Exército”¹.

A partir de então se estabeleceram várias negociações, tratativas, debates e trocas de correspondências no sentido de aprimorar o plano rebelde, de modo a acomodar interesses díspares, como os das oligarquias e os dos tenentes. A tendência da Aliança Liberal de amalgamar desígnios tão diferenciados permanecia no estabelecimento do plano revolucionário². Ao passo que os derrotados eleitoralmente buscavam reagir a tal resultado, buscando viabilizar um outro caminho para chegar ao poder, os vitoriosos, ainda confiantes na manutenção do status quo, passaram a organizar o novo governo, visando a estabelecer um ambiente de tranquilidade que permitisse estabelecer mecanismos para a manutenção do modelo vigente, apesar das transformações pelas quais passava o mundo, após a crise econômico-financeira internacional que estourara no ano anterior³. As repercussões sobre tal processo histórico tiveram significativa repercussão junto à imprensa.

¹ FERREIRA, Marieta de Moraes & PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O tempo do liberalismo oligárquico – da proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 388-390.

² ALVES, Francisco das Neves. *Uma introdução à História do Brasil – da Crise dos anos 20 ao Estado Novo: breve abordagem documental*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 84-86.

³ Acerca desse período, observar: BONAVIDES, Paulo & AMARAL, Roberto. *Textos políticos de História do Brasil*. 3.ed. Brasília: Senado Federal, 2002.; CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil contemporâneo (1922-1938)*. São Paulo: DIFEL, 1977.; CARONE, Edgard. *Brasil – anos de crise (1930-1945)*. São Paulo: Ática, 1991.; FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*.

Na virada dos anos 1920 para os 1930, o jornalismo brasileiro passava por uma etapa de ampla transformação com a afirmação da denominada imprensa empresarial, além de ter ocorrido uma forte concentração das atividades jornalísticas nas grandes cidades. Nessa conjuntura, vários gêneros se desenvolveram em meio à imprensa do país e, dentre eles, um dos que ganhou o gosto do público leitor foi o das revistas ilustradas, que se concentraram no Rio de Janeiro, espalhando-se também em algumas das principais localidades do Brasil⁴. Em meio a tais magazines ilustrados, um dos modelos que conquistou ampla popularidade foi aquele vinculado à opção editorial satírico-humorística, que, apesar de não se descuidarem do noticioso, do cultural e do cotidiano,

4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.; IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.; e MENDES JÚNIOR, Antonio & MARANHÃO, Ricardo. *Brasil História – texto & consulta (Era Vargas)*. São Paulo: Hucitec, 1989.

⁴ A respeito dessa evolução das revistas no Brasil, ver: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

tiveram no olhar crítico um de seus veios editoriais. Além de associarem o texto à imagem por meio da fotografia e do desenho, os periódicos satírico-humorísticos lançaram mão da arte caricatural, como um diferencial que lhes permitia expandir a crítica a partir do apelo visual.

Um desses periódicos foi *O Malho*, editado semanalmente no Rio de Janeiro, entre os anos de 1902 e 1954, o qual viria a constituir uma das mais importantes publicações brasileiras de seu gênero, adquirindo desde o início uma feição popular, que fez com que ganhasse leitores não só na capital federal, mas também ao longo do território brasileiro, pela qual se tornaria imensamente difundido em todo o Brasil, já se firmara desde 1905”, levando “o homem da rua” a gozar do “espetáculo daqueles figurões proclamando alto e bom som o que o povo imaginava de fato que fosse o pensamento de cada um dos fantoches do imenso palco da politicagem nacional”⁵. Seu título tinha por inspiração o instrumento utilizado pelos ferreiros e também a conotação popular que adquiriu o termo “malhar”, que ia além de bater com malho, trazendo consigo também as ações de censurar, criticar, fazer troça, escarnecer e zombar, bem de acordo com a proposta editorial do hebdomadário.

A consolidação de *O Malho* deu-se a partir do projeto de promover o entretenimento, trazendo informações leves acrescido do apuro gráfico⁶. Tanto na redação textual, quanto na arte caricatural, a revista contou com a

⁵ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 144 e 146.

⁶ ELEUTÉRIO, 2008. p. 91.

colaboração de intelectuais e artistas dos mais conceituados do país, o que contribuiu para que ela se tornasse foi uma das mais prestigiosas publicações de crítica de sua época⁷. Era um momento em que a representação cômica da vida nacional ganhava amplitude, adquiria maior força e se aprofundava junto aos progressos da própria imprensa como um todo⁸, em um contexto no qual *O Malho* teve condições de vingar e prosperar a partir de sua feição notadamente popular⁹. Nessa linha, tornou-se uma relevante força política de combate, sem poupar adversários, como o fez em relação à Aliança Liberal, e, sem perder o interesse político e o tom polêmico, adquiriu também um viés literário e mundano. O verdadeiro combate que empreendeu contra os aliancistas trariam sérias consequências para a revista, pois ela configurou entre as empresas jornalísticas que sofreu com empastelamento e incêndio, após a vitória da Revolução de 1930, além de ter a sua circulação interrompida desde os últimos meses de 1930 e os primeiros de 1931. Daí em diante, se viu na contingência de privilegiar a abordagem de temas literários e da atualidade, mormente até o final do Estado Novo, quando teve condições de gradualmente recuperar parte de sua seiva editorial¹⁰.

⁷ SODRÉ, 2007. p. 301.

⁸ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

⁹ MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

¹⁰ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 144-149.

Em sua última edição de aniversário antes da interrupção promovida a partir da Revolução de 1930, o periódico reforçava suas metas editoriais e realçava seu intento de constituir uma publicação essencialmente popular, bem como dizia contar com o apoio de seus leitores na postura antagônica que adotara em relação à Aliança Liberal:

Para os que veem no jornal alguma coisa mais do que simples folhas de papel impressas, o 29º aniversário de uma empresa como a nossa representa uma vitória, cuja celebração justifica as maiores alegrias e os maiores aplausos.

Efetivamente, se, por um lado, atentamos na soma de energias que aí se consomem e, por outro, nos benefícios em que estas se convertem, socialmente falando, na obra diária ou periódica de transformação das mesmas em pão espiritual das massas populares, essas homenagens e esses louvores têm o sentido da mais alta e comovedora justiça. Somos, sem dúvida, o grande fato do progresso das sociedades modernas, como seu elemento civilizador por excelência. Nesta conformidade de ideias, o apoio que delas recebe um órgão de publicidade – pulmão por onde respira toda a nação – vem a ser, em última análise, um movimento de defesa própria. Nem por isto, aliás, nos deverá ser menos grato. Repartidas mesmo com o povo as nossas conquistas, ainda assim elas nos agradam e, se possível, se fazem mais honrosas.

O povo que realizou no *Malho* uma das suas instituições tem o direito de reclamar para si muitas das glórias que nos caberiam, noutra hipótese, por inteiras, uma vez que da sua intensa colaboração nesse patriótico empreendimento nos veio decerto o melhor dos nossos triunfos. Foram, com efeito, os caminhos que levam diretamente ao seu coração, aquele por nós sempre por nós preferido na longa jornada que iniciamos há cerca de seis lustros já, sem que até aqui nos houvéssemos desviado do rumo que nos traçaram os legítimos interesses nacionais. O povo sente bem isto. Tanto assim que nos vem seguindo por essa estrada de todo aberta de seus sentimentos e aspirações, sem nos faltar com o calor do seu entusiasmo. Ainda agora, pela atitude assumida em face da campanha política que agita o país, *O Malho* só aplausos está recebendo, dia a dia, de toda a parte, o que o levará por certo a aumentar o verdadeiro fogo de barragem a que vem submetendo, em páginas da

mais acesa crítica, os falsos profetas, os fariseus da democracia brasileira. Conservando-nos, deste modo, fiéis, no correr dos tempos, àquele mesmo espírito que recebemos nas águas lustrais do nosso batismo na imprensa. Este fato, por si só, resume o grande orgulho da nossa vida de jornal que, há cerca de trinta anos, monopoliza, entre os semanários, o público político do Brasil.¹¹

¹¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

ÍNDICE

O período pré-eleições presidenciais / 17

Os meses que se seguiram ao processo eleitoral / 129

O PERÍODO PRÉ-ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

Desde agosto de 1929, por meio da arte caricatural, *O Malho* empreendeu uma ferrenha campanha contra a Aliança Liberal e em defesa da candidatura oficial de Júlio Prestes. Tal postura permaneceu e até acirrou-se no ano seguinte, no momento em que se aproximavam as eleições presidenciais marcadas para 1º de março de 1930. Esse posicionamento já ficou evidenciado na capa da primeira edição do ano, em janeiro de 1930, na qual, por ocasião do Dia de Reis, a folha trazia um presépio no qual figuravam algumas das personalidades políticas de então. Maria era a dama do barrete frígido, figura feminina que representava a República, ao passo que José era o Presidente Washington Luís, que carregava um porrete de madeira para receber os visitantes, ao passo o papel de menino Jesus era desempenhado pelo candidato situacionista Júlio Prestes. Dos três soberanos que se aproximavam, ficavam mais evidenciadas as feições do candidato à presidência aliancista, Getúlio Vargas, e do líder mineiro da Aliança, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, os quais, como opositores, eram aguardados com animosidade por parte da autoridade presidencial. A legenda também servia para menosprezar os membros da oposição, ao dizer: “Os três reis ‘magros’ a caminho da adoração”¹².

¹² O MALHO. Rio de Janeiro, 4 jan. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO

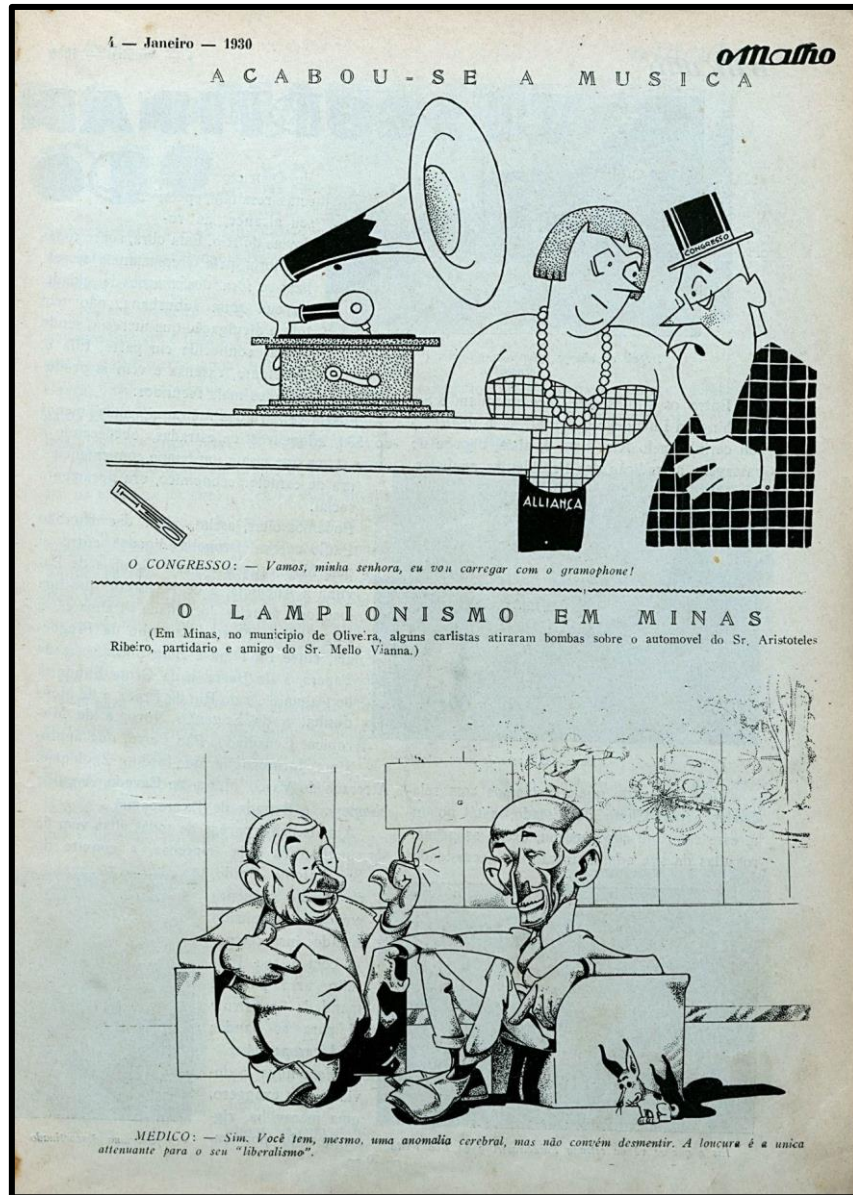


A tendência revolucionária que era imputada aos aliancistas ficava evidenciada na presença do líder oposicionista gaúcho José Antônio Flores da Cunha que, fortemente armado, teria sugerido ao povo que fizesse economia para poder comprar armas, munindo-se para um possível movimento de rebeldia. Da caricatura fazia parte também o Jeca, representação do povo brasileiro, que desdenhava do político, sugerindo que, ao invés de armamento, seria melhor comprar milho para os cavalos que viriam a ser amarrados no obelisco do Rio de Janeiro, conforme haviam prometido os aliancistas rio-grandenses, em caso de vitória da frente que defendiam, previsão que servira de mote para recorrente pilhéria por parte do periódico, tanto que o próprio obelisco, apesar de sua essência, ganhava vida e gargalhava desbragadamente da promessa dos gaúchos. As constantes concitações públicas da Aliança Liberal eram vistas com maus olhos da parte do hebdomadário, que mostrava a frente oposicionista como uma mulher que perdia a possibilidade de tocar suas músicas, uma vez que um ancião, representando o Congresso Nacional, estaria a confiscar seu gramofone. Desde o ano anterior, a publicação carioca vinha apontando sinais de demência no comportamento de Antônio Carlos e, diante de informes de que um de seus opositores em Minas havia sofrido um atentado à bomba, o médico do político estaria a reconhecer que ele tinha “uma anomalia cerebral”, o que serviria para explicar seus atos, uma vez que “a loucura” seria “a única atenuante para o seu ‘liberalismo’”¹³.

¹³ O MALHO. Rio de Janeiro, 4 jan. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO

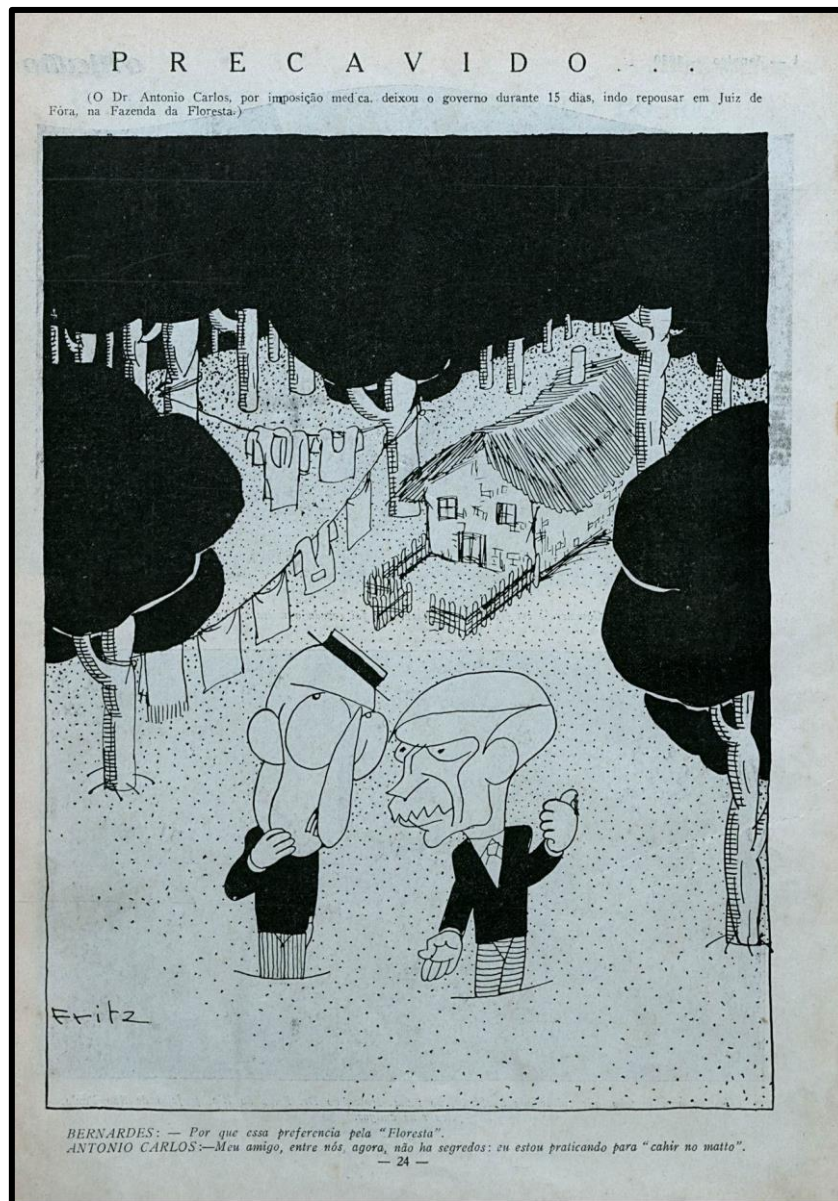




Sobre uma licença de saúde que Ribeiro de Andrada fora usufruir na região rural, o semanário brincava, sugerindo que ele revelara ao ex-Presidente Artur Bernardes que escolhera tal meio para praticar aquilo que teria de fazer em caso de derrota, ou seja, “cair no mato”. Já uma visita de Getúlio Vargas ao Rio de Janeiro servia mais uma vez de oportunidade para a folha realizar um gracejo quanto à promessa de amarrar os cavalos no obelisco carioca, mas com o detalhe de que as montarias e o público que recepcionava os aliancistas assumiam o formato de armas de fogo, em alusão à suposta violência que o periódico buscava imputar aos oposicionistas. Antônio Carlos voltava a protagonizar uma caricatura, tendo de engolir a correspondência do político mineiro Fernando de Melo Viana, que lhe negara apoio, diante do que a figura feminina que representava Minas Gerais advertia-o de que ele deveria ir se preparando, pois ainda teria de engolir muita coisa após a derrota dos aliancistas¹⁴. Em uma cena na qual não aparecia nenhum dos protagonistas políticos, o semanário mostrava alguns indivíduos que escutavam rádio, sendo a sua intenção a de menosprezar a figura de Getúlio Vargas, o qual era considerado como um “ilustre desconhecido”, tanto que os ouvintes não tinham ideia de quem fosse o nome anunciado no rádio, chegando a confundi-lo com um futebolista¹⁵.

¹⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 4 jan. 1930.

¹⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 11 jan. 1930.



O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



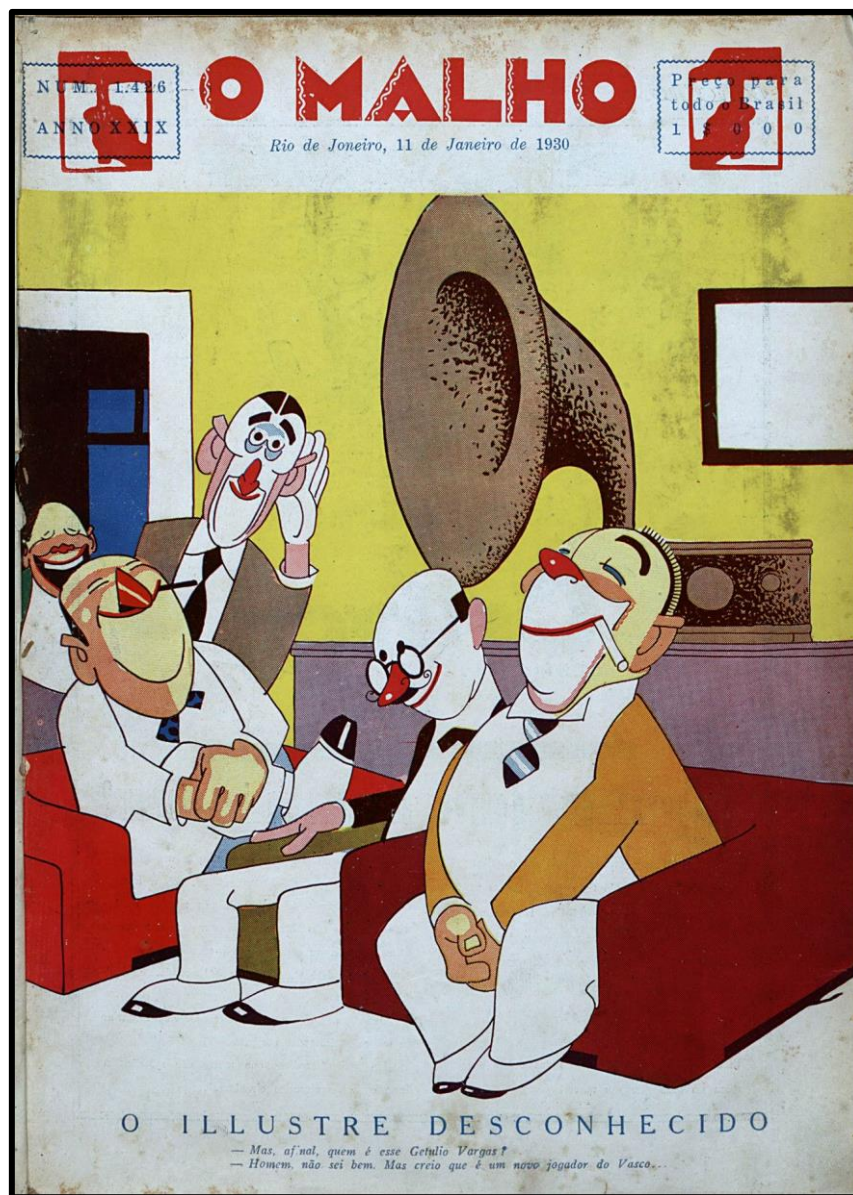
o Malho

4 — Janeiro — 1930

O HOMEM QUE ENGOLE TUDO...



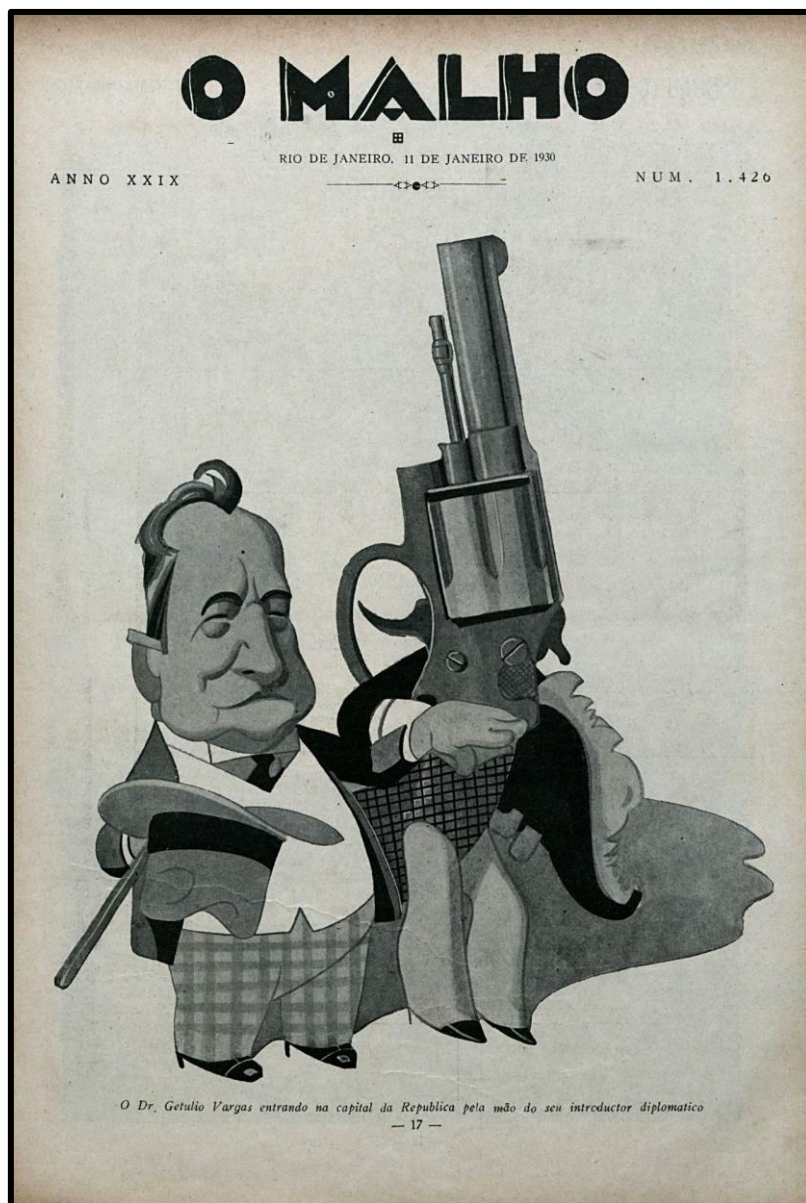
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



O conteúdo violento atribuído aos aliancistas voltava a figurar em caricatura na qual Vargas entrava na capital da República, sendo conduzido por “seu introdutor diplomático”, o qual era constituído pela personificação de um revólver. A dilapidação do Tesouro de Minas, apresentado como um prédio em ruínas, foi uma das acusações da folha, no sentido de que Antônio Carlos estaria gastando dinheiro público em prol da Aliança Liberal, de modo que teria de pedir mais um empréstimo para cobrir o rombo financeiro, de modo que a figura feminina que representava o Estado manifestava o interesse de que o governante viesse a renunciar. Os ferrenhos ataques ao político mineiro eram reforçados no conjunto caricatural “Conto do vigário”, no qual Antônio Carlos era apresentado como um enganador, que fizera promessas falsas, mas que o Jeca não caíra em sua lábia, de modo que, com a derrota de sua chapa, os aliancistas seriam condenados ao ostracismo político, enquanto Ribeiro de Andrada iria abandoná-los, embora seu destino também não fosse dos melhores, pois iria “acabar dentro das grandes de um hospício”, mais uma vez aludindo à perda de juízo do líder mineiro. A visita de Getúlio Vargas a Washington Luís no Palácio do Catete era vista como um abraço de tamanduá – animal que o chefe gaúcho vestia a fantasia – em relação a uma deslealdade ou traição a ele imputada¹⁶.

¹⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 11 jan. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



11 — Janeiro — 1930

o Malho

PRESENTE DE GREGO

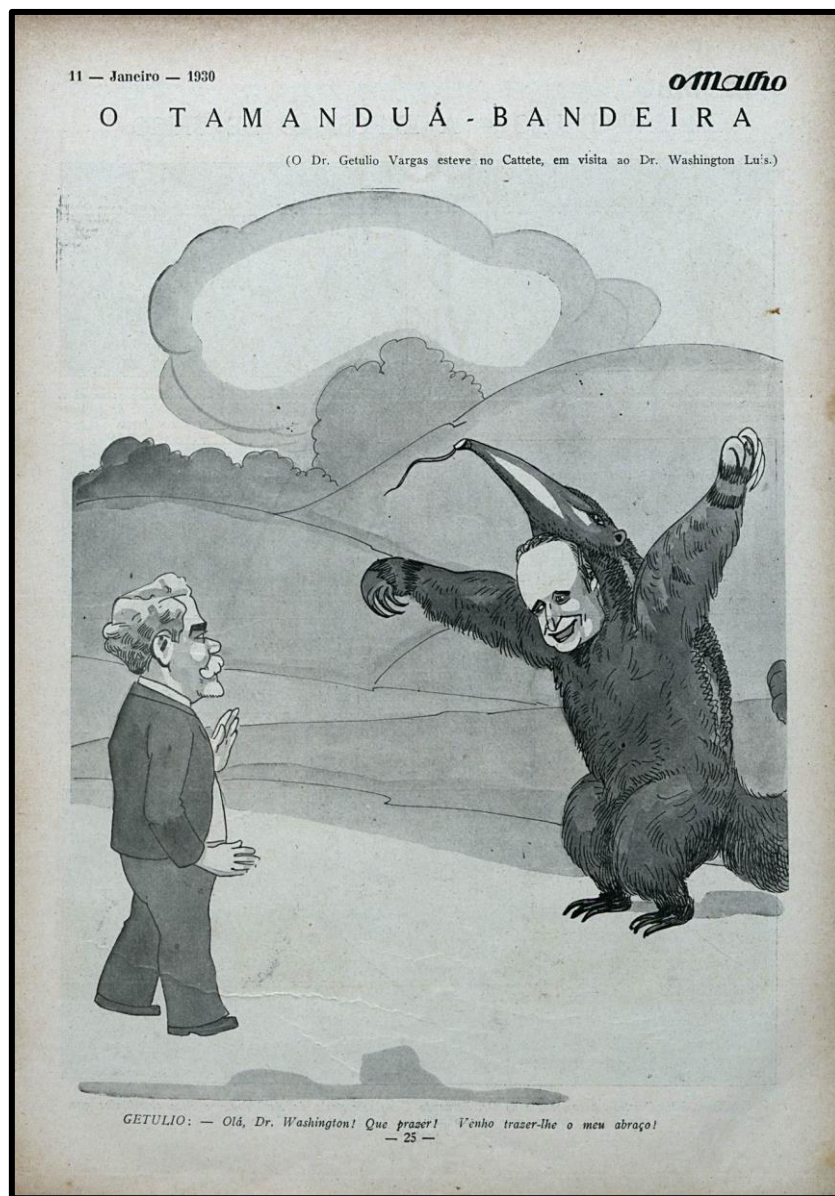
(O Dr. Antonio Carlos pretende fazer, para o Thezouro de Minas, um 4º empréstimo, que será de 100 mil contos.)



ANTONIO CARLOS: — Venho trazer-lhe as suas festas. Adicinha...
MINAS: — Já sei. É a sua renúncia...

— 19 —

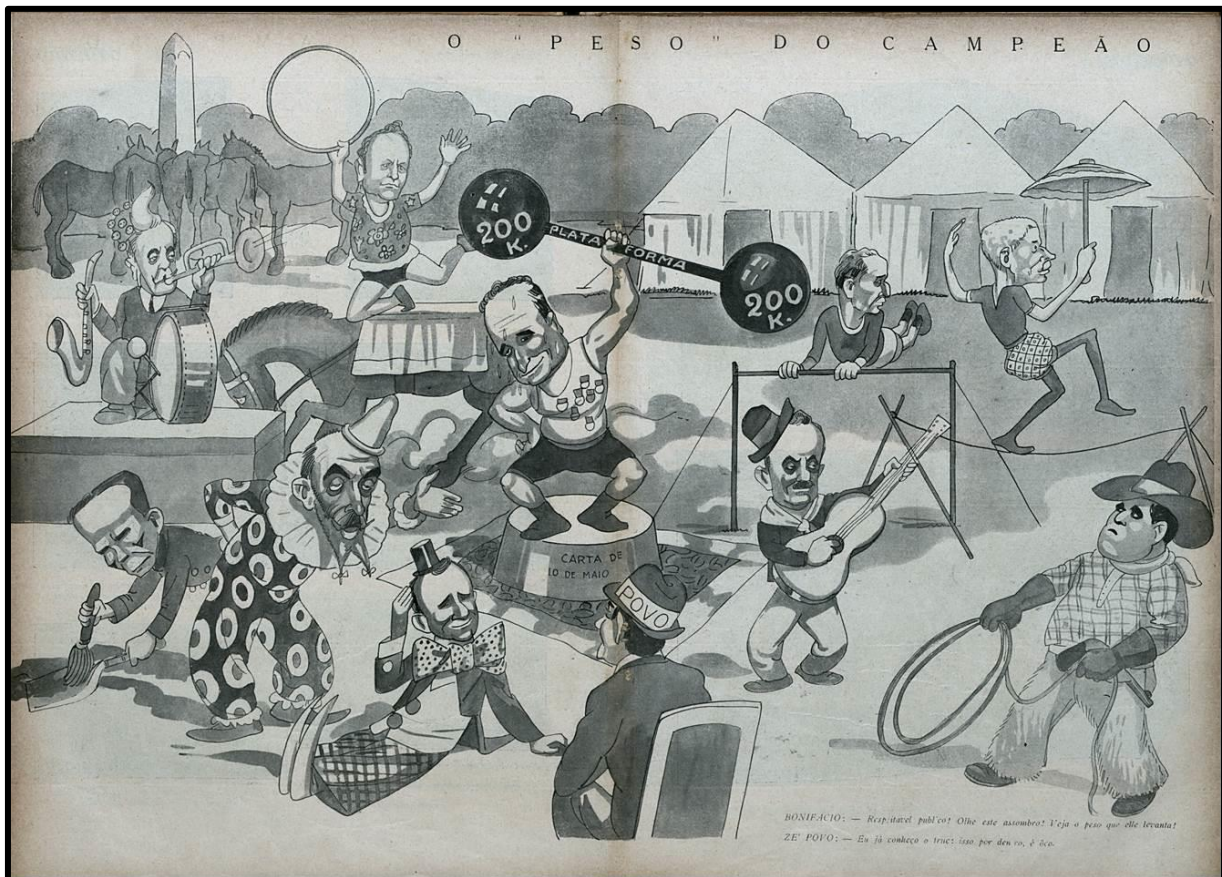




Em um ambiente circense, outra caricatura apresentava vários membros da Aliança desempenhavam papéis atinentes ao picadeiro, em quadro pelo qual Vargas seria o homem forte, que carregava um peso aparentemente extraordinário, representando a sua plataforma política. Incitado pelo mineiro José Bonifácio de Andrada e Silva, quanto ao “assombro” do peso levantado, o Zé Povo, outra representação da população brasileira, fazia pouco caso, dizendo que conhecia o truque, ou seja, o alteres seria oco por dentro, aludindo à suposta enganação aliancista e a falta de conteúdo de sua plataforma. O número de Estados que apoiariam cada um dos grupos em confronto foi o tema de desenho no qual a contenda partidária era representada como uma luta de boxe, na qual Antônio Carlos garantiria um apoio maciço, o que não viera a se confirmar, que modo que, com dezessete Estados a seu favor, Júlio Prestes teria aplicado um nocaute no político mineiro, que ficara apenas com três, enquanto seus auxiliares – o mineiro José Bonifácio e o gaúcho Neves da Fontoura – tinham de carregá-lo, desfalecido, pelo menos até a eleição, surgindo ao final o candidato governista como “campeão nacional” e Antônio Carlos em estado físico deplorável¹⁷. Diante de uma carta de Vargas dizendo que não poderia comparecer em Minas, Antônio Carlos reclamava ao portador, o gaúcho Flores da Cunha, que recomendava silêncio, caso contrário os cavalos seriam amarrados ao seu pescoço, em alusão chistosa mais uma vez ao obelisco. Tal preferência de Getúlio por São Paulo, em detrimento de Minas Gerais, aparecia em desenho no qual o rio-grandense empurrava Antônio Carlos, para tirar-lhe

¹⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 11 jan. 1930.

do caminho, visando o periódico a imputar desunião e traições em meio ao grupo aliancista. A candidatura de Vargas foi retratada como uma viagem de avião, na qual o político oposicionista se esboroava, abatido pela metralhadora da "opinião pública"¹⁸.



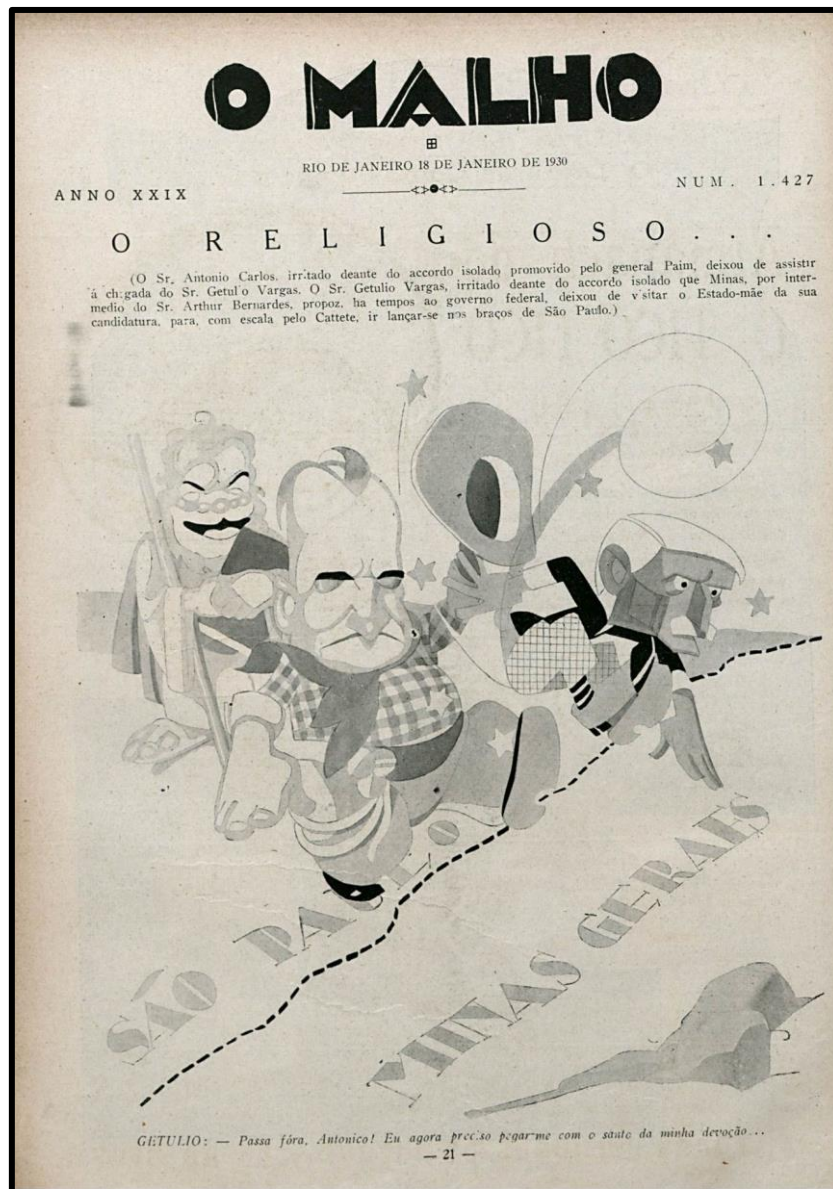
¹⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 18 jan. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO

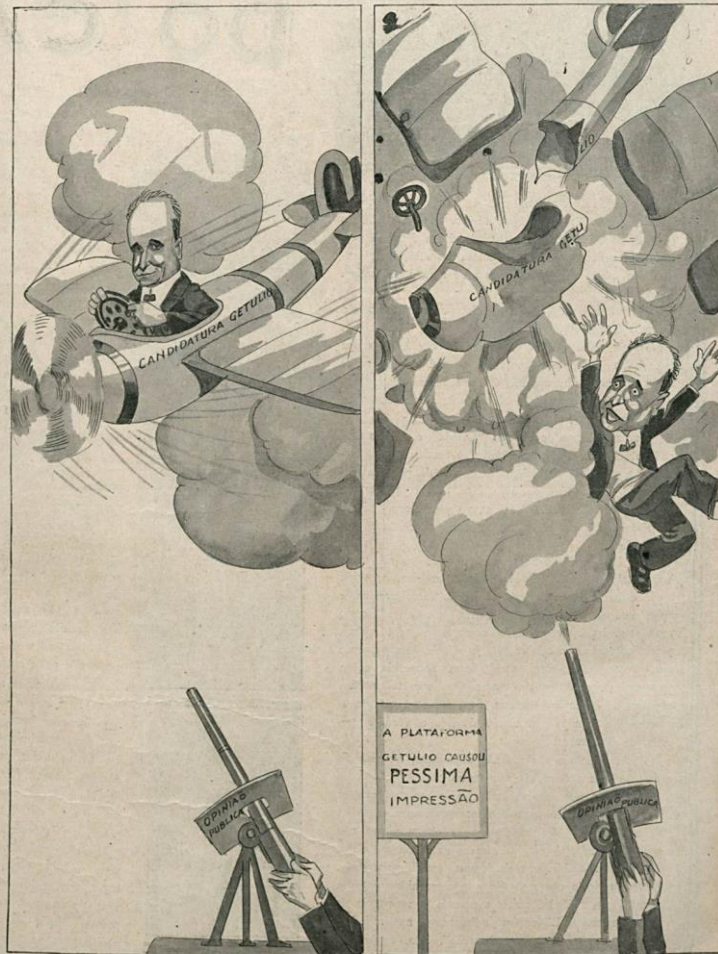


18 — Janeiro — 1930

o Malho

PLANOS AEREOS...

(Com o accordo Paím e as rusgas entre os Srs. Getulio e Antonio Carlos, considera-se a candidatura do primeiro como uma simples tapeação.)



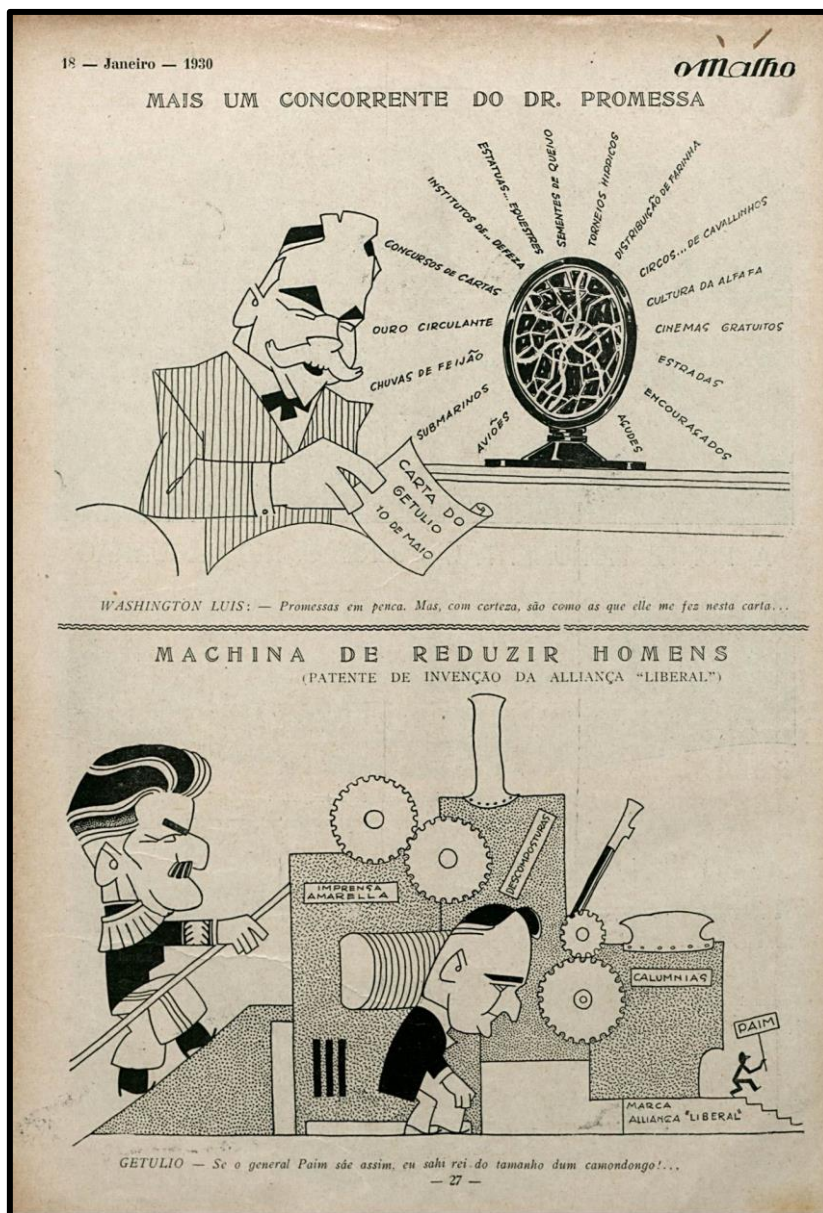
O Sr. Getulio Vargas veio pelos ares...

— 23 —

E "foi pelos ares"!...

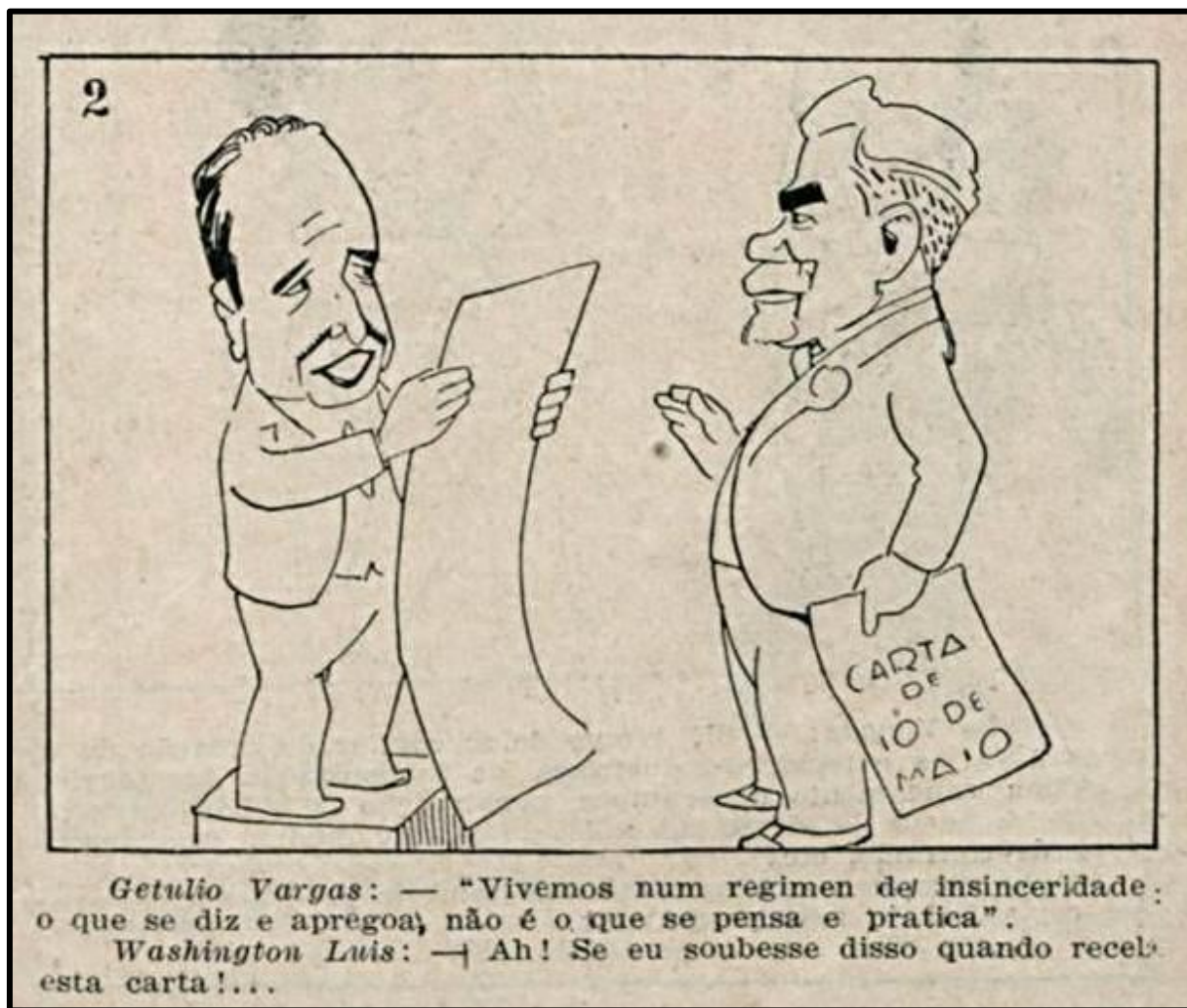
Uma suposta falta de credibilidade de Getúlio Vargas era o tema de outra caricatura na qual eram expedidas pelo autofalante uma série de compromissos de ações do político gaúcho, que seriam inexecutáveis, diante do que o ouvinte Washington Luís se referia àquelas “promessas em penca”, que, segundo sua convicção, não se realizariam, assim como a garantia que Vargas dera em correspondência ao Presidente, atinente à suas pretensões políticas. Outro desenho sarcástico e cômico colocava a Aliança Liberal como inventora de uma máquina cuja principal função era a “reduzir homens”, a partir de mecanismos como o uso da “imprensa amarela”, das “descomposturas” e das “calúnias”, constituindo um engenho que já teria diminuído o conceito do general Firmino Paim, aparecendo Getúlio Vargas meditando, ao compreender que tal máquina viria a reduzi-lo ao “tamanho dum camundongo”. Em “A plataforma interessante”, o periódico apresentava o candidato Vargas proferindo o discurso em que revelava seus projetos de governo, vindo o mesmo a ser desmentido ou sofrendo contraditas, que revelavam os limites das propostas, com as intervenções do Zé Povo e do Jeca, em referência ao povo brasileiro; de Washington Luís; da nação brasileira, representada pela dama republicana; de seus companheiros aliancistas Antônio Carlos e João Pessoa; do candidato concorrente Júlio Prestes; de um aparelho telefônico; de um de seus espectadores, designado como um burro; de um funcionário público; de John Bull, símbolo do imperialismo britânico; de um fazendeiro, em alusão aos cafeicultores; e de uma figura feminina, traduzindo a opinião pública¹⁹.

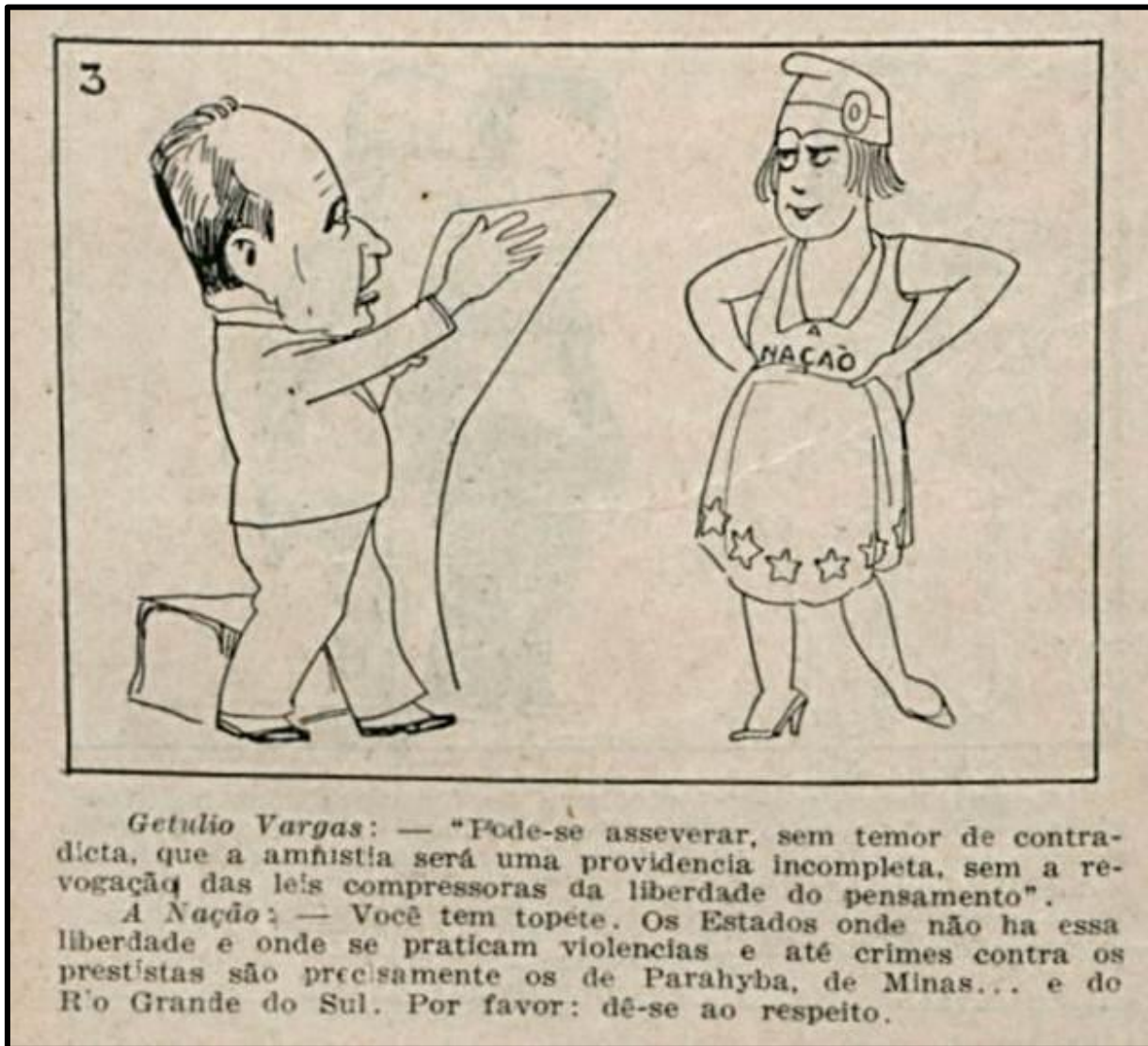
¹⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 18 jan. 1930.

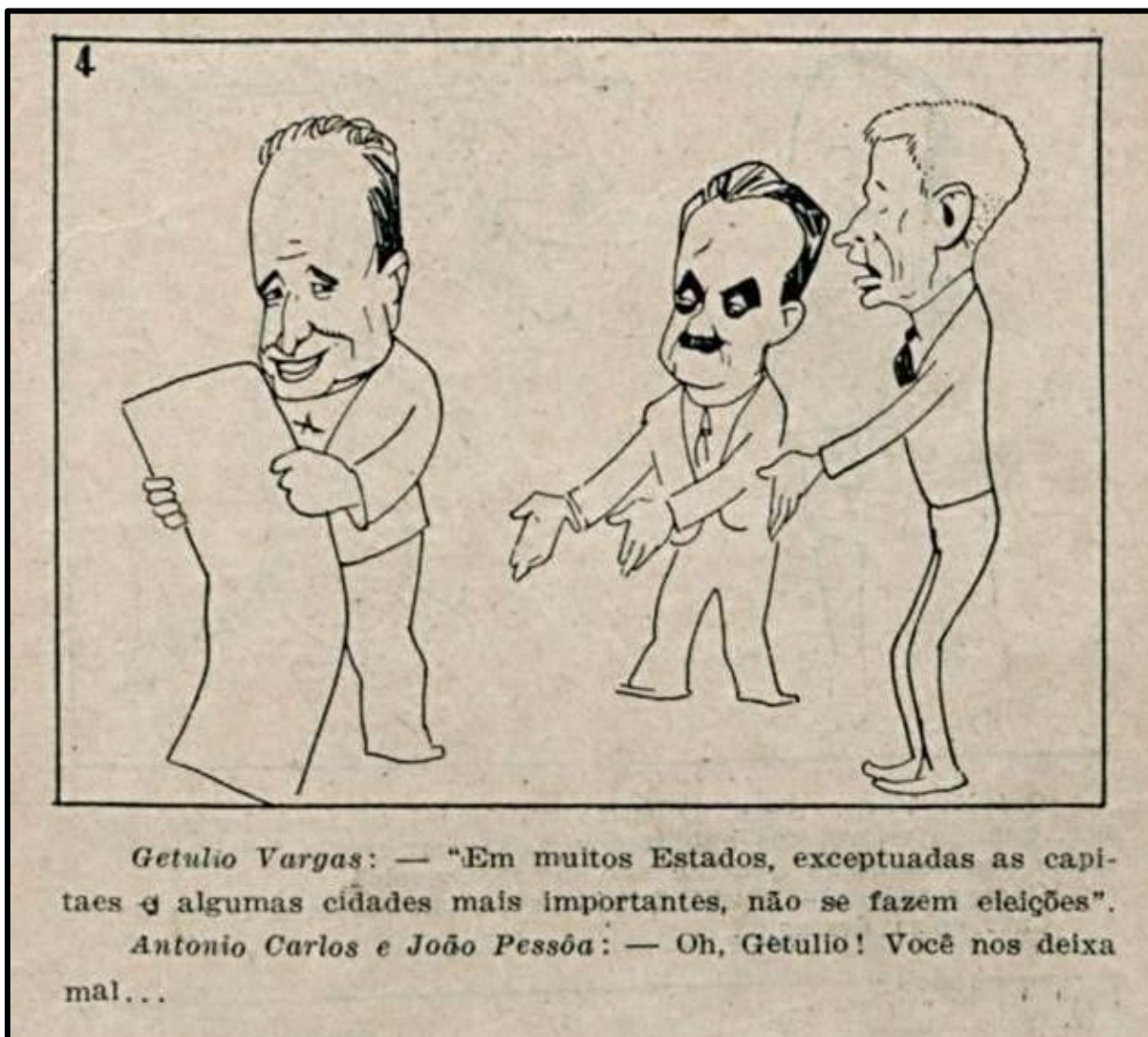


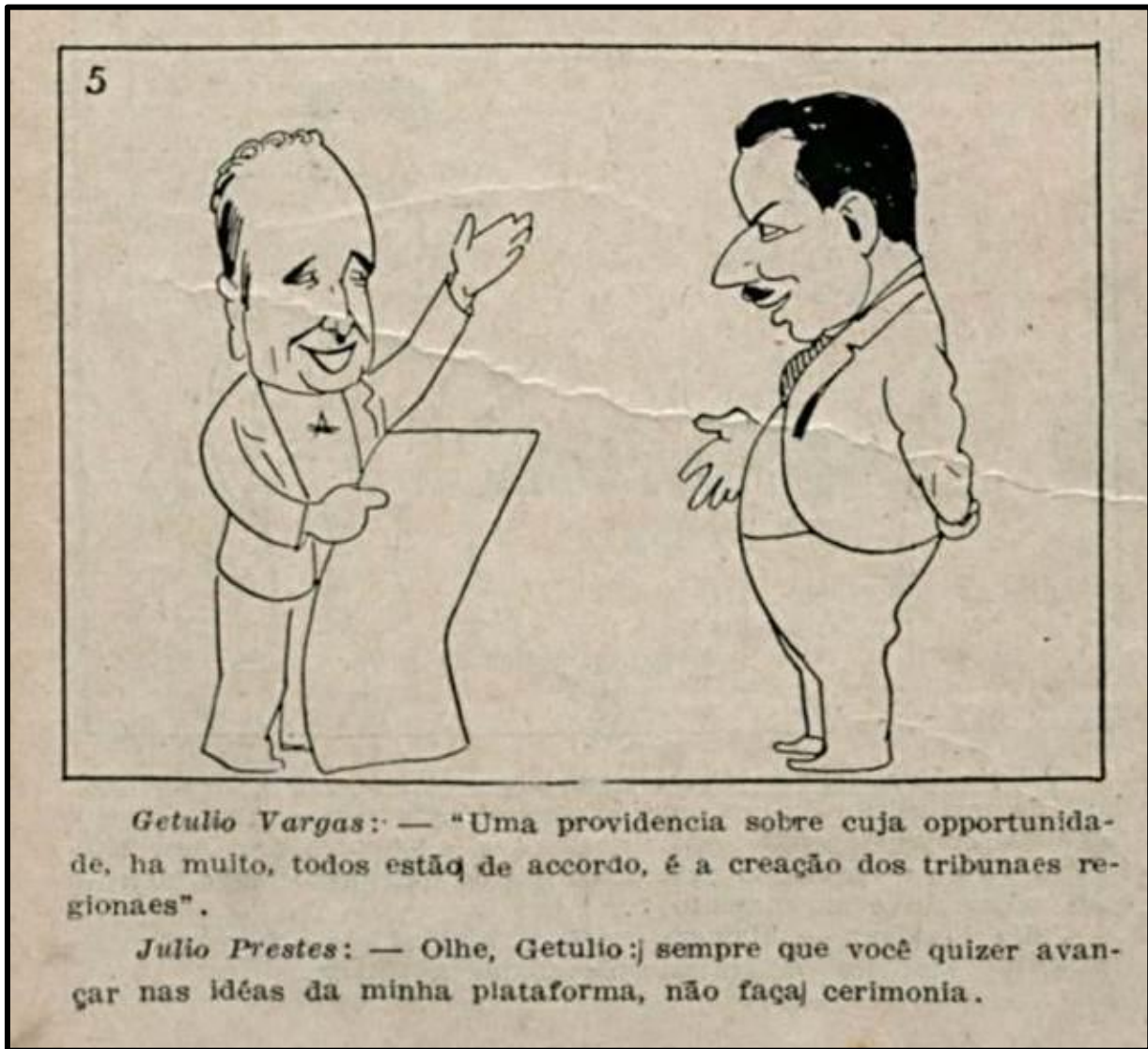
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO















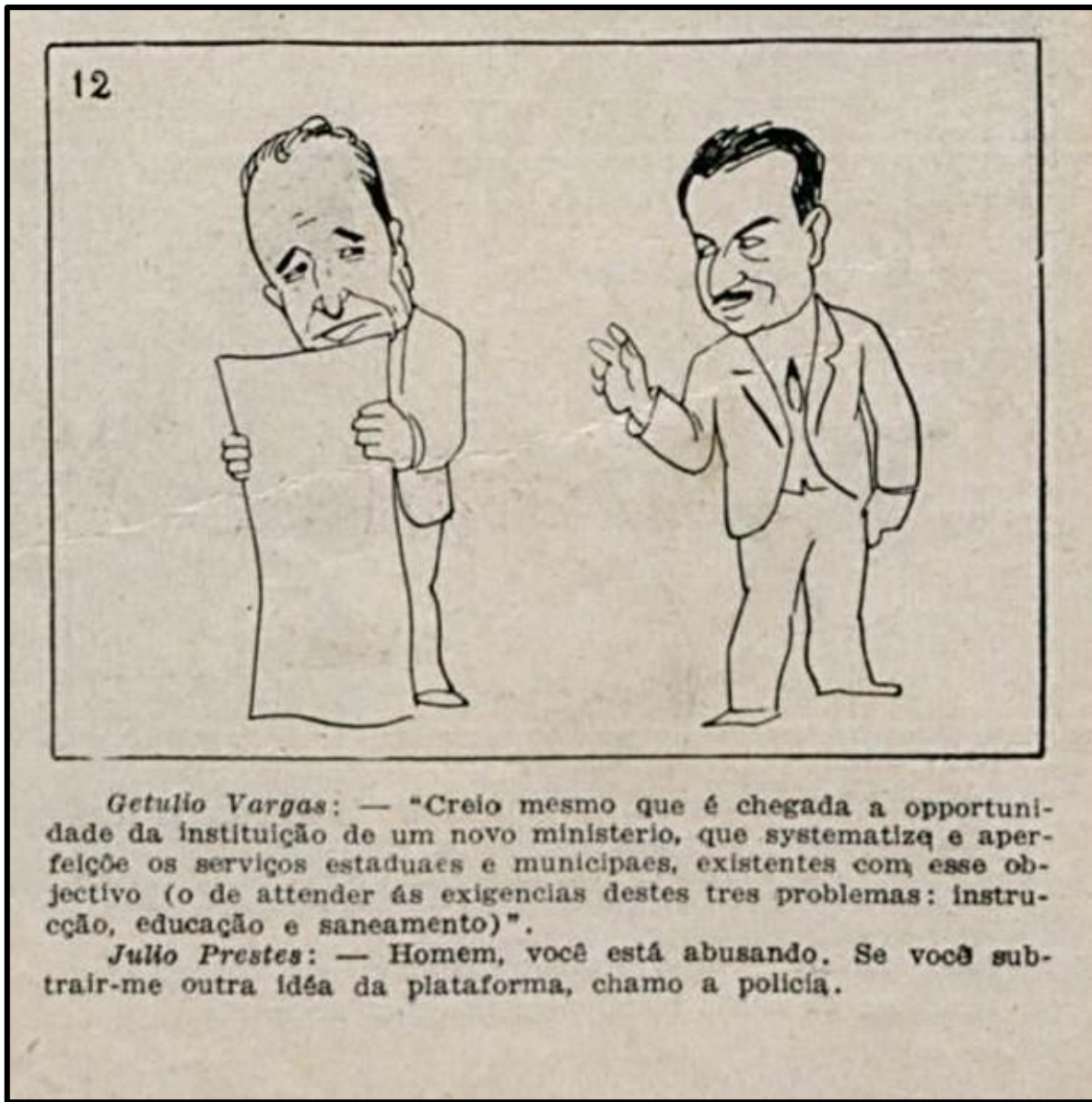


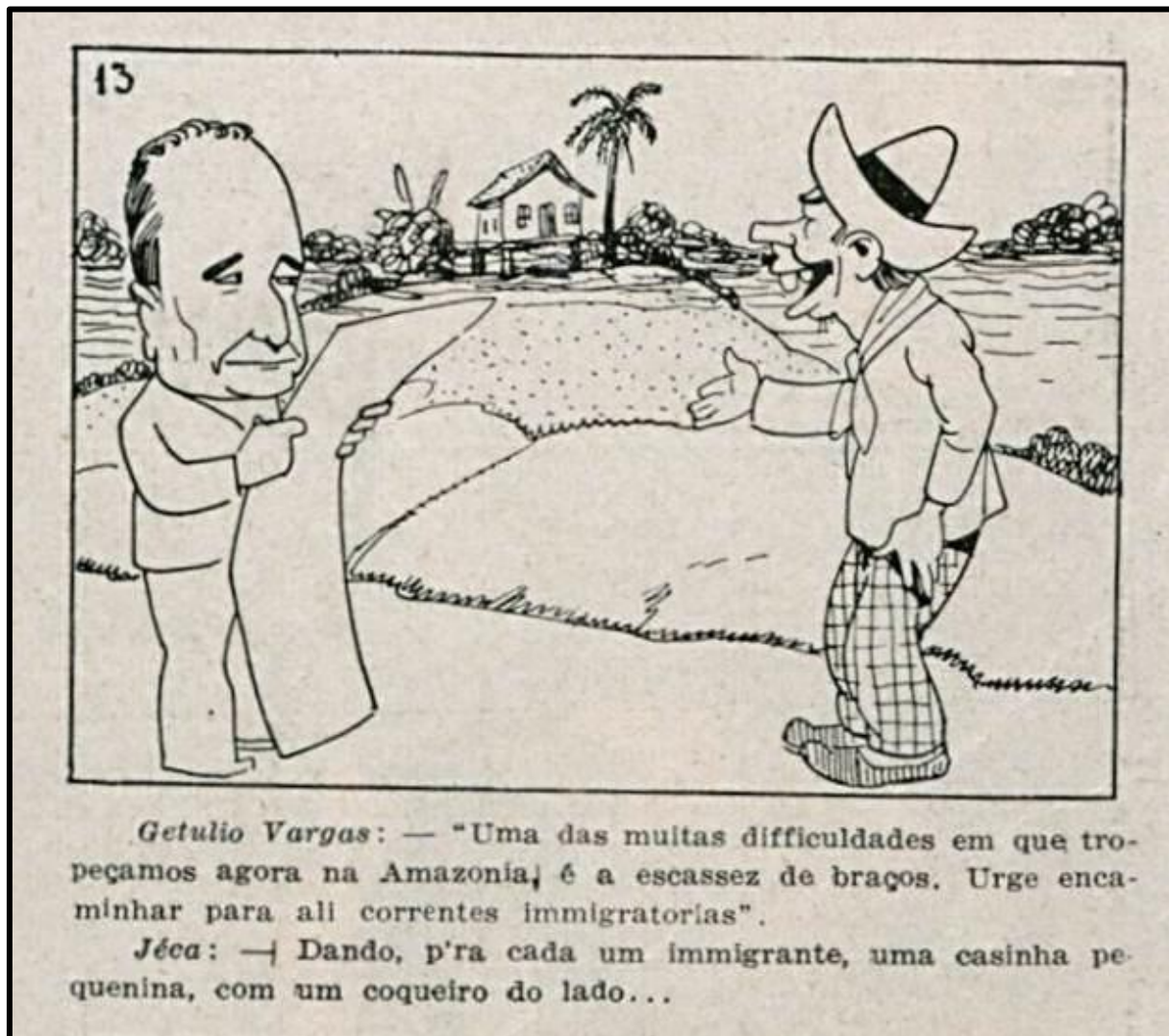
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO

















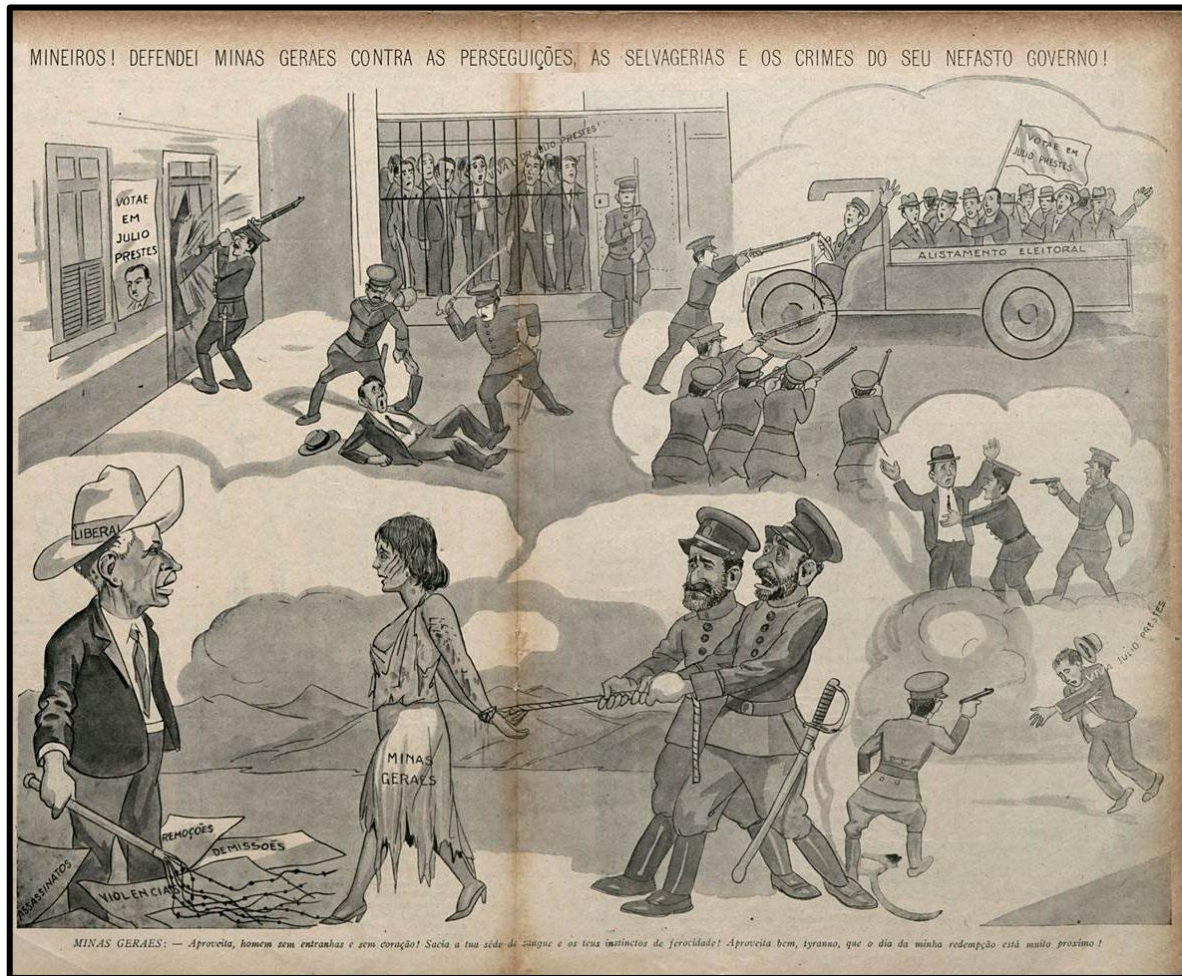




O semanário representava o governante mineiro Antônio Carlos como um déspota, pronto a flagelar a dama que representava o seu Estado, a qual era conduzida por dois militares, amarrada e com as vestes esfarrapadas, ao passo que a figura do político era associada a assassinatos, violências, remoções e demissões, além de utilizar-se da força policial para praticar todo tipo de coerção contra os votantes de Júlio Prestes. Nesse sentido, a folha conclamava os mineiros a se defender “contra as perseguições, as selvagerias e os crimes”, praticados por aquele “nefasto governo”. Além disso, a figura feminina que designava Minas Gerais, referia-se a Ribeiro de Andrada, como um “homem sem entranhas e sem coração”, que possuía “sede de sangue” e “instintos de ferocidade”, vindo a avisar ao “tirano” que aquilo teria um fim, quando chegaria a “redenção” do Estado. Em outra representação iconográfica, a Aliança Liberal era apresentada como uma mulher moribunda, atirada ao chão, sendo adejada por vários urubus – animais que se alimentam da morte –, que designavam várias das lideranças aliancistas²⁰. Antônio Carlos era mais uma vez evidenciado como o indivíduo que traria consigo a destruição, como demonstrava a cena às suas costas, sendo questionado pela alegoria feminil que simbolizava Minas Gerais sobre o motivo de trazer em suas mãos um gigantesco copo cheio de sangue, ao que o político respondia com avidez que seria para matar a sua sede. Em outra ilustração, diante do olhar de Artur Bernardes, Antônio Carlos mostrava a transformação pela qual passara em suas atitudes, mudando de um cavalheiro para um carrasco, o qual era qualificado

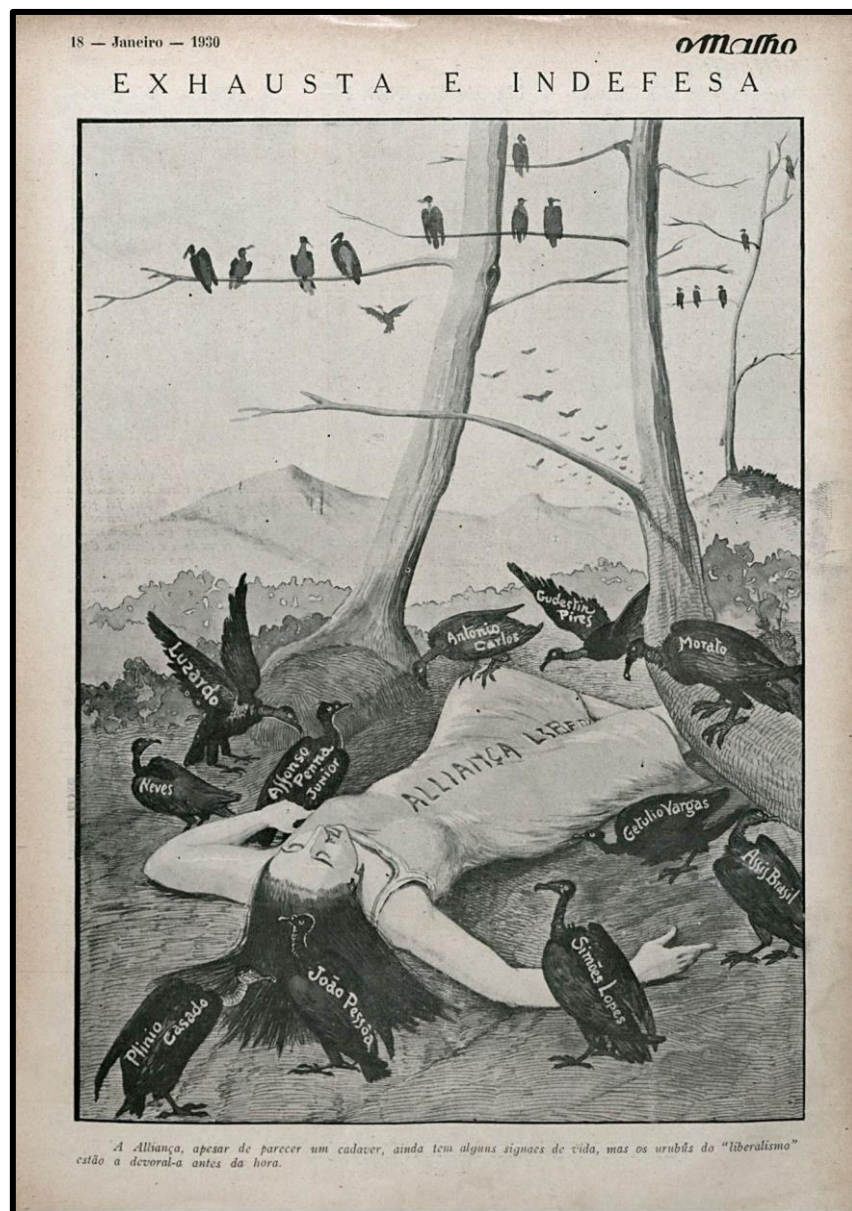
²⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 18 jan. 1930.

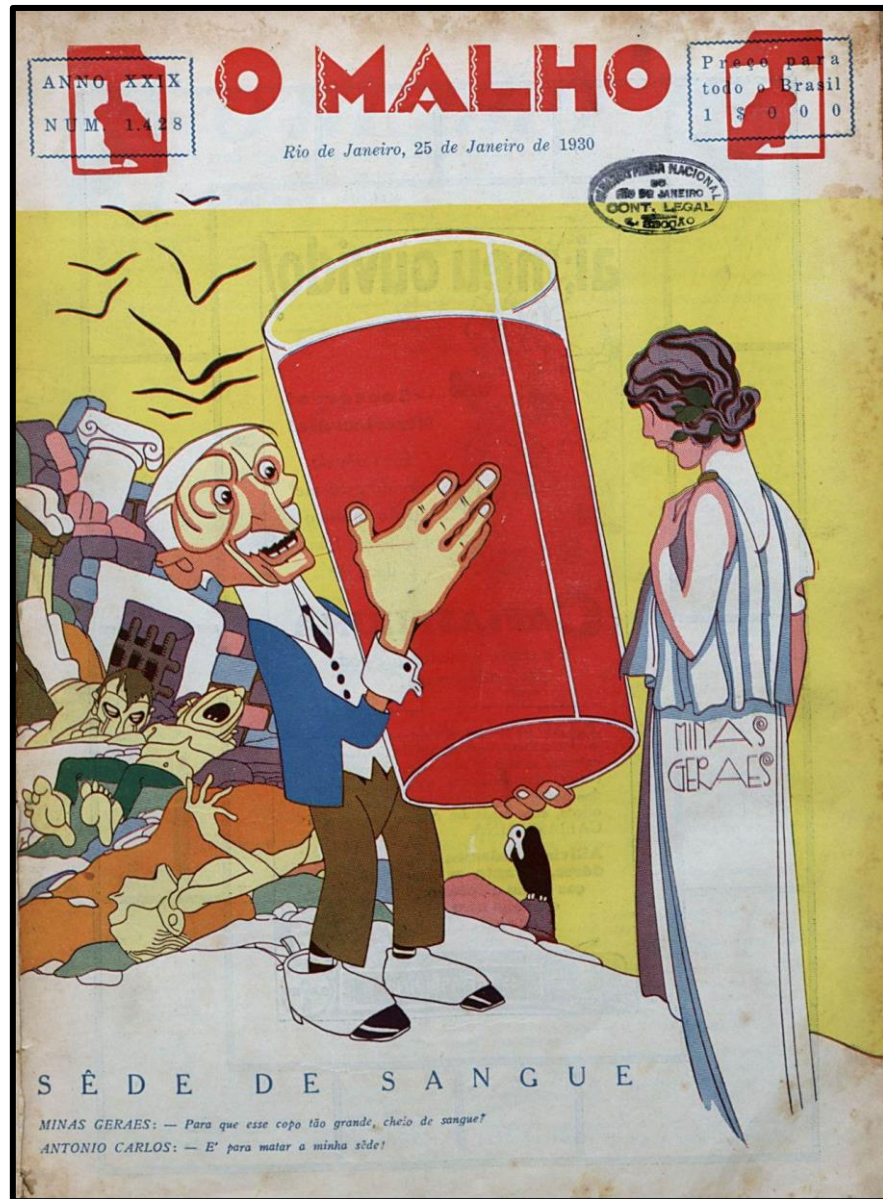
como “o mais violento, cruel, intolerante, vingativo, tenebroso” e “sanguinário” governante mineiro²¹.



²¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 25 jan. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



A respeito de uma “excursão eleitoral” promovida pela “caravana liberal”, o periódico, mantendo o tom crítico, ressaltava alguns dos suvenires que poderiam ter sido arrecadados durante a viagem, contendo objetos que teriam demarcado a impopularidade ou a desonestidade dos aliancistas, refletindo questões como as dissidências em meio à frente gaúcha, cartas com conteúdo falso, veículos de transporte público adquiridos por meio de negociatas, instrumentos e armas utilizadas para reprimir os apoiadores da candidatura governista, objetos roubados dos apoiadores de Júlio Prestes e utensílios de limpeza usados para menosprezar membros da Aliança. Considerado como “a maior cabeça da Aliança Liberal”, literal e figurativamente, Antônio Carlos era representado com tal parte do corpo em tamanho grandemente desproporcional, de modo que haveria mais lugar para ser ocupado pelo pensamento considerado como maligno do personagem, contendo elementos como incêndios, violências, covardia, crimes, perseguições, fraudes, selvagerias, assassinatos e dilapidação do Tesouro de Minas²². A ironia tomava conta da capa na qual Ribeiro de Andrada era mais uma vez o protagonista, na qual tal personalidade política aparecia fortemente armado, mas reclamava de uma propalada intervenção do governo federal, ao pedir socorro, considerando-se atacado à baioneta, quando se tratava de uma mão carregando uma flor, em alusão a uma possível concessão de habeas-corpus a alguns de seus adversários²³.

²² O MALHO. Rio de Janeiro, 25 jan. 1930.

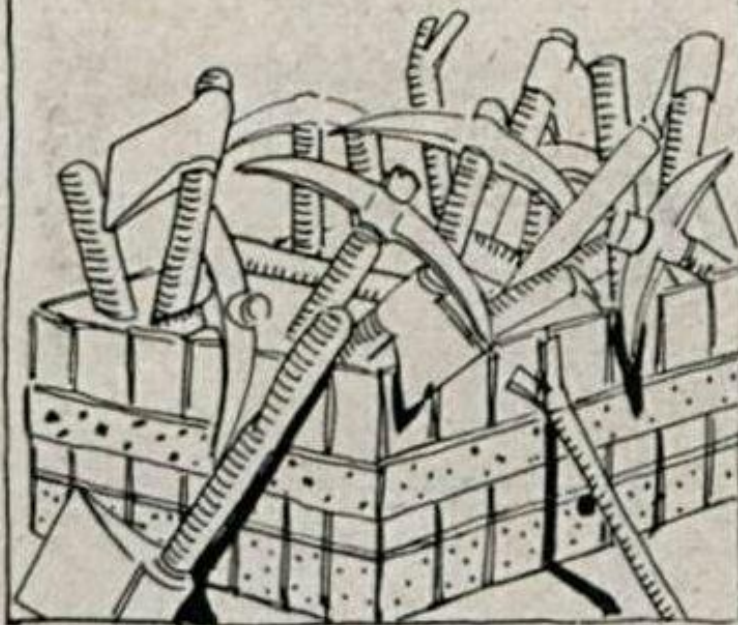
²³ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º fev. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO







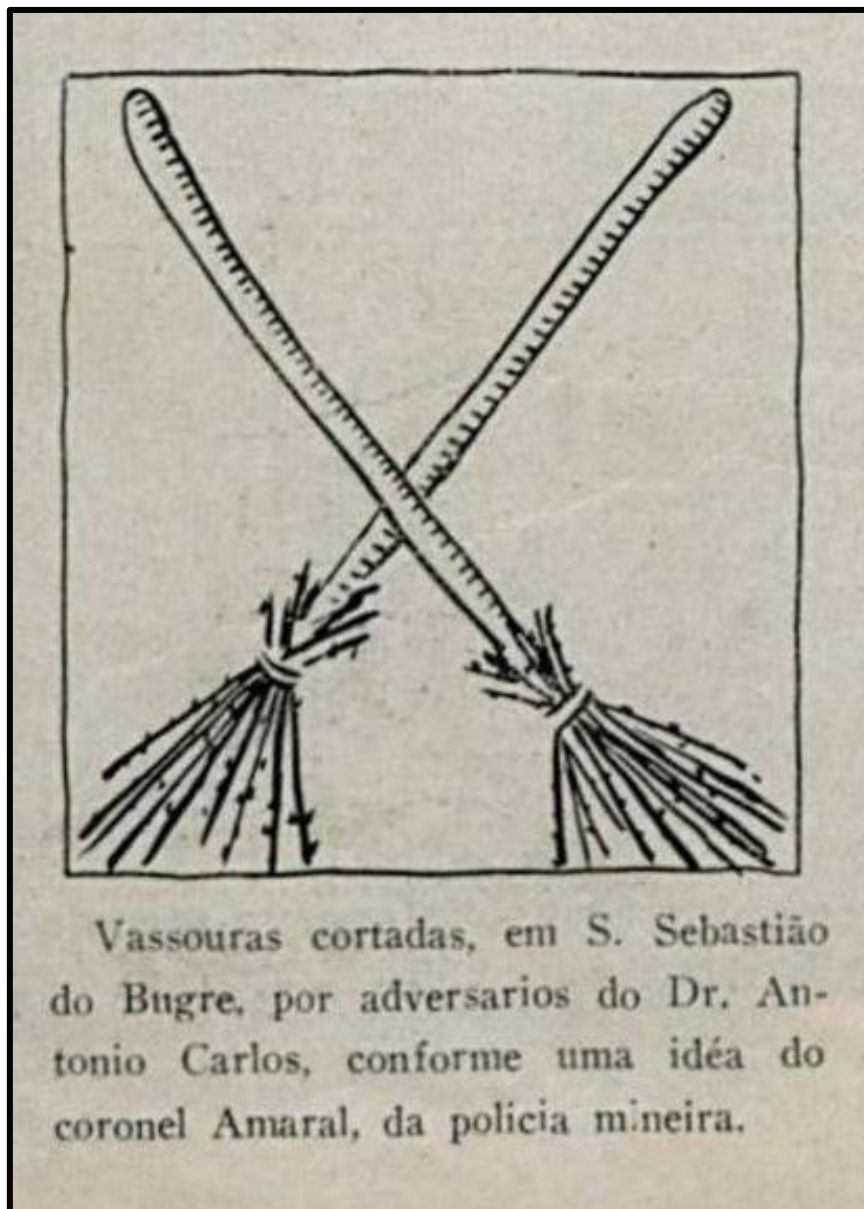


Instrumentos utilizados pela policia mineira para arrombamentos das casas das familias dos opposicionistas em Minas.



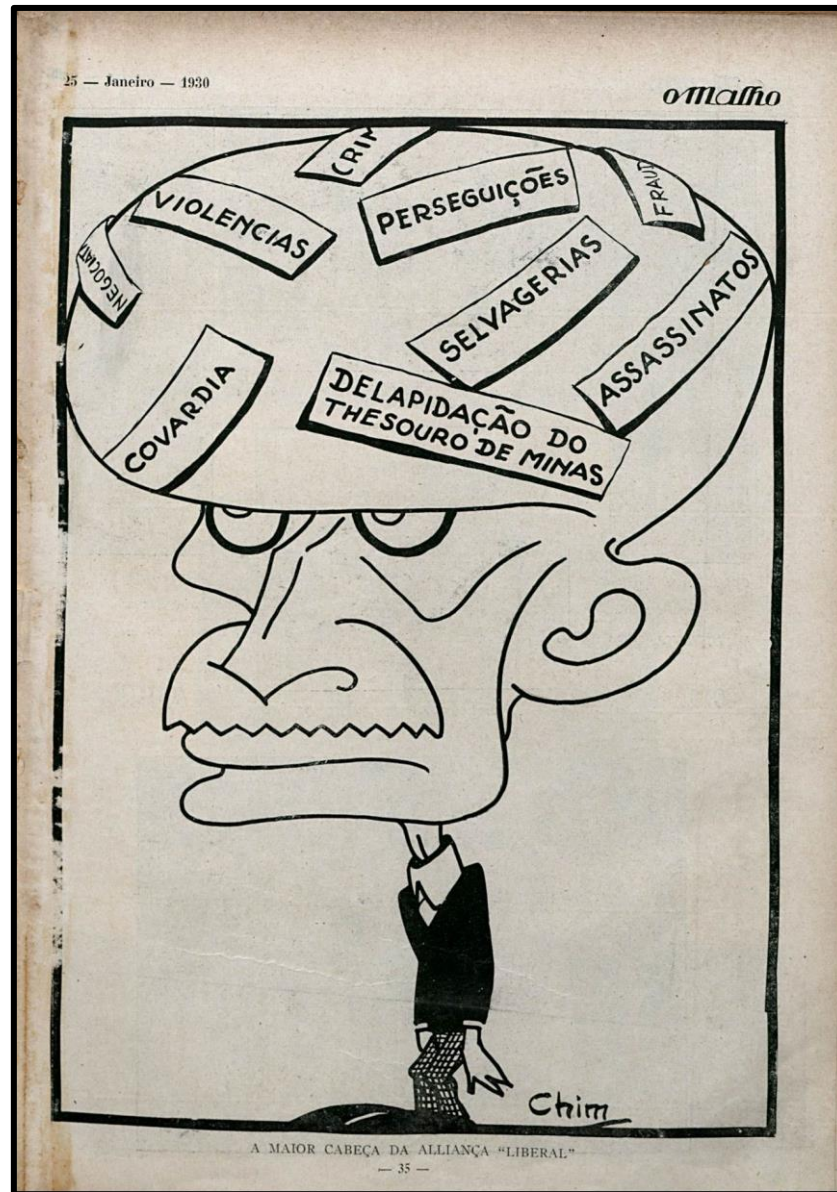






Vassouras cortadas, em S. Sebastião do Bugre, por adversarios do Dr. Antonio Carlos, conforme uma idéa do coronel Amaral, da policia mineira.





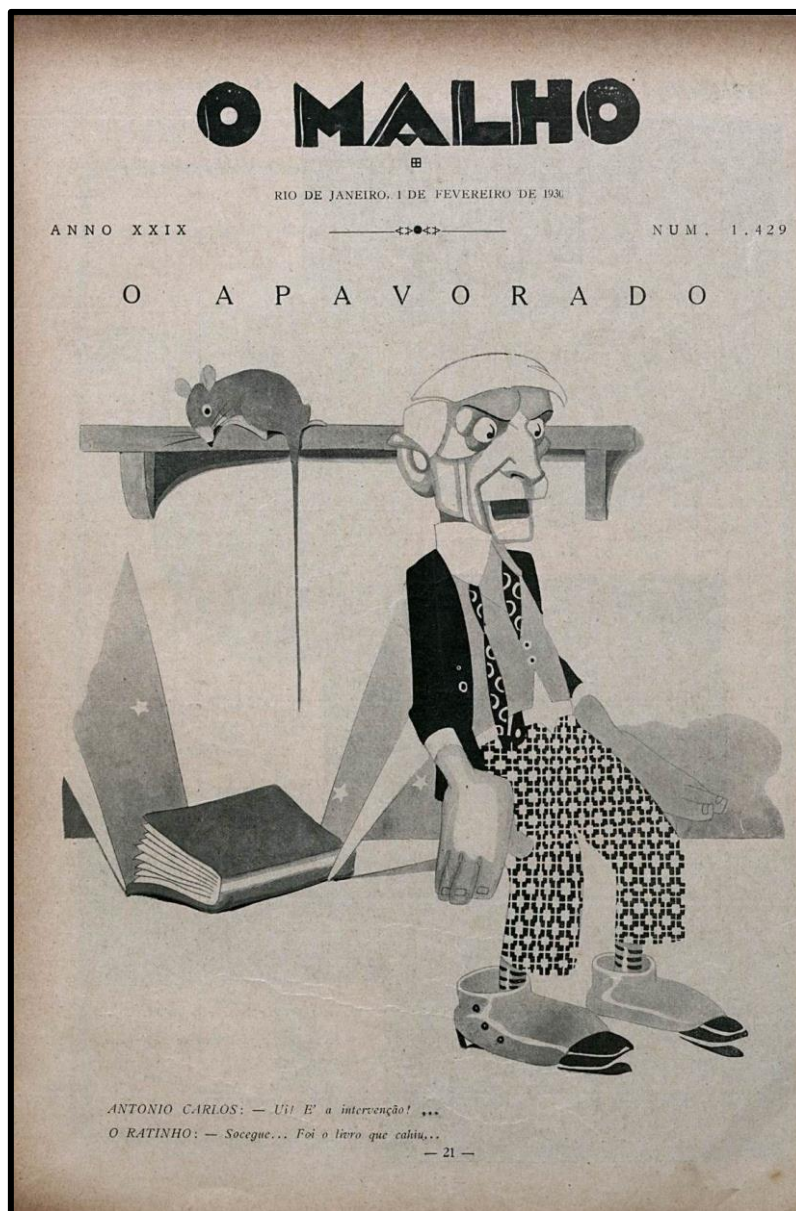
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



O receio de uma intervenção federal em Minas era mais uma vez demarcado com a imagem de um Antônio Carlos “apavorado”, imaginando que o barulho da queda de um livro pudesse ser sinônimo do processo intervencionista, em um exacerbado pânico, que só seria amenizado pela presença de um “ratinho”, o qual buscava tranquilizar o político. Retornando ao tema da viagem aliancista, o semanário se referia a uma “propaganda sinistra”, denunciando que “a bagagem da caravana ‘liberal’” era constituída por baús e malas que continham os corpos de indivíduos assassinatos por defenderem a candidatura “prestista”. Ainda a respeito do mesmo assunto, o periódico apresentava “os ‘liberais em atividade”, associando uma fotografia à arte caricatural, de modo que, na primeira havia uma série de urubus, designando a “caravana ‘liberal’” em uma biblioteca, onde fora “coligir dados para propaganda da candidatura Getúlio Vargas”, ao passo que a segunda trazia uma “coleção de livros de consulta, que a caravana ‘liberal’ levou consigo na sua viagem de propaganda pelos Estados do Norte”, a qual, ao invés de material de leitura, era composta de balas, granadas, espingardas, revólveres e espadas, em alusão às supostas práticas de violência por parte dos aliancistas. Tal conteúdo violento era estampado também numa imaginada “bandeira da Aliança Liberal”, a qual era carregada por “seu macabro defensor”, ou seja, o político mineiro Antônio Carlos. O mesmo personagem surgia ainda como um cangaceiro, simbolizando a bandidagem, e destacado como uma “onça fora da cova”, carregando uma arma fumegante e uma faca suja de sangue, enquanto vociferava: “Em guarda, mineiros! Eu sou liberal!”²⁴.

²⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º fev. 1930.

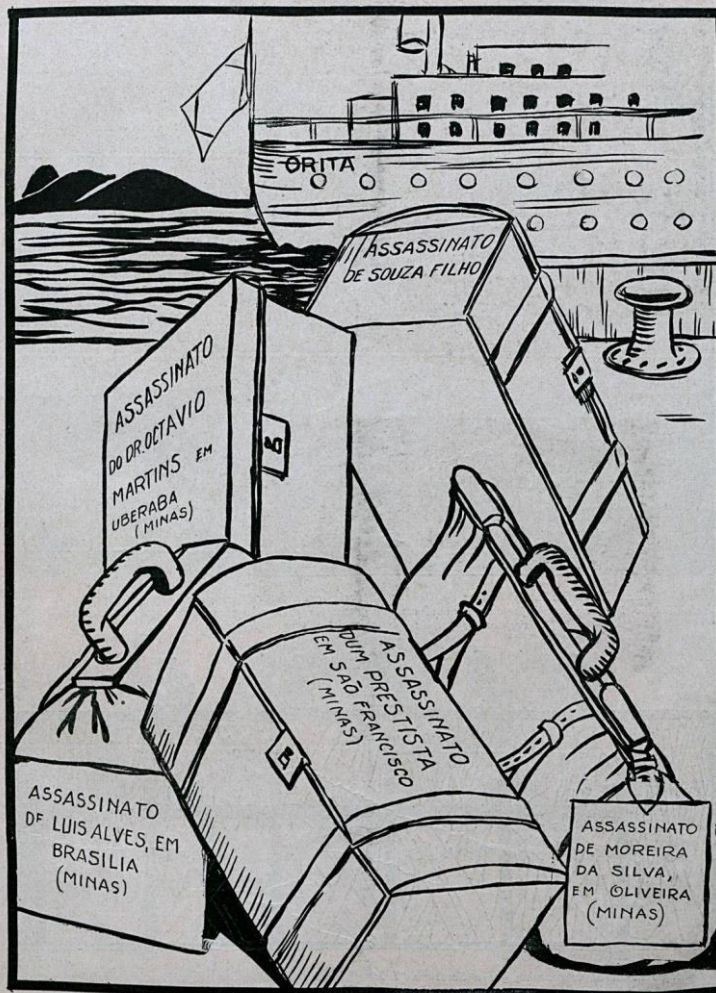
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



1 — Fevereiro — 1930

o Malho

PROPAGANDA SINISTRA



A BAGAGEM DA CARAVANA "LIBERAL"

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO

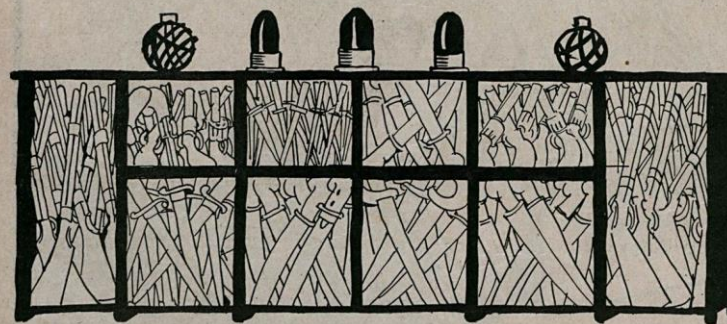
o Malho

1 — Fevereiro — 1930

OS "LIBERAES" EM ACTIVIDADE



A caravana "liberal", reunida na bibliotheca da Ilha da Sapucaia, onde foi colligir dados para propaganda da candidatura Getulio Vargas. Essa importante reunião, em que grassaram demoradamente varios oradores, realizou-se na vespera da partida dos aliancistas para o Norte.



Collecção de livros de consulta, que a Caravana "Liberal" levou consigo na sua viagem de propaganda pelos Estados do Norte.

— 24 —



O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO

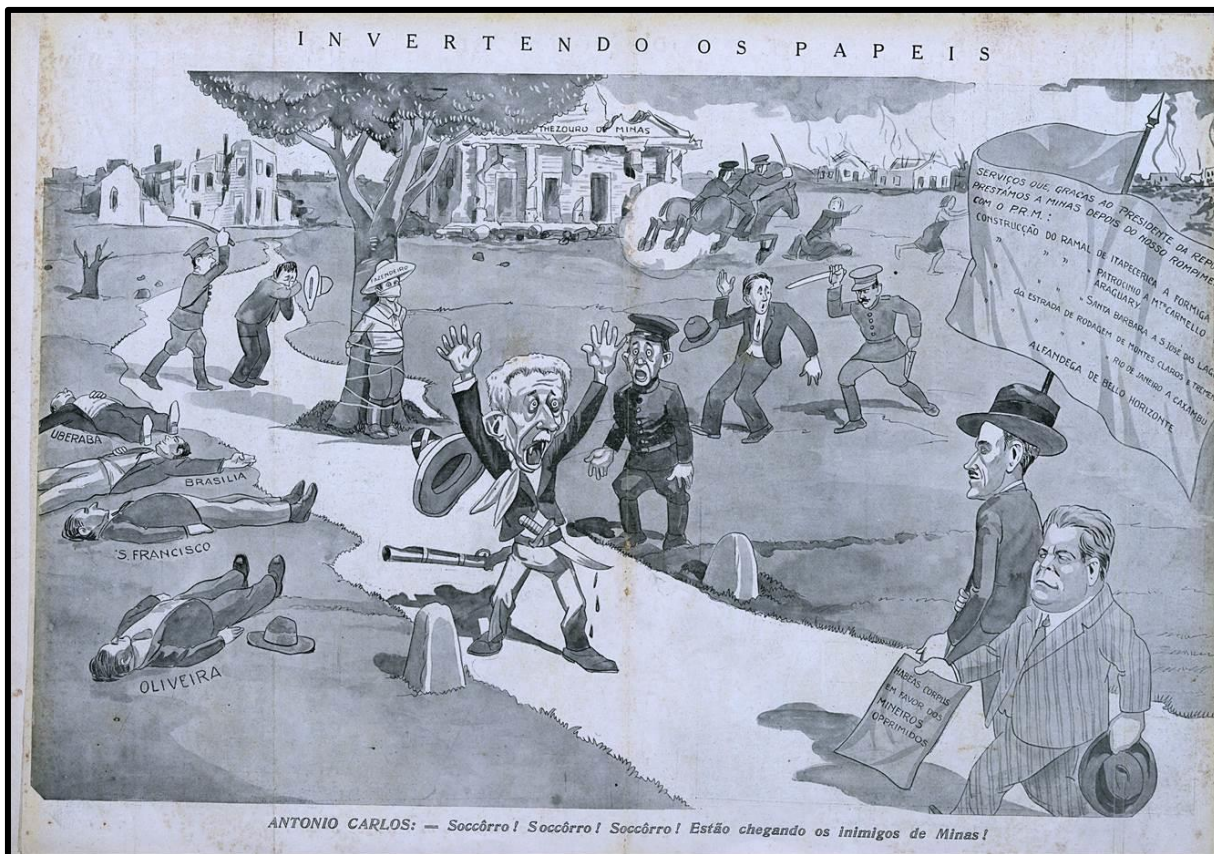


O ex-Presidente Epitácio Pessoa, que dava apoio à Aliança Liberal, aparecia bradando e gesticulando sobre uma lata de querosene, em referência a um “discurso revolucionário” que ele teria proferido na partida “das caravanas liberais”, de modo que o desenho sugeria que o político estaria atuando para colocar fogo na disputa, em alusão a tal manifestação de suposta rebeldia, perante a qual o Zé Povo estranhava tal exaltação, obtendo por resposta que seria necessário “endireitar esta joça”, demarcando ainda mais o estranhamento quanto à postura do aliancista. Um “cartaz de propaganda da candidatura de Getúlio Vargas, foi apresentado caricaturalmente pelo periódico, ao mostrar um homem morto, estirado ao chão e ensanguentado, com uma arma branca fincada às costas, havendo ainda uma tabuleta que indicava que “a Aliança Liberal” passara por ali, havendo a invocação de dois sentidos, o literal, com as constantes acusações de práticas violentas, que o semanário imputava aos aliancistas; e o figurado, por tratar-se de uma punhalada pelas costas, demarcando a realização de uma traição, ato também por diversas vezes atribuído aos membros da Aliança. Mais uma vez com ironia, a publicação ilustrada trazia Antônio Carlos, armado e com dentes vampirescos, associado a múltiplas ações violentas e repressivas, que, frente à chegada de seus inimigos políticos, apontava que estariam chegando “os inimigos de Minas”²⁵.

²⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º fev. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





Ainda quanto às atitudes de Antônio Carlos, o hebdomadário apontou ironicamente para um “crime de alta traição”, em cena na qual o político mineiro **seviçava** um menino, amarrado a uma árvore e em prantos, acusando-o de ter matado o seu pai, ao que o outro, carrancudo e carregando um enorme chicote, respondia que se tratara de um ato considerado normal, pois o

progenitor da criança teria sido um “traidor de Minas”, pois dera “um viva a Júlio Prestes”. O governante de Minas dividia o protagonismo com Vargas em outra caricatura, que fazia referência a negociatas na aquisição de bondes em seu título, e, no conteúdo, mostrava a aproximação de uma possível revolução, designada por uma mulher armada, que avançava pela fronteira do Uruguai, em relação a qual Ribeiro de Andrada perguntava acerca de tal “ferazinha”, com Vargas supostamente abandonando-o sozinho quanto a pretensões rebeldes, afirmando que não queria “saber mais dela”²⁶. A acusação de falsidade para com Antônio Carlos permanecia em gravura de capa, na qual ele era tratado como “o homem de duas caras”, ou seja, inconfiável, pois confabulava com Artur Bernardes, demarcando “a infâmia dos jornais aliancistas” para com o interlocutor, quando, na verdade, o responsável pelos ataques ao ex-Presidente seria ele próprio. O Jeca topava com uma “caravana liberal”, carregando “discursos” e “virtudes”, mas sendo conduzida pelo próprio “demônio”, em analogia aos males que a revista via em tal frente política. As denúncias contra a apontada violência aliancista aparecia novamente com desenho em que Ribeiro de Andrada surgia novamente com dentes de vampiro, além de carregar uma arma branca à cintura, armando uma força e com as mãos sujas de sangue, vindo a ser denominado de “um liberal de mão cheia”. As traições da Aliança Liberal apareciam mais uma vez com as perseguições a um de seus membros no Rio Grande do Sul, que era apunhalado pelas costas, pela figura feminina que representava a frente, ato considerado como comum em seus quadros²⁷.

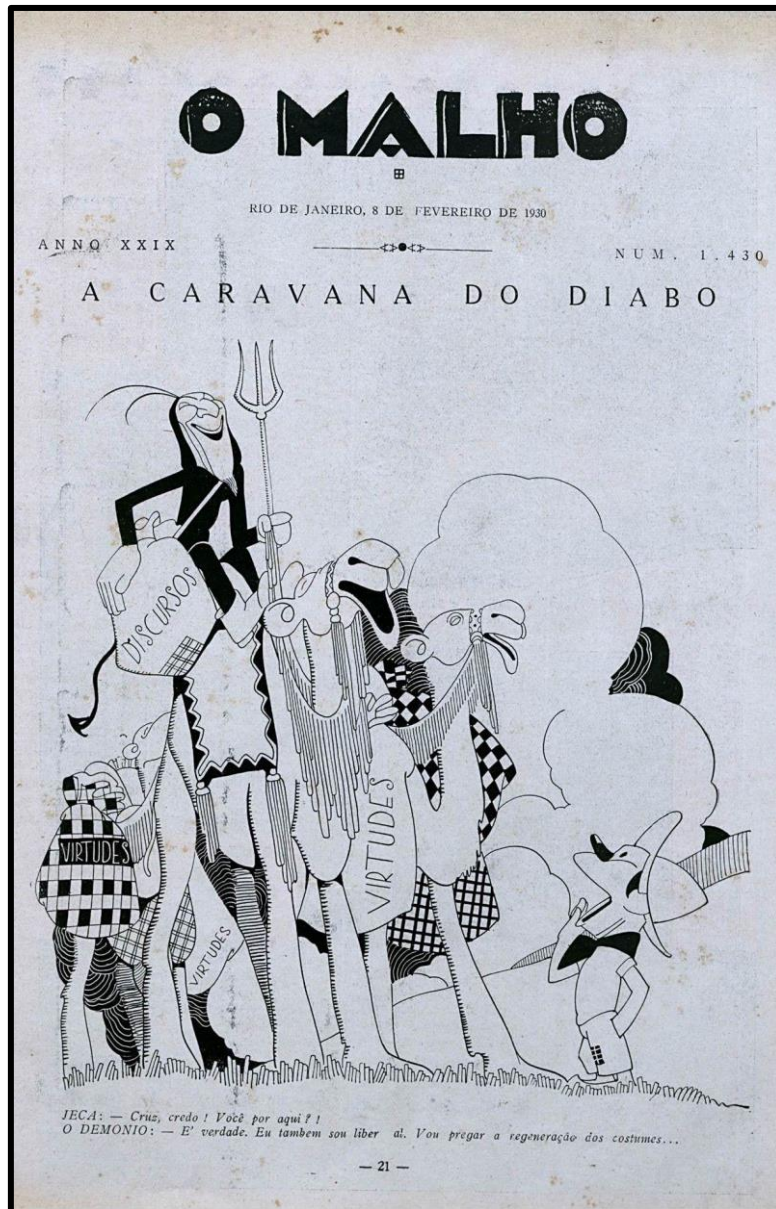
²⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º fev. 1930.

²⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 fev. 1930.

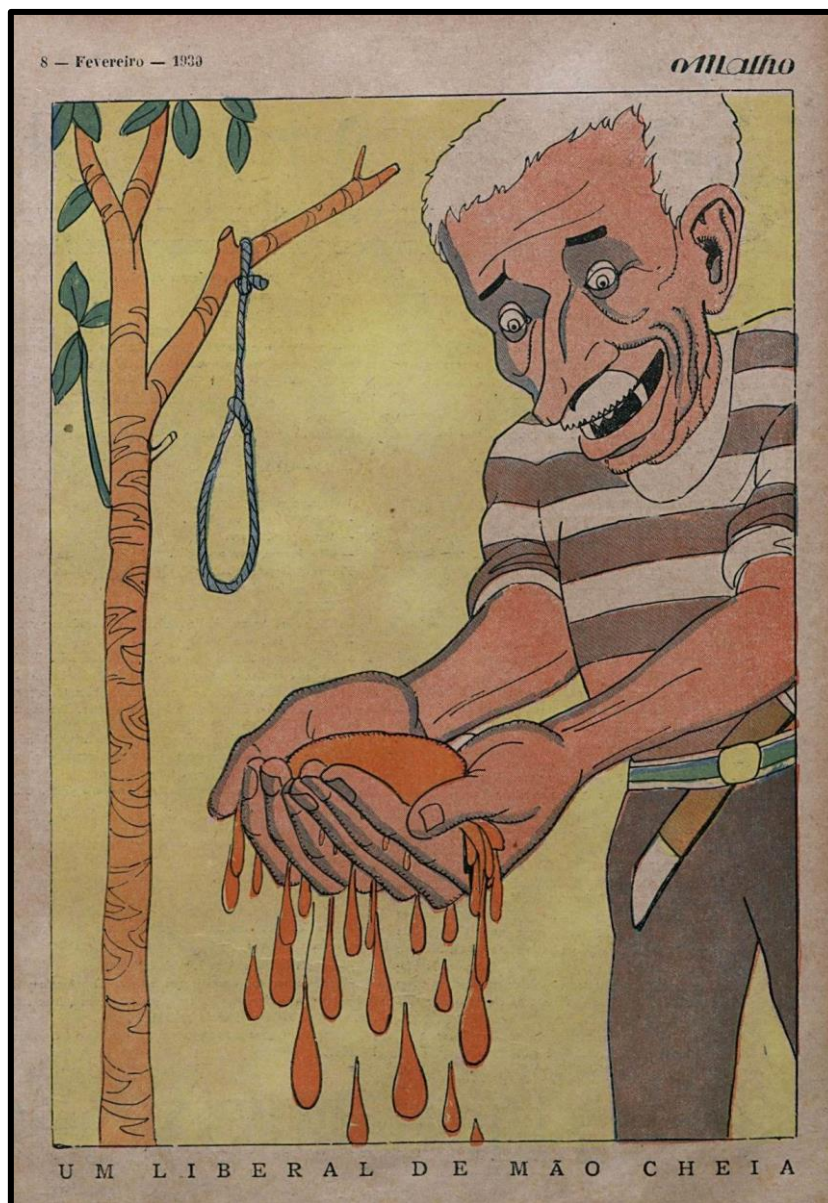


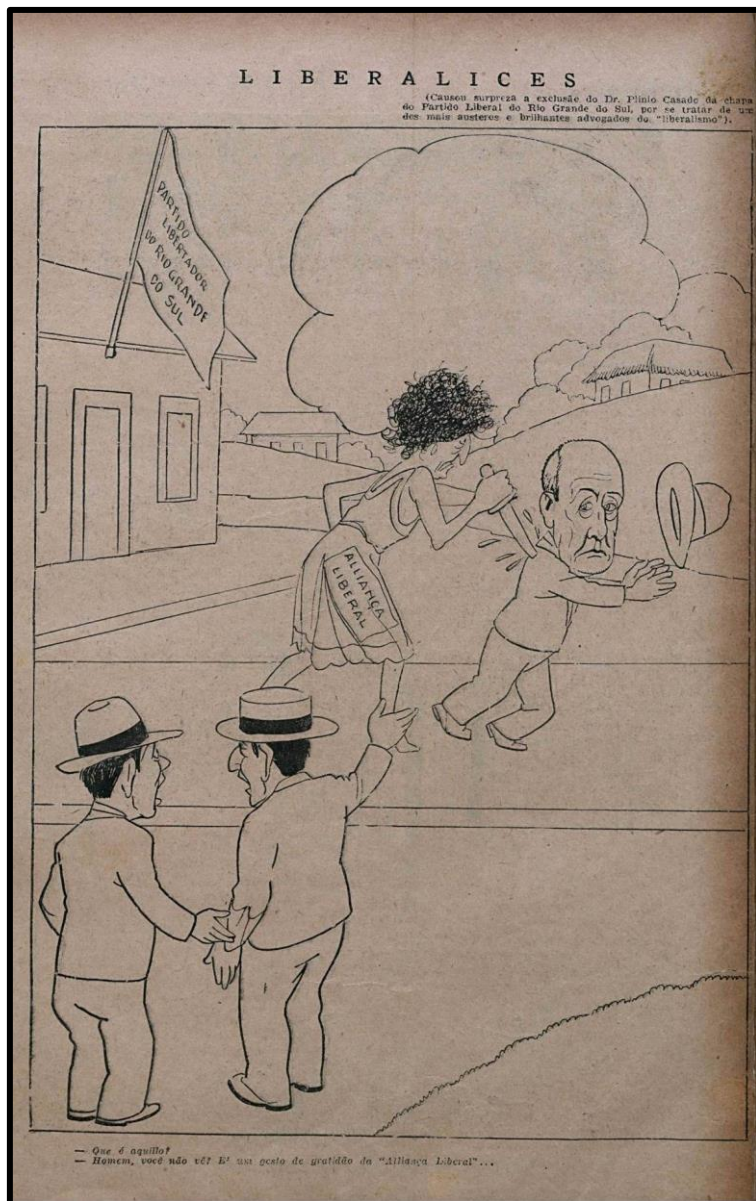
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





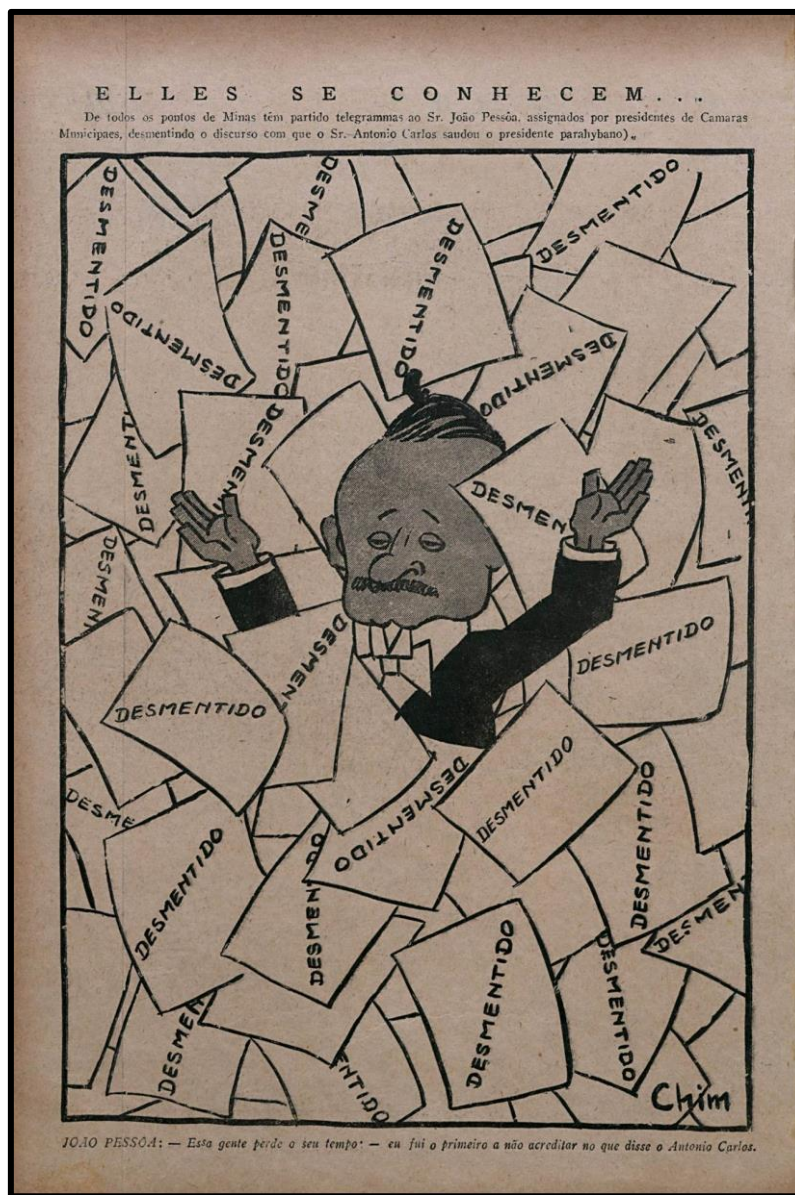
A excursão dos “liberais ao Norte” era vista também como uma tropa de nômades, que atravessava o deserto, como homens armados, montando dromedários, sendo seus membros acusados pelos locais como falsos e assassinos. A denúncia quanto à falta de confiabilidade nos liberais era reforçada com uma enxurrada de desmentidos que despencava sobre João Pessoa, desmentindo uma possível saudação de parte do mineiro Antônio Carlos. As perseguições do governante mineiro voltavam à baila, com o desenho de um indivíduo que apoiava Júlio Prestes, sendo castigado e amarrado a um tronco, sendo denunciadas a “violência” e a “crueldade” nos atos do mandatário. Tais atitudes persecutórias eram apresentadas ainda na figura de dois retirantes, que deixavam sua residência, que teria sido incendiada pelos aliancistas. Já na caricatura intitulada “As más companhias”, Getúlio Vargas, Antônio Carlos e Eptácio Pessoa apareciam como crianças, diante das quais o líder gaúcho Borges de Medeiros, com ar autoritário, dizia ao primeiro para voltar “para dentro”, pois não queria que o mesmo brincasse “com os moleques da vizinhança”²⁸. Já em outra edição, o protagonismo mais uma vez cabia a Antônio Carlos, o qual tivera amplo insucesso em uma reclamação financeira que realizara junto a São Paulo, de modo que, tal como uma ovelha, fora buscar lã e saíra tosquiado. Em tom irônico, o periódico apontava os assassinatos “por motivos políticos” em Minas Gerais, demarcando que Antônio Carlos considerava-os como provas de sua “popularidade”²⁹.

²⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 fev. 1930.

²⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 fev. 1930.



O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



8 — Fevereiro — 1930

o Malho

A INQUISIÇÃO CARLISTA

(O governo mineiro continúa praticando actos de violência e de crueldade contra os correligionarios do Sr. Julio Prestes, em Minas Geracs.)



O CABOCLLO: — Que foi isso?
O POLICIA DE MINAS: — Um imprudente; deu um viva a Julio Prestes.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





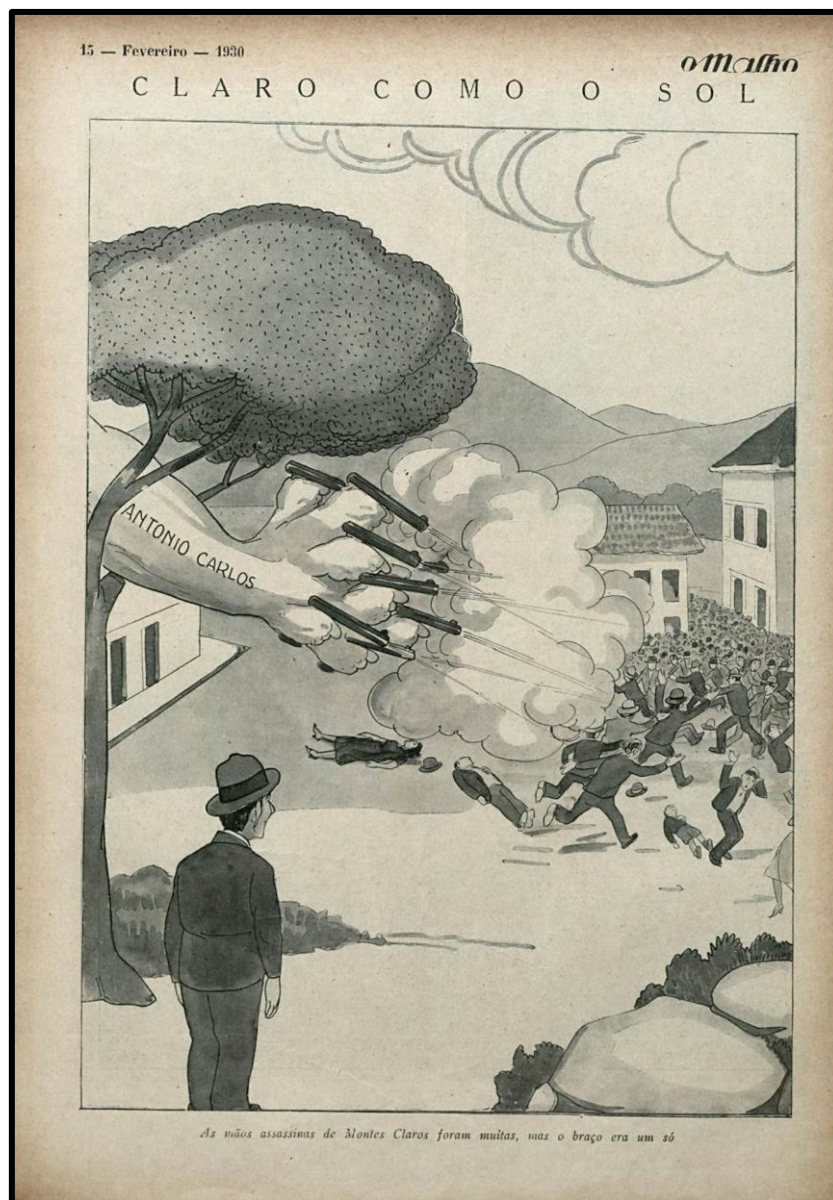
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO

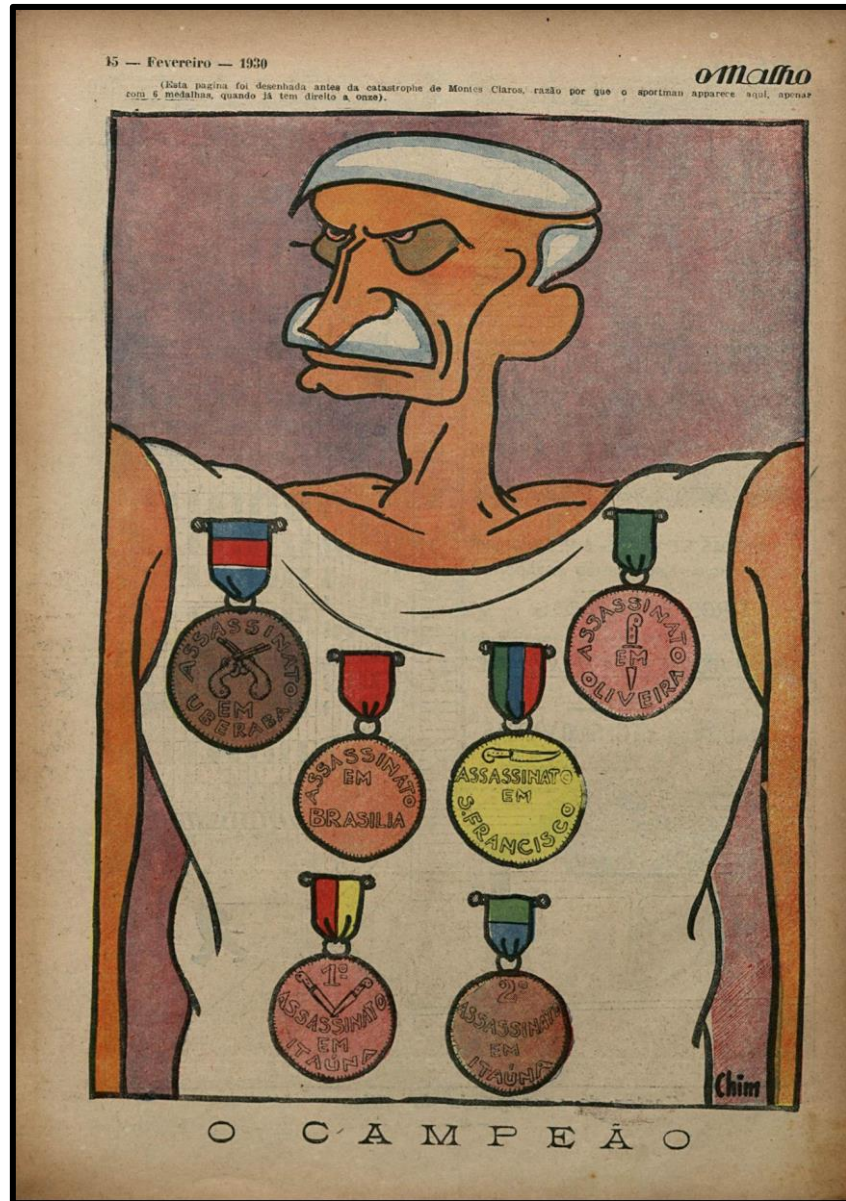


Os possíveis assassinatos políticos em localidade mineira foram imputados como de inteira responsabilidade de Antônio Carlos, ao apresentar desenho em que várias mãos realizavam os tiros criminosos, mas todas elas estariam vinculadas a um único braço, identificado com o chefe político mineiro. Ribeiro de Andrada aparecia também como um esportista “campeão”, que trazia ao peito várias medalhas em alusão aos crimes de natureza política cometidos em seu Estado. Em outra caricatura, por meio de uma conversa telefônica, Getúlio Vargas e Antônio Carlos apareciam a confessar as práticas assassinas que os adeptos da Aliança estariam a cometer. O tema era retomado em outro desenho no qual Antônio Carlos instruía sua polícia a permanecer nas ações coercitivas e criminosas, uma vez que a “roda” do PRM – identificada com a morte – que movia a Aliança Liberal, não poderia parar. Levando em conta que as eleições presidenciais coincidiriam com o carnaval, a revista mostrava que só em tom de pilhéria Vargas teria condições de vencer a disputa eleitoral. As atitudes autoritárias dos aliancistas eram mais uma vez denunciadas, com a acusação de que João Pessoa buscara intervir no Poder Judiciário alagoano. Ainda levando em conta as folias de Momo que marcariam a data do processo eleitoral, o semanário buscava desqualificar as principais lideranças aliancistas, a partir das fantasias que cada uma deles escolheria para as folias carnavalescas. Cercado por feras felinas, Antônio Carlos se mostrava impassível e sem nenhum medo, uma vez que ele só tinha corpo humano, sendo sua alma “de tigre”³⁰.

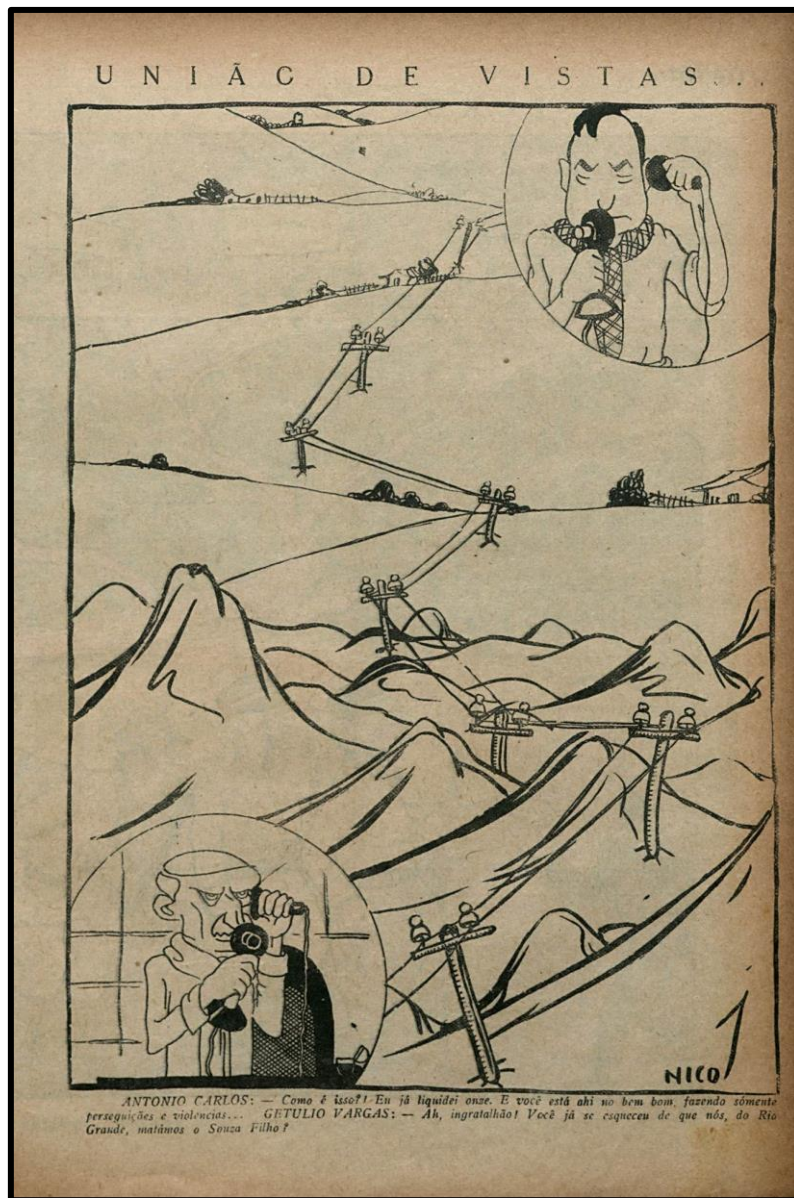
³⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 fev. 1930.

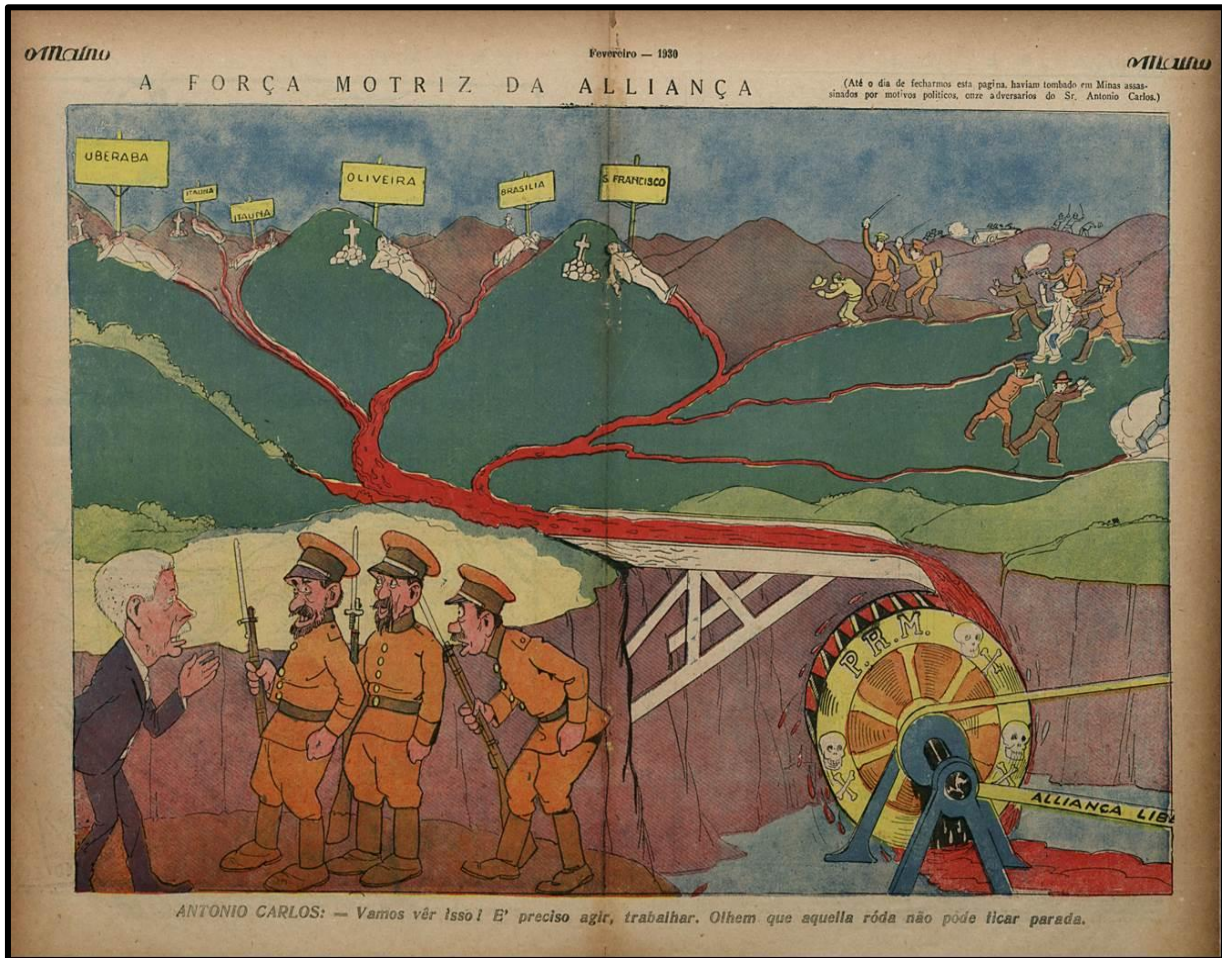
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



Despachando em seu escritório, Antônio Carlos, encontrava-se com a roupa manchada de vermelho, em referência ao sangue que teria sido por ele derramado, ao passo que o político dizia tratar-se apenas da cor da tinta da caneta que tinha à mão direita, atitude que era considerada como uma “desculpa esfarrapada”. Outra caricatura mantinha o tema recorrente da violência, ao mostrar Ribeiro de Andrada à cadeira presidencial, com uma enorme quantidade de armamento em seu entorno e, além disso, era denunciado que ele estaria se aliando com um “famoso degolador”. O assunto ganhava contornos cada vez mais grotescos, com o político mineiro apresentado a arrancar o coração de um indivíduo e, diante de um pedido de explicação de parte do Zé Povo, justificava que aquilo não passara de “um simples ‘incidente’ com um adversário”. Um conjunto caricatural trazia Antônio Carlos como um “tartufo”, ou seja, um hipócrita ou velhaco, cujas atitudes teriam sido todas no sentido de enganar Minas Gerais, representado por uma dama. Apresentado como “a caminho da glória”, o líder mineiro, vestido como um cangaceiro, galgava os degraus de uma escada, simbolizando os assassinatos políticos que teria cometido, de modo que se aproximava cada vez mais de seu destino, ou seja, a prisão, para pagar pelos seus supostos crimes. Mantendo a indumentária, Ribeiro de Andrada surgia com as mãos sujas de sangue em frente aos caixões com os corpos oriundos dos assassinios que teriam sido por ele ordenados, enquanto impedia a entrada de outro esquife conduzido pelos aliancistas gaúchos, dizendo que ali só haveria espaço para as suas próprias vítimas³¹.

³¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 fev. 1930.

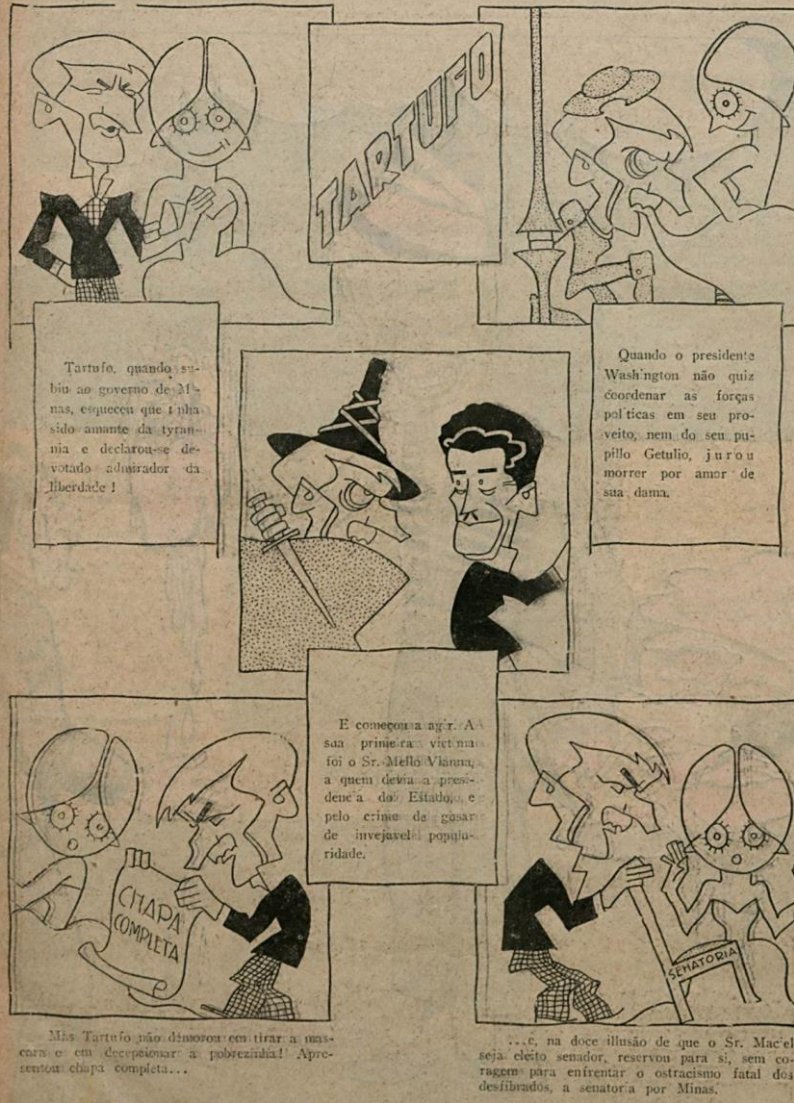
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





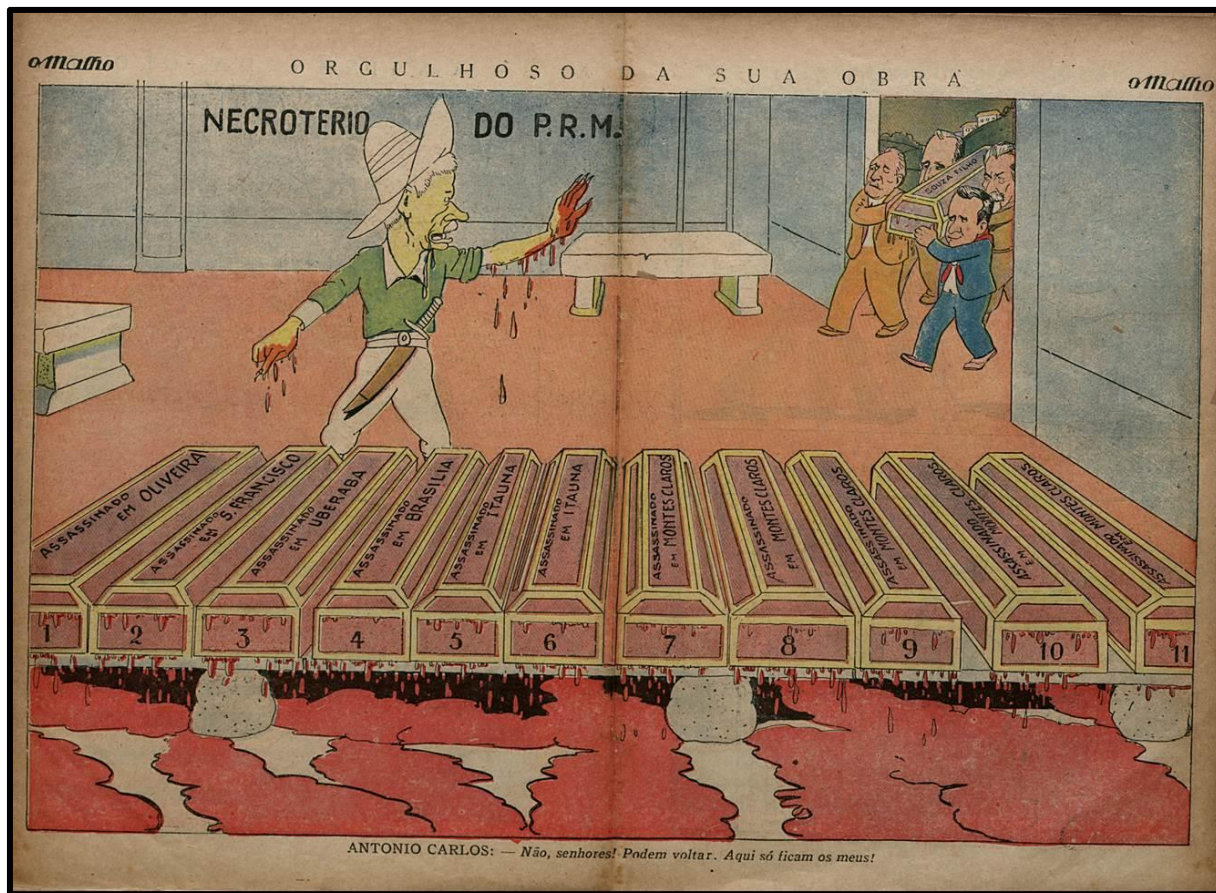
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





Ainda na linha das violências políticas, Antônio Carlos sentenciava um militar à prisão pelo motivo de ter errado em um atentado contra um adversário político. De acordo com a mesma perspectiva, como um bandoleiro, o chefe mineiro fazia pressão sobre um cirurgião, que estaria prestes a operar um de seus inimigos políticos. Mantendo a aparência do fora-da-lei, Ribeiro de

Andrada aparecia de arma à mão, garantindo que com ele as questões seriam resolvidas “na garrucha”. O hebdomadário chegava a prever o futuro, imaginando que, passados três lustros, os destinos do “Antônio Liberal” seria a prisão, condenado pela “bruta matança” que teria cometido³². As atitudes violentas dos aliancistas apareciam na capa de *O Malho* que marcava o dia da eleição, na qual, enquanto Antônio Carlos esganava um eleitor mineiro, com tamanha intensidade que lhe arrancava sangue do pescoço, Getúlio Vargas aparecia com a faixa presidencial e os pés mergulhados em sangue das vítimas degoladas por motivos políticos. Cercado de armas e apoiando-se em um balcão que remetia à morte, Ribeiro de Andrada ordenava a um militar que permanecesse com as práticas repressivas contra os inimigos políticos, devendo levá-la até as últimas consequências. Levando em conta a data da edição coincidente com a do pleito eleitoral, a folha caricata carioca estabelecia um paralelo entre as candidaturas, mostrando as fotografias de Washington Luís e Júlio Prestes, como sinônimo de unidade e continuidade de condutas, que viriam a garantir os progressos do país, ao passo que Antônio Carlos era representado como um cangaceiro, e Getúlio Vargas como um Judas, prestes a ser enforcado e em referência à figura de um traidor, os quais iriam trazer morte, destruição e desfalque das verbas públicas³³.

³² O MALHO. Rio de Janeiro, 22 fev. 1930.

³³ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º mar. 1930.



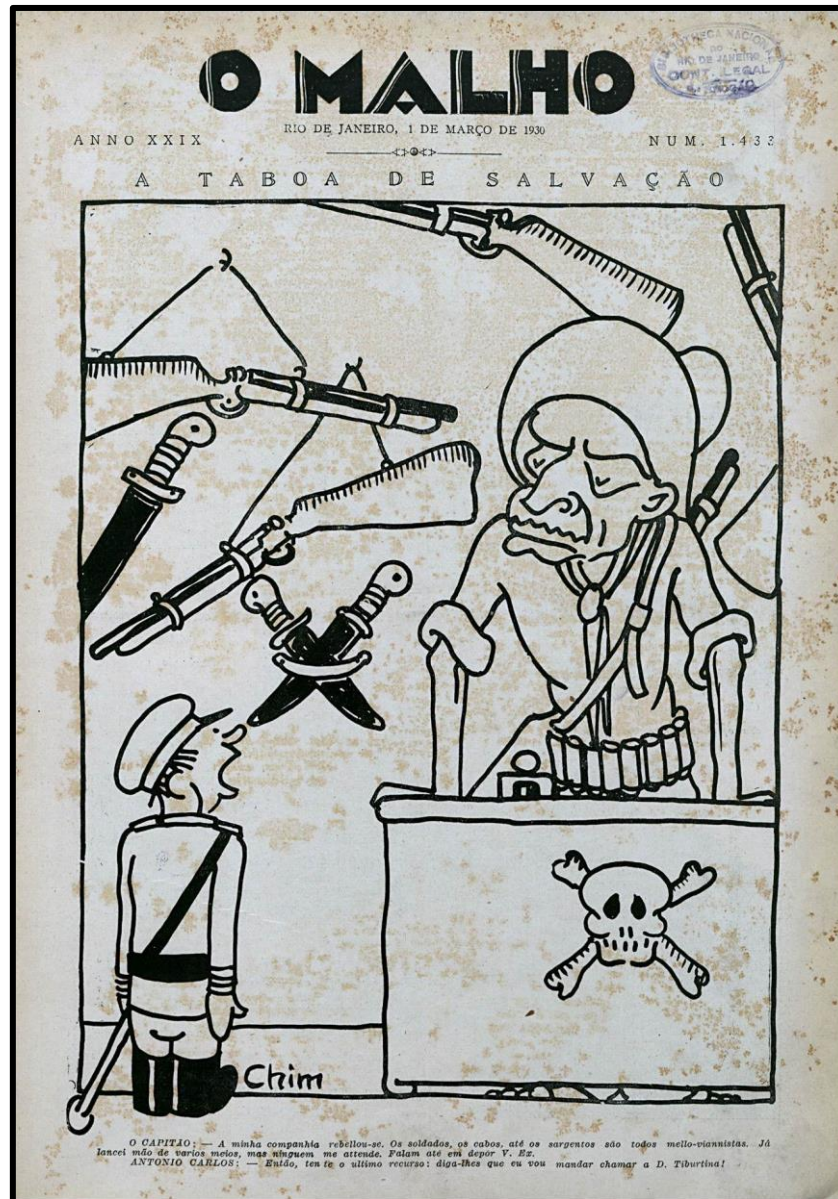
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



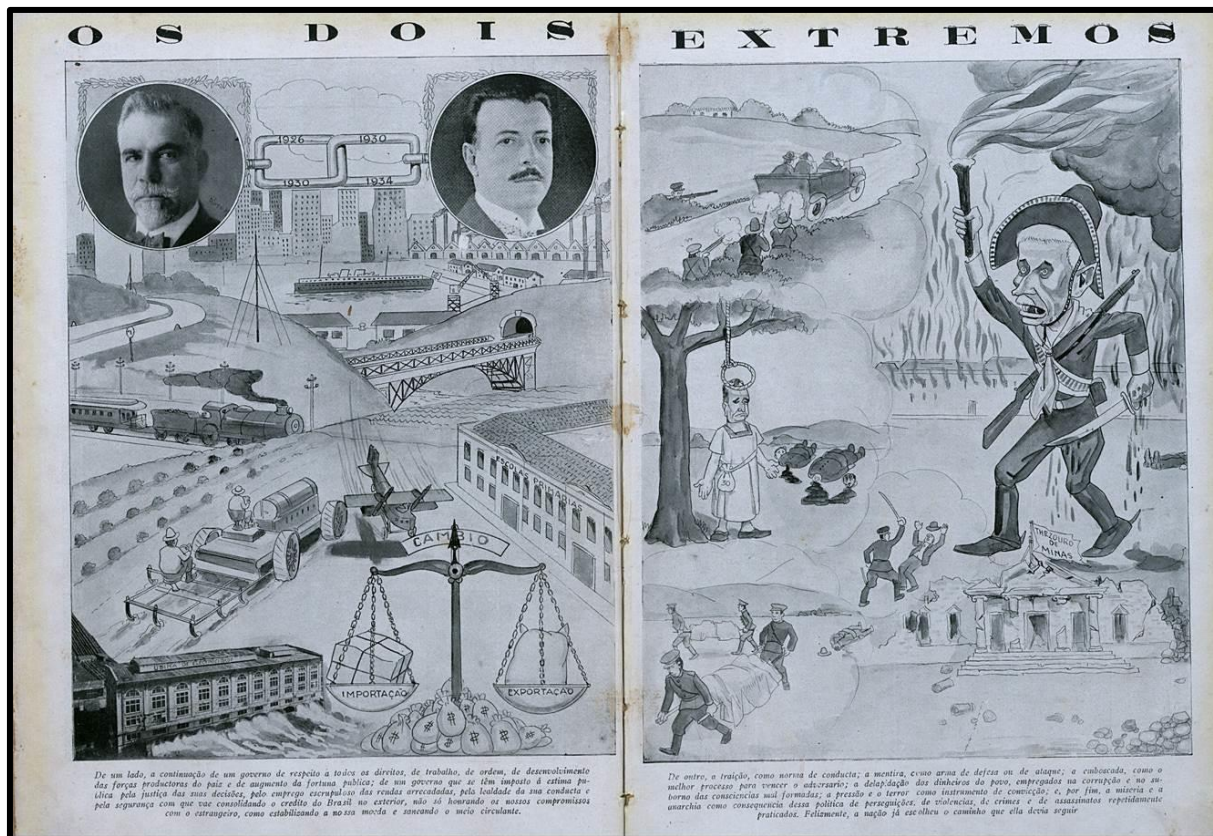


O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



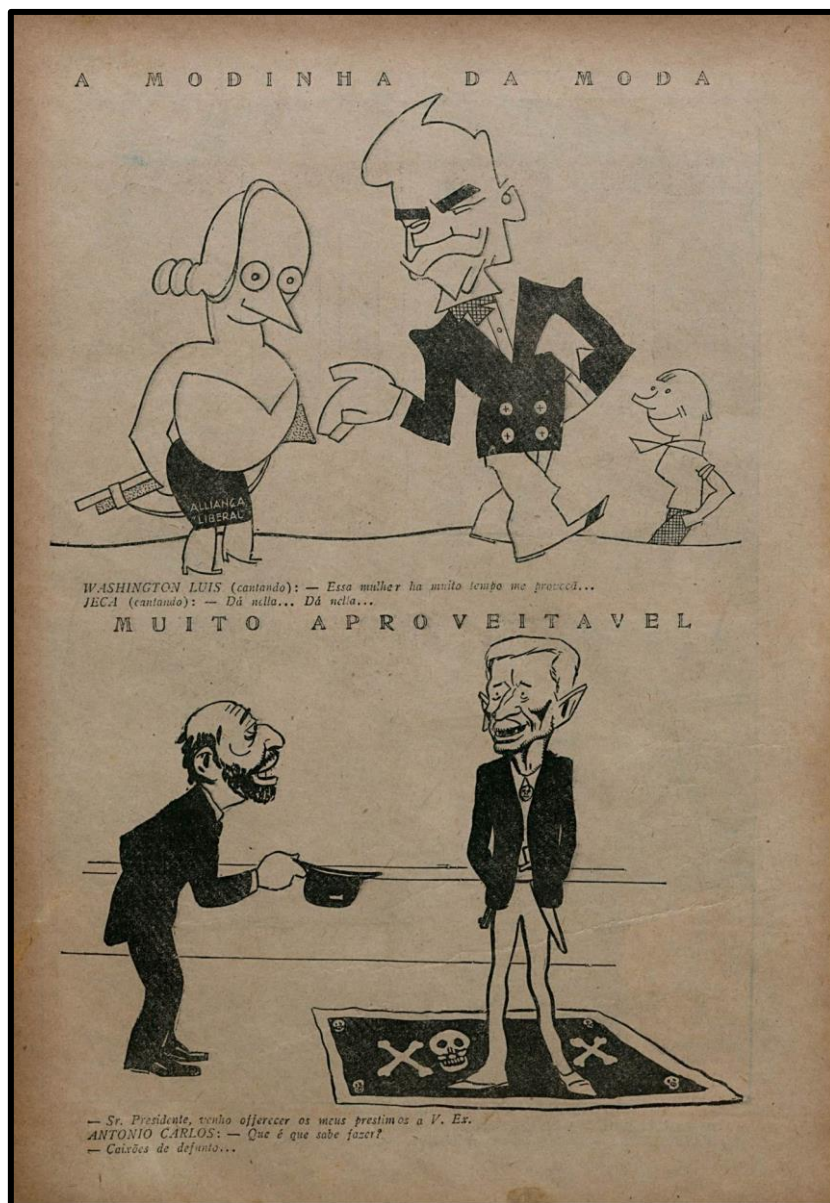
Ainda nessa edição de 1º de março de 1930, por tratar-se da época de carnaval, o semanário mostrava o encontro de Washington Luís com Vargas, este fantasiado de urso, mas mesmo assim sendo reconhecido, por tratar-se de um “amigo urso”, ou seja, na linguagem popular, um indivíduo vinculado à traição. Em outra caricatura, a Aliança Liberal era designada como uma mulher armada que provocada o Presidente da República, aparecendo também no

desenho o Jeca, que sugeria que a mesma fosse atacada. A denúncia contra a violência que teria sido perpetrada por Antônio Carlos, o periódico mostrava o encontro deste com um papa-defuntos, profissional que lhe seria muito útil, tendo em vista as tantas vítimas que ocasionara em seu Estado. O mesmo Ribeiro de Andrada surgia conclamando os cidadãos a comparecerem às urnas, só que, ao invés das de cunho eleitoral, apareciam as funerárias, mais uma vez em alusão aos assassinatos políticos que ele teria cometido. Em cena de desfile carnavalesco, liderados por Washington Luís e Júlio Prestes, que se encontravam acompanhados da figura feminina que simbolizava a forma de governo republicana, os apoiadores da chapa governista marchavam delirantes, ao passo que os aliancistas se encontravam em um carro alegórico, sendo anunciados pelo Zé Povo como os “desmascarados”, ou seja, aqueles cujas verdadeiras intenções teriam sido descobertas pelos eleitores. Apavorado com a derrota, Antônio Carlos, assombrado, assustava-se com cruzes que atravessavam os céus, sendo esclarecido pelo Zé que na verdade tratava-se de aviões. Já em outra cena, em trajes à gaúcha, Getúlio Vargas montava o cavalo ao contrário e errava o caminho em direção ao Palácio do Catete, afastando-se, portanto, da vitória. Criando um quadro imaginário que cogitava o que aconteceria se Washington Luís “fosse liberal”, a folha ilustrada indicava que o Presidente não cometeria todos os erros imputados aos aliancistas. Ainda quanto às suas supostas atitudes violentas, Antônio Carlos deixava de aceitar um convite para divertir-se no carnaval porque ainda estaria ocupado a trucidar os corpos das vítimas de sua política³⁴.

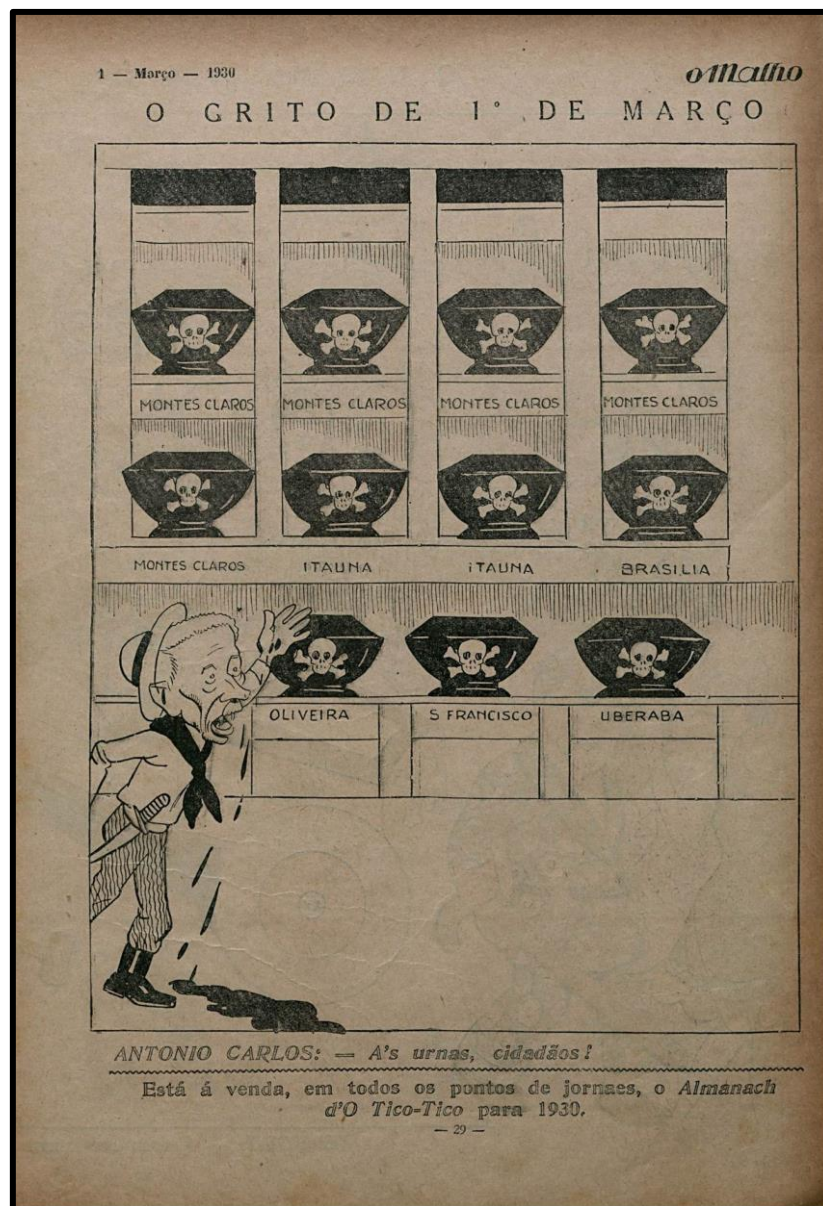
³⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º mar. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



1 — Março — 1930



O Malho

SE O SR. WASHINGTON LUIS FOSSE LIBERAL...



Se o Sr. Washington fosse liberal não deixaria o Sr. Antonio Carlos andar de Seta e Mecha, tratando de sua sucessão. Faria como seus liberais antecessores, que não admittam discussão sobre o assumpto.



Não acreditaria em cartas nem em promessas, não se deixaria trahir, nem tapear. Não receberia telegrammas desaforados...



...do Sr. João Pessoa; antes, faria com a Parahyba o que o Sr. Epitacio quiz fazer com Pernambuco em 1922.



Não deixaria o Sr. Antonio Carlos trucidar, impunemente, seus adversarios politicos. Ao contrario, poria em pratica as ideias do "leader" do governo Bernardes sobre os que...

...pensavam (pensavam!) em desacordo com o presidencial pensamento. E não veria augmentarem os cemiterios de correigionarios seus, em detrimento dos cemiterios da Covelândia e da ilha da Trindade.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



Ao longo do primeiro bimestre de 1930, dando continuidade ao projeto que estabelecera desde o segundo semestre do ano anterior, *O Malho* permaneceu promovendo uma prática de amplo antagonismo para com a Aliança Liberal. Nesse sentido, as caricaturas publicadas no periódico sustentavam uma árdua campanha no sentido de deslegitimar o conteúdo e as ações dos opositores, em evidente busca pela condução do eleitorado em direção ao voto na candidatura situacionista. Os membros da frente de oposição foram retratados de maneira extremamente desqualificativa, sendo, dentre eles, escolhido Antônio Carlos Ribeiro de Andrada para ser a personificação do inimigo, secundado por Getúlio Vargas, normalmente identificado como traidor, mormente por ter pertencido ao governo de Washington Luís. Nesse sentido, os integrantes do “liberalismo”, como a folha humorística chamava os participantes da chapa liderada por Vargas, eram mostrados aos leitores como violentos e desestabilizadores, cuja vitória deveria ser impedida a qualquer custo, em nome da suposta defesa dos interesses nacionais.

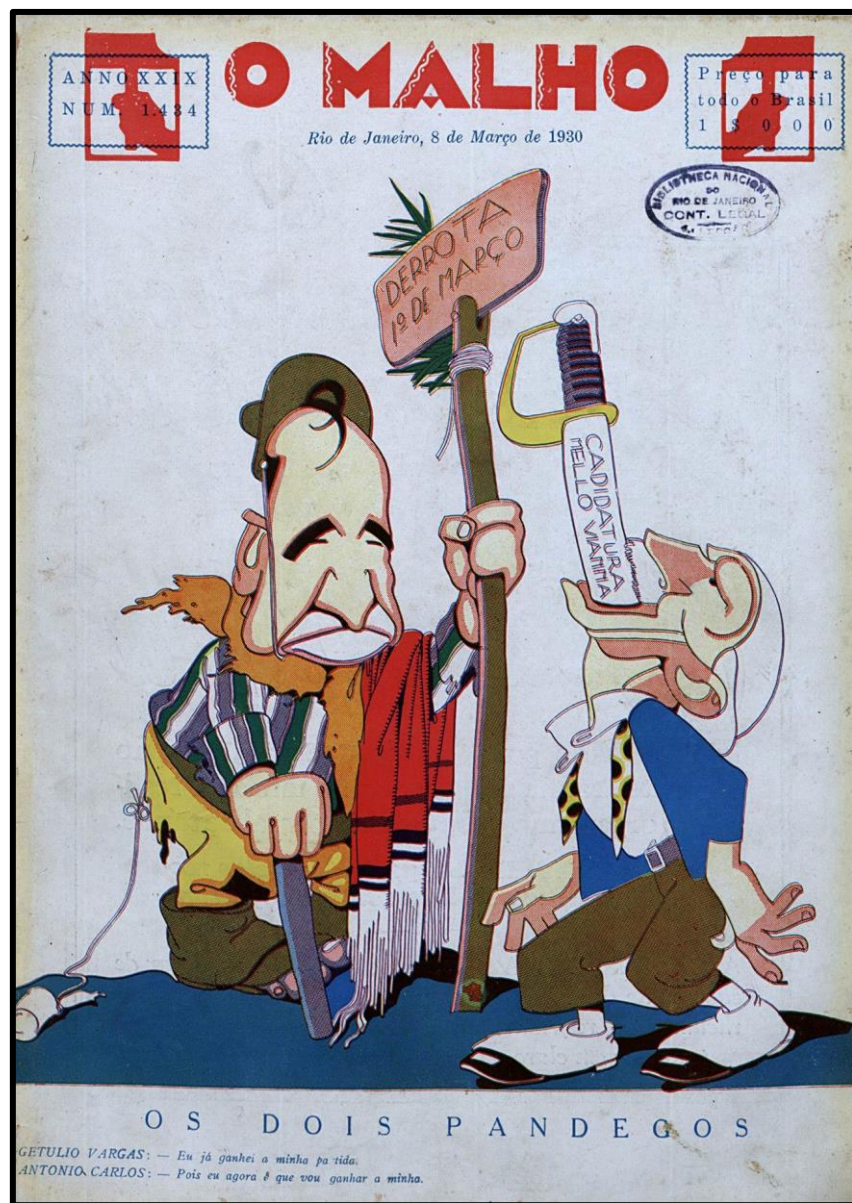
OS MESES QUE SE SEGUIRAM AO
PROCESSO ELEITORAL

Passada a eleição presidencial de 1º de março de 1930, *O Malho* permaneceu em sua campanha por meio da arte caricatural de antagonismo para com os derrotados aliancistas e futuros promotores do processo revolucionário que culminaria ao final do ano, como foi o caso do bimestre que se seguiu ao pleito eleitoral. Os membros da até então frente oposicionista Aliança Liberal, alguns deles futuros revolucionários, permaneceram sendo acirradamente atacados pelo semanário satírico-humorístico e ilustrado, que não poupou críticas aos mesmos. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e Getúlio Vargas continuaram sendo os adversários mais recorrentemente visados pela folha, secundados por outros, que não foram poupados pelas cáusticas e ácidas caricaturas publicadas pelo periódico.

Na edição que se seguiu às eleições, a revista trazia na capa Getúlio Vargas com as vestes em farrapos e carregando uma tabuleta que se referia à derrota de 1º de março, ao passo que Antônio Carlos tinha de engolir uma espada identificada pela candidatura de um opositor seu na esfera mineira, de modo que cada qual teria ganhado a sua “partida”. O líder político mineiro, em outra caricatura, era apresentado pronto a ser condenado à crucificação do ostracismo, tendo em vista a derrota nas urnas, de modo que ele tinha de prostrar-se ajoelhado, pedindo perdão para Washington Luís e prometendo que não se colocaria mais uma vez na oposição. De espingarda na mão, Ribeiro de Andrada dizia que estaria pronto a realizar uma nova campanha em prol de um candidato de sua confiança ao governo mineiro, a qual seria mais uma vez alicerçada na força, como indicava a arma que carregava³⁵.

³⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 mar. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





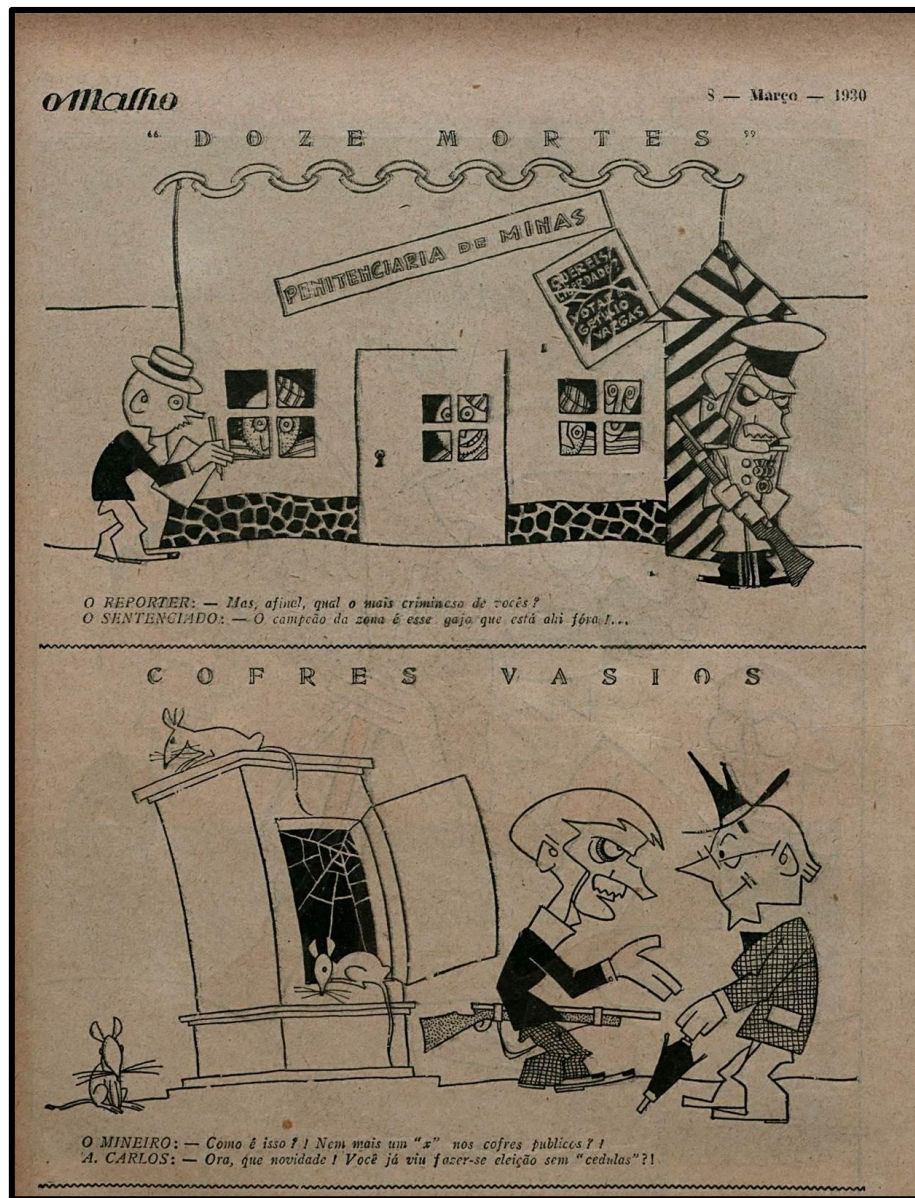
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



Em duas caricaturas publicadas na mesma página, o periódico sugeria que Antônio Carlos deveria deixar sua posição como autoridade pública – no caso a de policial, como era caracterizado, mas também quanto ao seu cargo governamental – e ir ocupar um lugar na prisão, ao passo que, no outro desenho, voltavam à baila as acusações quanto ao governante mineiro ter cometido desvios de verbas públicas. A folha comparava um chefe gaúcho a um Napoleão, que aparecia sem calças, em alusão às incoerências, ou até loucuras, de parte do personagem. A publicação ilustrada chegava a simular o funeral de Getúlio Vargas, cujo caixão era carregado por aliancistas, sendo a chorosa viúva representada por Antônio Carlos, enquanto os apoiadores da chapa governista mostravam-se tranquilos, aproveitando-se da vitória. Na caricatura seguinte, o semanário explicava a causa da suposta morte de Vargas, vinculada ao resultado das eleições em diferentes estados, desfavorável a si. Em seguida, Ribeiro de Andrada, mais uma vez de arma à mão, revelava sua incapacidade para angariar melhor votação. Antônio Carlos era transmutado em abutre – em referência ao animal que se alimenta da morte – que passava a cuidar das eleições em Minas Gerais. Voltando à temática da coerção e violência política que teria sido praticada, o hebdomadário mostrava Antônio Carlos espalhando cruces sangrentas no mapa mineiro, aludindo aos atos violentos que o mesmo teria praticado. Novamente transformado, agora em ovelha, assim como seus sectários, Ribeiro de Andrada contava com a proteção de um tigre como advogado, frente às acusações que sofria, em cena na qual o juriconsulto mostrava ferrenha valentia, até se amedrontar diante do leão que representava o órgão máximo do judiciário brasileiro³⁶.

³⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 mar. 1930.

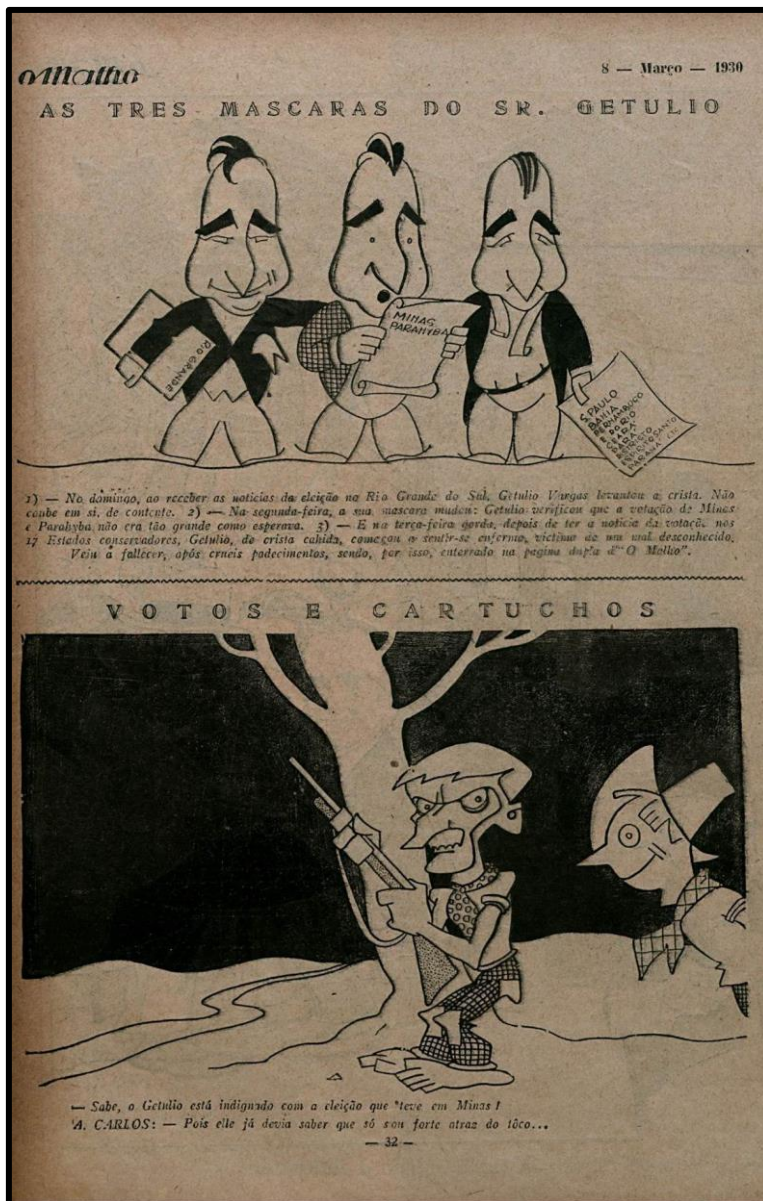
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



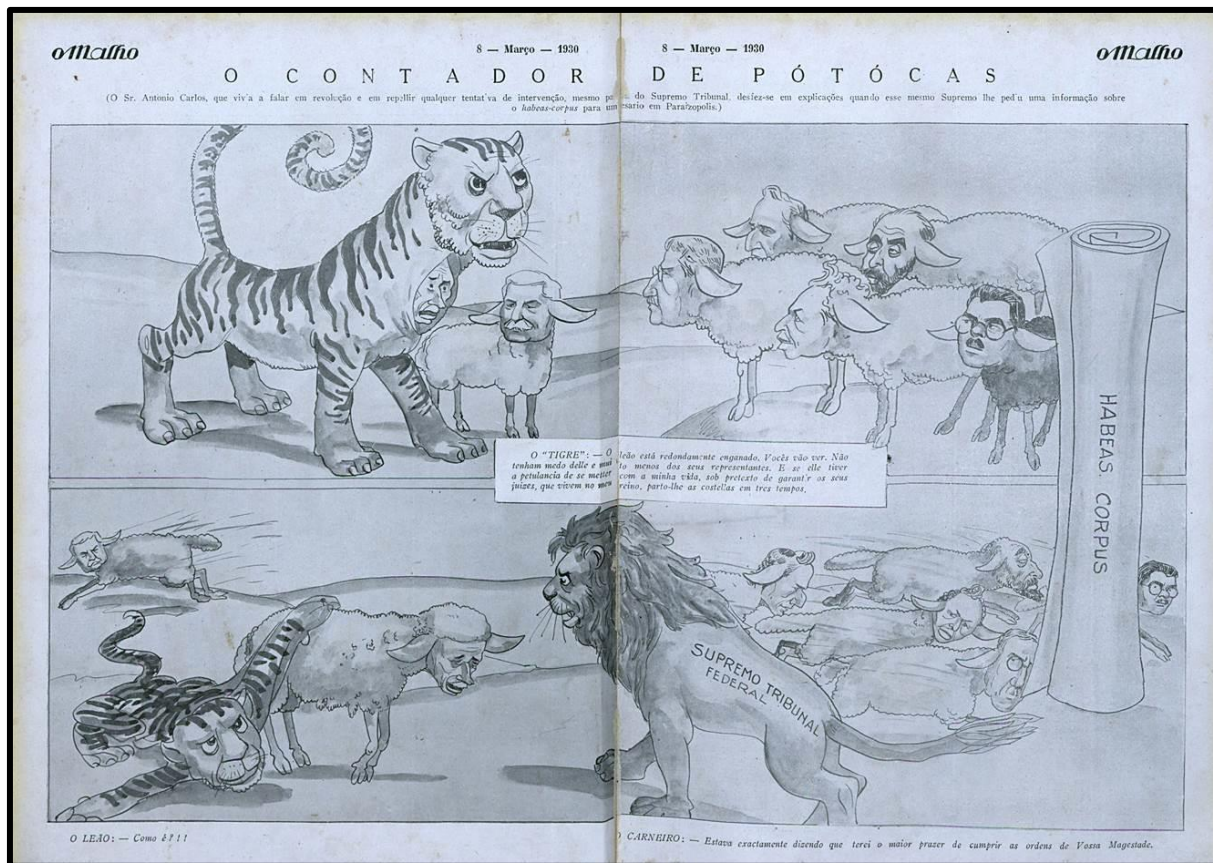


O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



A violenta pressão eleitoral que o periódico denunciara em relação a Minas Gerais era também estendida para o contexto sul-rio-grandense, chamado ironicamente de "terra da liberdade", uma vez que o líder político aliancista Osvaldo Aranha, vestido à gaúcha, apontava um revólver para um eleitor de Júlio Prestes, obrigando-o a votar em Getúlio Vargas. Em outra cena,

Vargas aparecia choroso em sua cama diante da derrota nas urnas, estando a praticar o *jus sperniandi*, ou seja, um suposto direito de reclamar por reclamar, vindo a espernear, tratando-se de um falso latinismo que alude a um comportamento pueril de não aceitação do que é determinado. Os propalados desvios de dinheiro público praticados por Ribeiro de Andrada, voltados a promover campanhas eleitorais, permaneciam nas páginas do periódico, com a imagem do governante espoliando os contribuintes do Estado. Frente à suposta decisão de Getúlio Vargas optar por uma vida monástica, o Jeca contrapunha que suas vestes não eram as de um religioso e sim a de um Judas, ou seja, um traidor. O PRM era apresentado como um jagunço muito armado e colecionador das orelhas de suas vítimas, que reclama ter trabalhado demais na repressão aos eleitores, ao que Antônio Carlos reagia, dizendo não haver lugar para descanso, pois seria necessário passar a dedicar-se à pressão nas eleições estaduais. O político fluminense André Gustavo Paulo de Frontin, que apoiara a candidatura de Júlio Prestes, era aplaudido pela folha pelo resultado favorável que obtivera na eleição para o Senado. Enquanto Vargas aparecia prostrado, meditando e choroso, Ribeiro de Andrada estimulava os aliancistas a construir uma ponte que servisse para retirá-los da “ilha do desespero” da derrota, embora, em terra, os apoiadores de Prestes estivessem preparados para impedir a chegada dos opositoristas³⁷.

³⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 mar. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



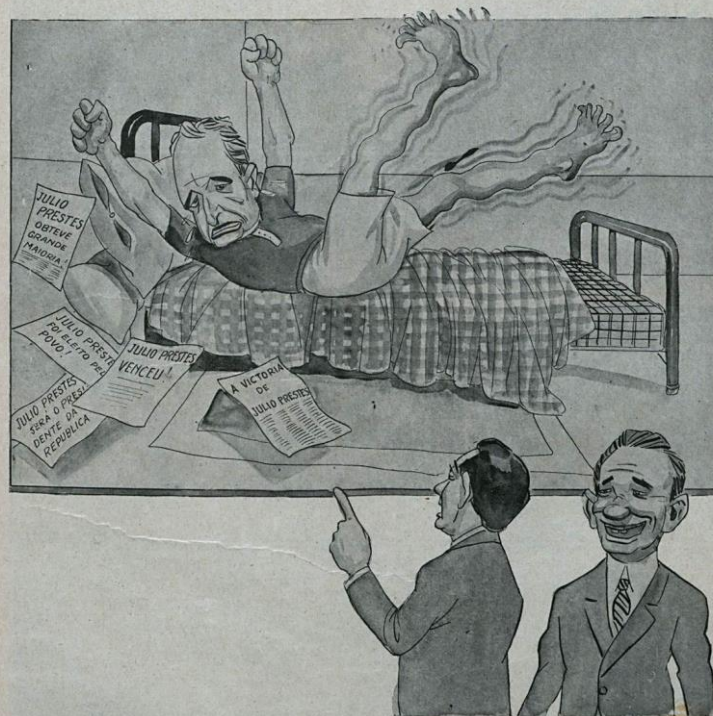
O MALHO

RIO DE JANEIRO, 15 MARÇO DE 1930

ANNO XXIX

NUM. 1.435

UM DIREITO RESPEITAVEL

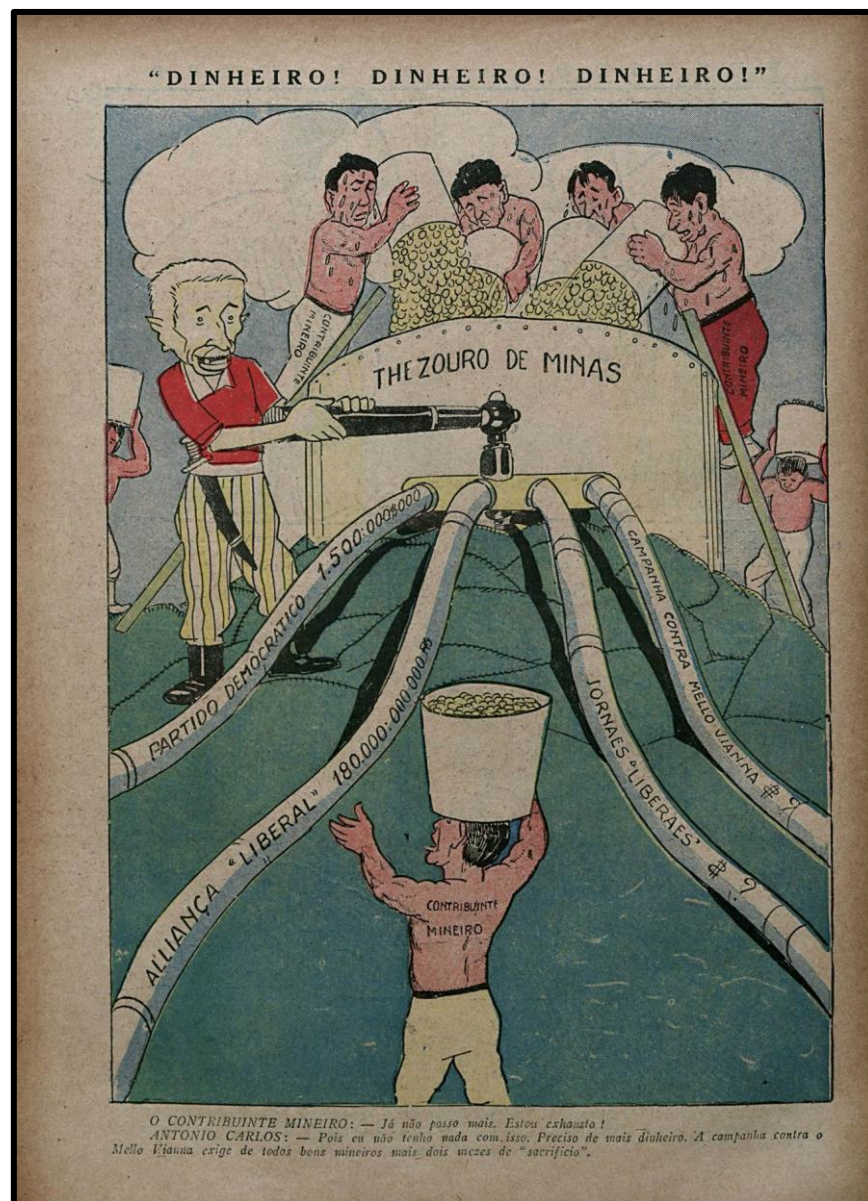


— Pois eu sou desta opinião: O Getúlio, mandando passar aquelle telegramma petulante e mentiroso ao Presidente da Republica, estava no seu direito.

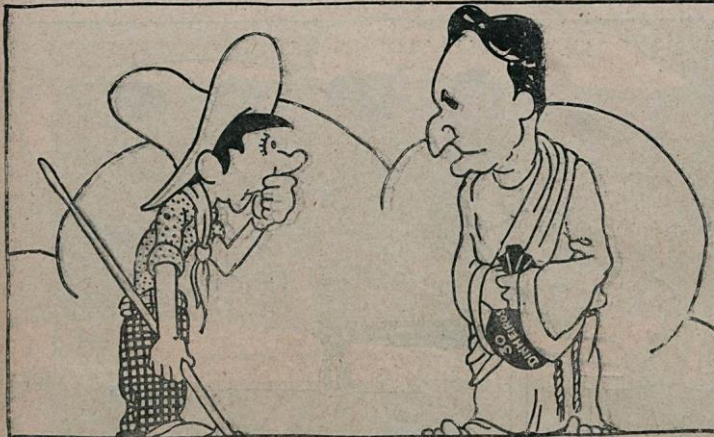
— Que direito?

— O direito de especular...

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



V E S T I D O A C A R A C T E R



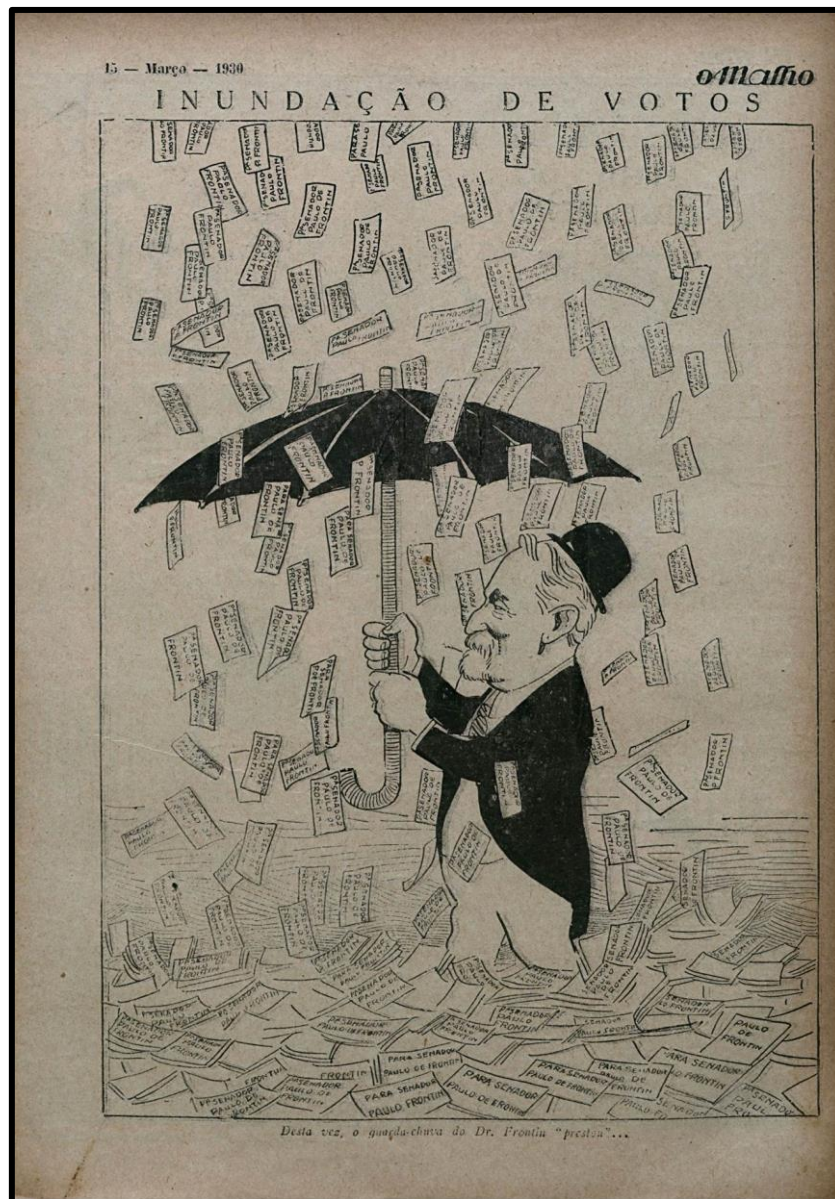
GETULIO: — Pois é isso. Os meus amigos com o Alípio me deram muito desgosto. Resolvi retirar-me para um convento.
JECA: — Uai! Mas você não tá vestido de frade, não. Essa vestimenta é de Judas...

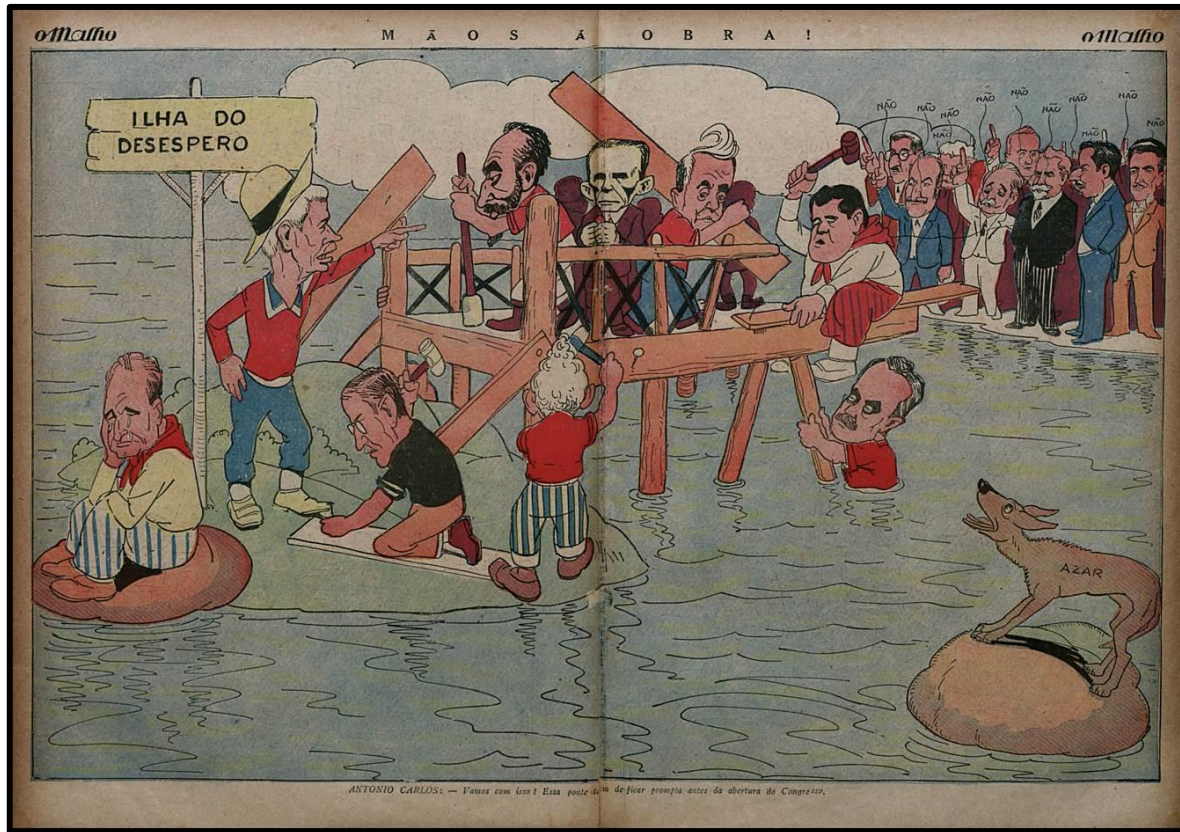
S E R V I C O S I N D I S P E N S A V E I S



P. R. M.: — Como é isso? Já "trabalhei" de mais. Agora preciso de descansar.
ANTONIO CARLOS: — Deixe o descanso para mais tarde. Até a eleição do Mello Vianna, ainda temos de liquidar muita gente.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





Uma outra caricatura tripudiava em relação à derrota aliancista, ao mostrar uma mulher identificada com a Aliança Liberal, berrando em desespero, ao passo que Júlio Prestes caminhava tranquilamente de braço dado com uma jovem mulher, que simbolizava a vitória eleitoral, e cantarolava exigindo que a outra se calasse. Em um ambiente cercado de armas e munições, Antônio Carlos montava um bovino que aludia ao tesouro mineiro e usava um

chapéu evocativo à morte, buscando mobilizar suas forças para as eleições regionais, ordenando para isso ao político Francisco Campos, travestido de militar, que mandasse “dar o toque de adesão”, em referência às práticas políticas calcadas no mandonismo local tão comuns à época. O vencedor Júlio Prestes chegou a ser apresentado como a figura solar, que ofuscava com seu brilho vários aliancistas, que apareciam “de nariz comprido”, ou seja, frustrados com o resultado das urnas. De “cabeça inchada”, ou, em termos coloquiais, carregado de decepção e tristeza, Vargas amargava sua derrota, com enormes pregos enterrados em sua cabeça, em referência ao número de votos, sendo o do Distrito Federal aquele que teria causado maiores danos³⁸. Na mesma linha, Getúlio Vargas era apresentado como um sapo esmagado por uma enorme pedra, que representava a “vontade popular”, aludindo à votação obtida por seu adversário na disputa eleitoral presidencial. Prestes e Vargas surgiam ainda como pugilistas, com aquele nocauteando este, que, apesar de caído, sangrando e desacordado, era considerado vencedor por uma figura armada identificada com a Aliança Liberal. No cadafalso, pronto para ser enforcado por seu adversário político Fernando de Melo Viana, o mineiro Antônio Carlos, ao expressar “seu último desejo”, ventilava a possibilidade de realizar “um acordozinho”. Enquanto Melo Viana sorria trazendo vários abacaxis para os adversários, Vargas chacoteava Antônio Carlos, enquanto buscavam carregar as várias bananas que correspondiam à derrota eleitoral³⁹.

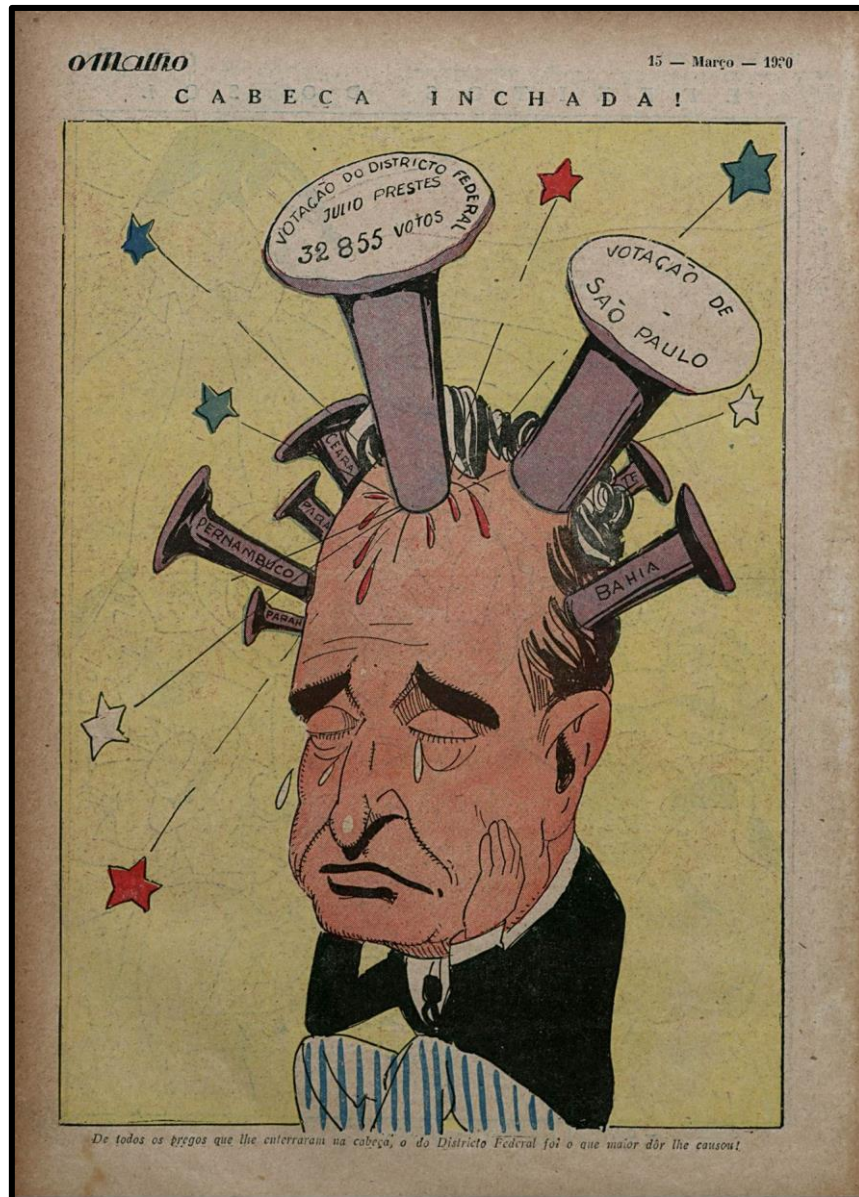
³⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 mar. 1930.

³⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 mar. 1930.

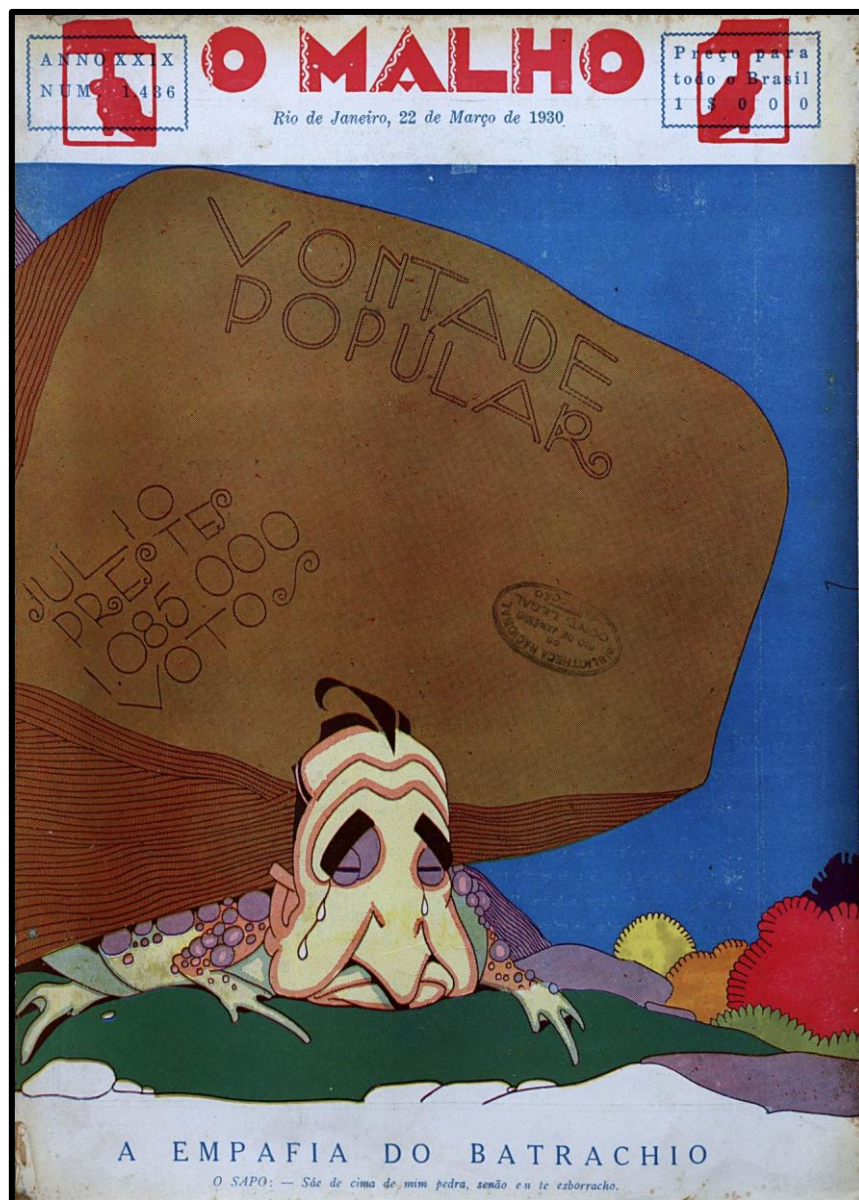


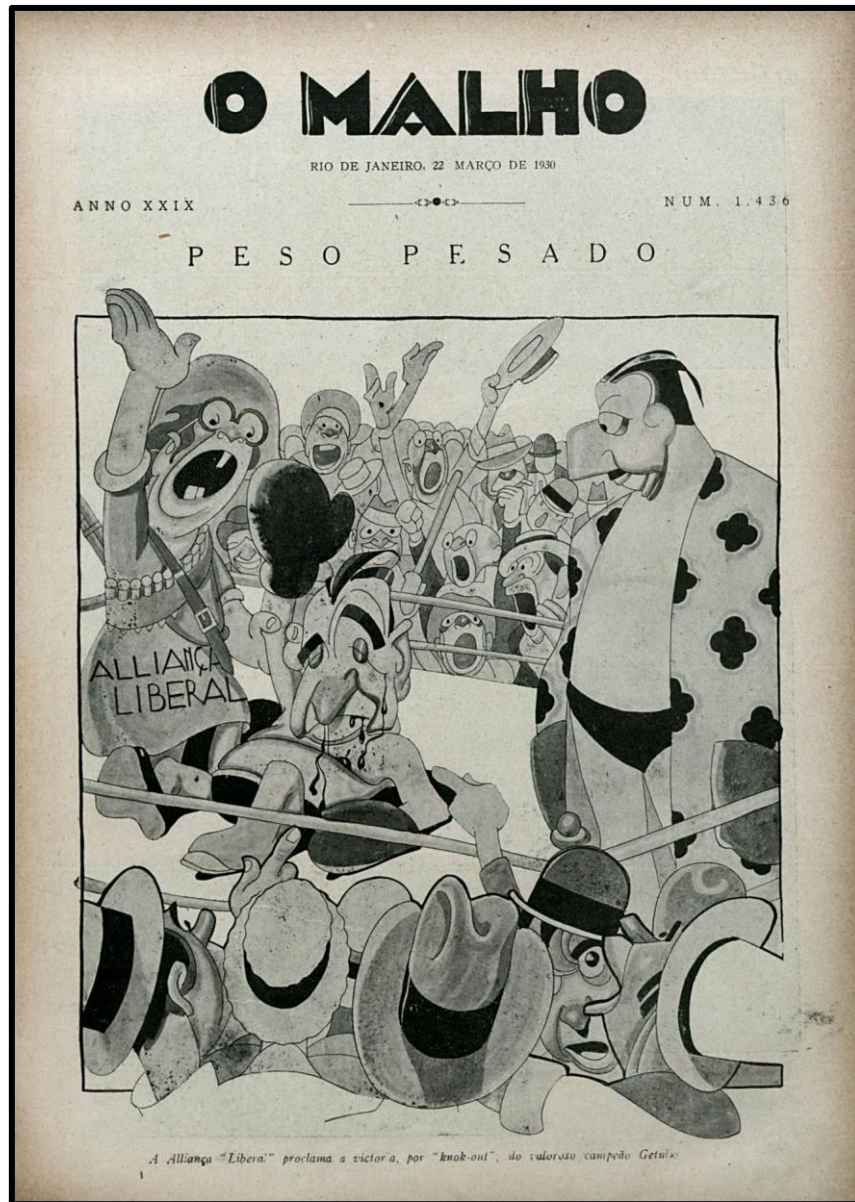
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



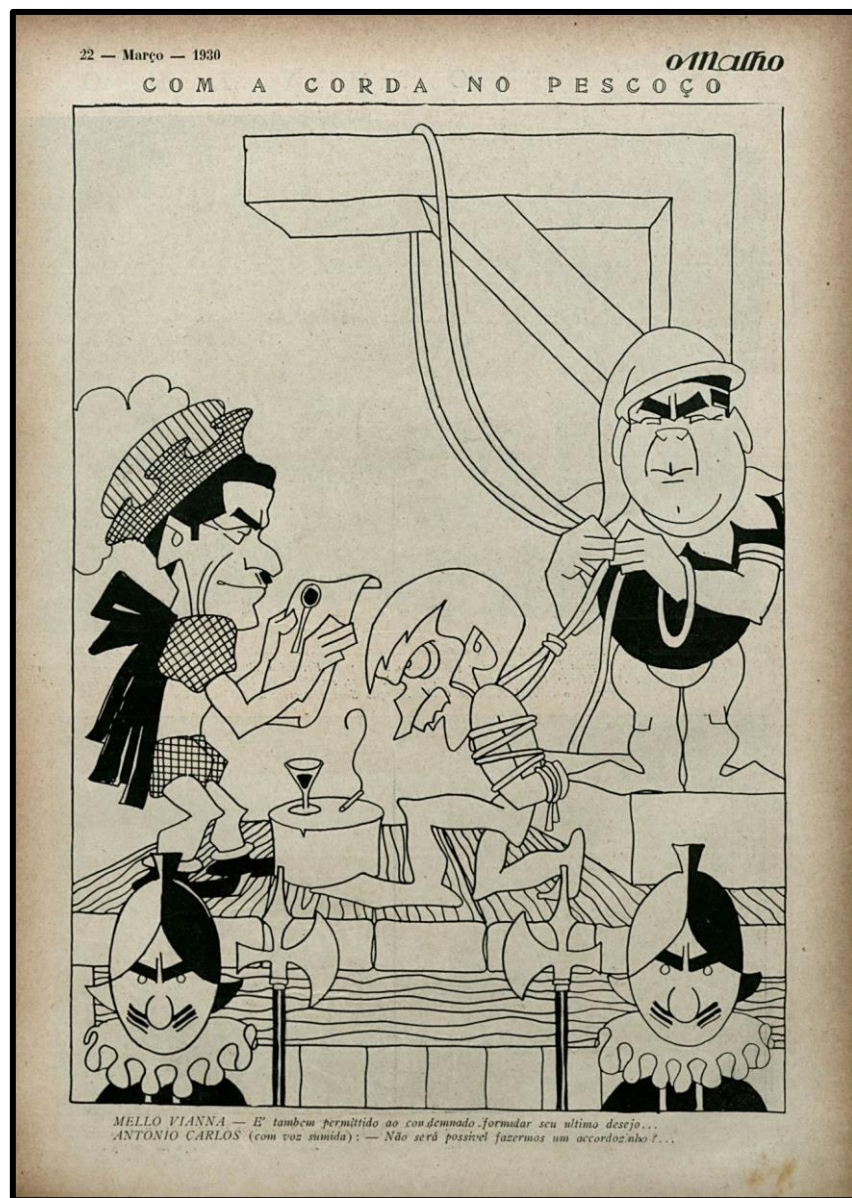


O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



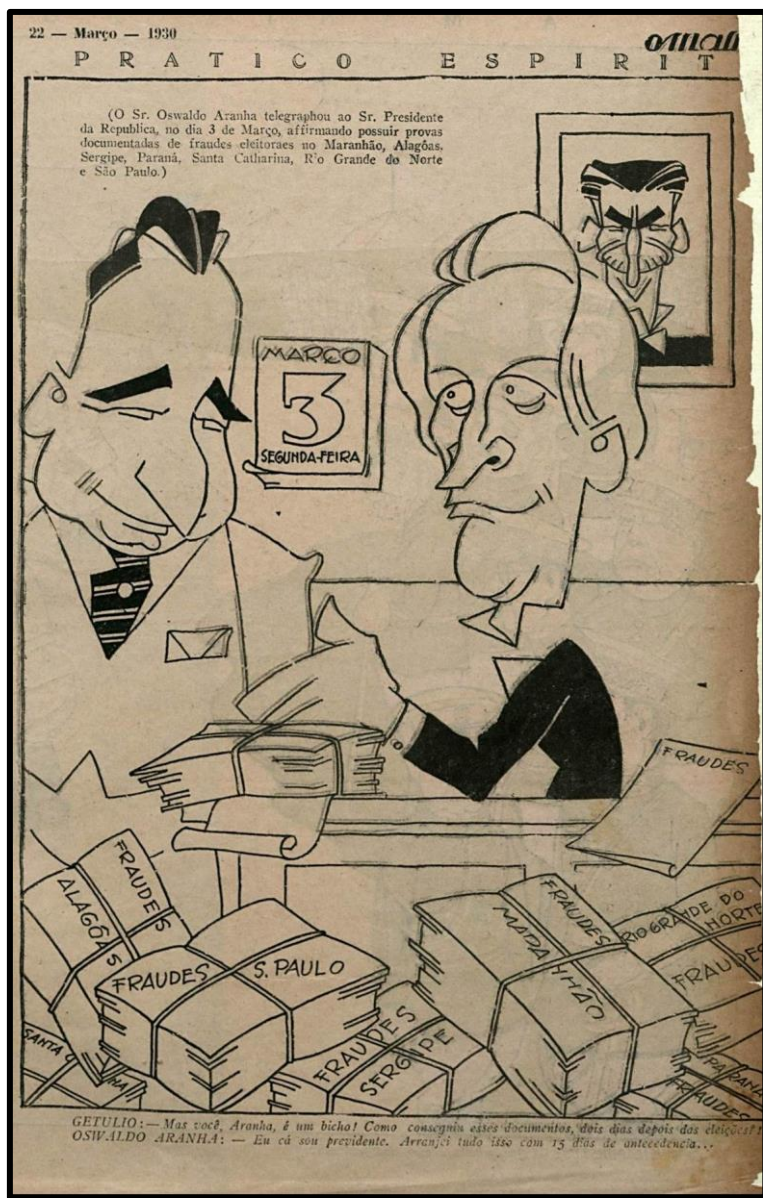


O Malho acusava os aliancistas de terem mentido para os eleitores e, para tanto, mostrava um “gaúcho enganado” que buscava laçar Antônio Carlos, no intento de provocar a sua queda. A folha fez também um gracejo com a perda de força de um periódico que apoiara a Aliança Liberal. Com ironia, a publicação ilustrada mostrava uma conversa entre os rio-grandenses-do-sul Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha, com o primeiro perguntando como o outro havia obtido farta documentação sobre fraudes eleitorais tão rapidamente, obtendo por resposta que a atitude fraudulenta fora cometida antecipadamente pelos próprios aliancistas. Comparando a disputa pelas urnas com uma guerra, o semanário mostrava os vencedores governistas rendendo os oposicionistas, tratando-os como prisioneiros. Como um andarilho no deserto, Antônio Carlos, carregando o cajado do ostracismo, tinha de enfrentar um inclemente sol da derrota, dizendo a Vargas que este ao menos iria ter garantida a sua posição de liderança no âmbito gaúcho. Estes mesmos dois personagens apareciam como militares derrotados em um conflito bélico, lamentando pelo insucesso em seus intentos, por terem sido “traídos” por possíveis avanços cambiais e comerciais obtidos pelo Brasil. Os democratas paulistas igualmente figuraram nas críticas caricaturais do hebdomadário que os acusava de, apesar da derrota eleitoral, terem adquirido fundos excepcionais. Para desespero de Antônio Carlos, que apontava os aliados como culpados, o tesouro de Minas era representado como um castelo em ruínas, dominado por enormes ratazanas⁴⁰.

⁴⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 mar. 1930.

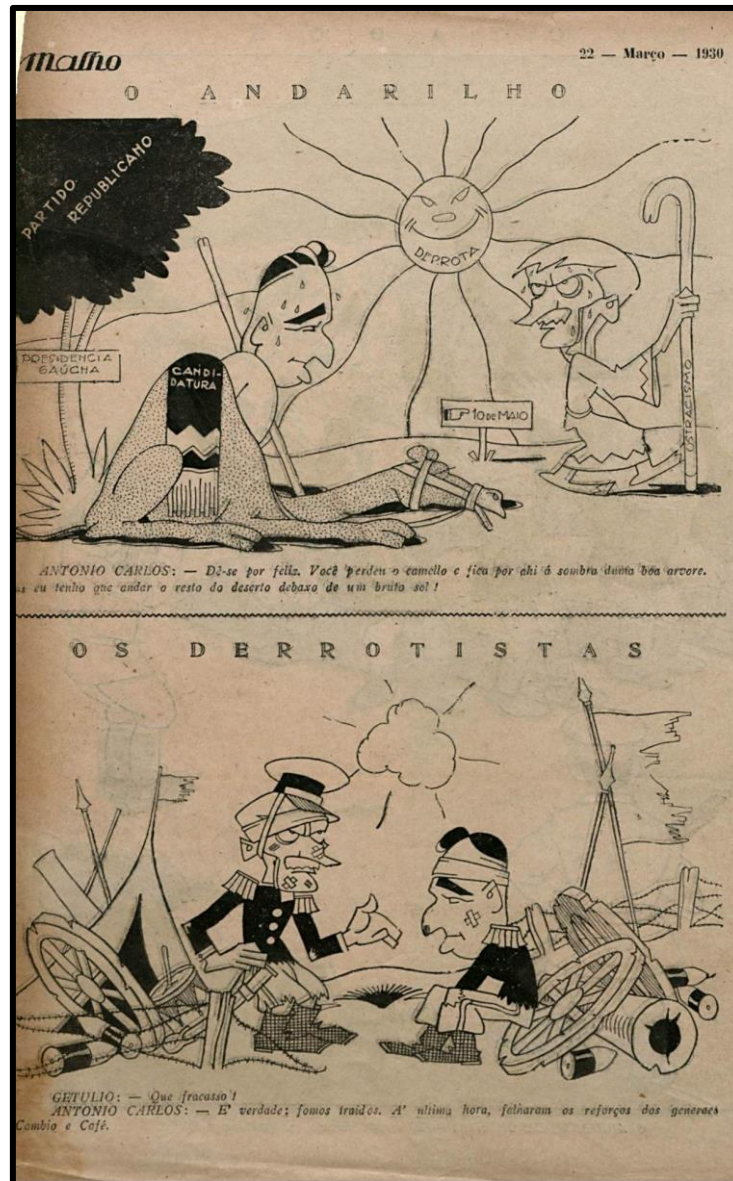


O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO

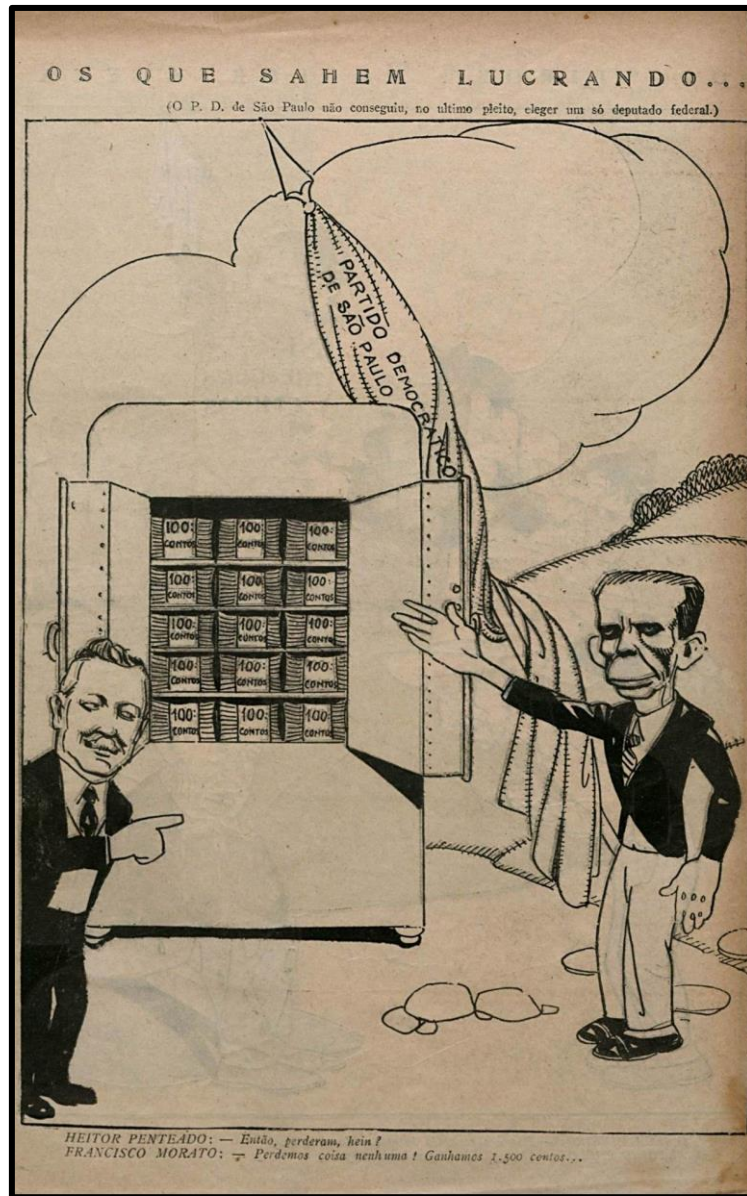




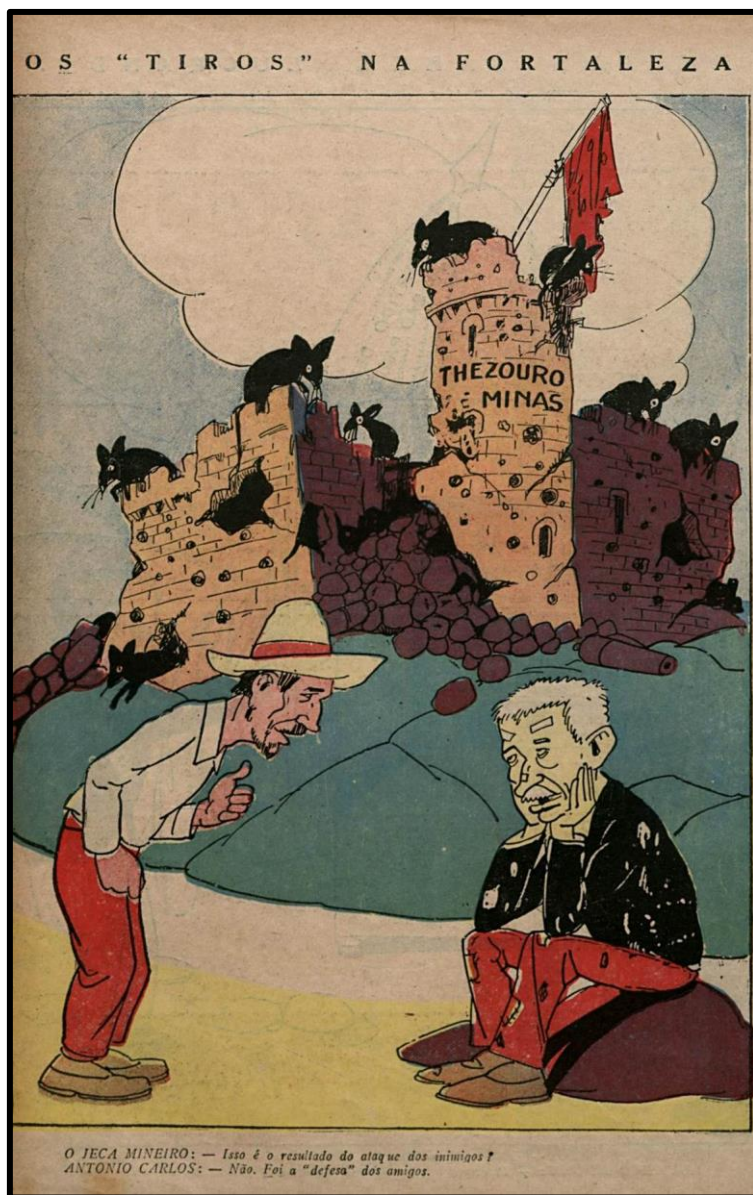
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



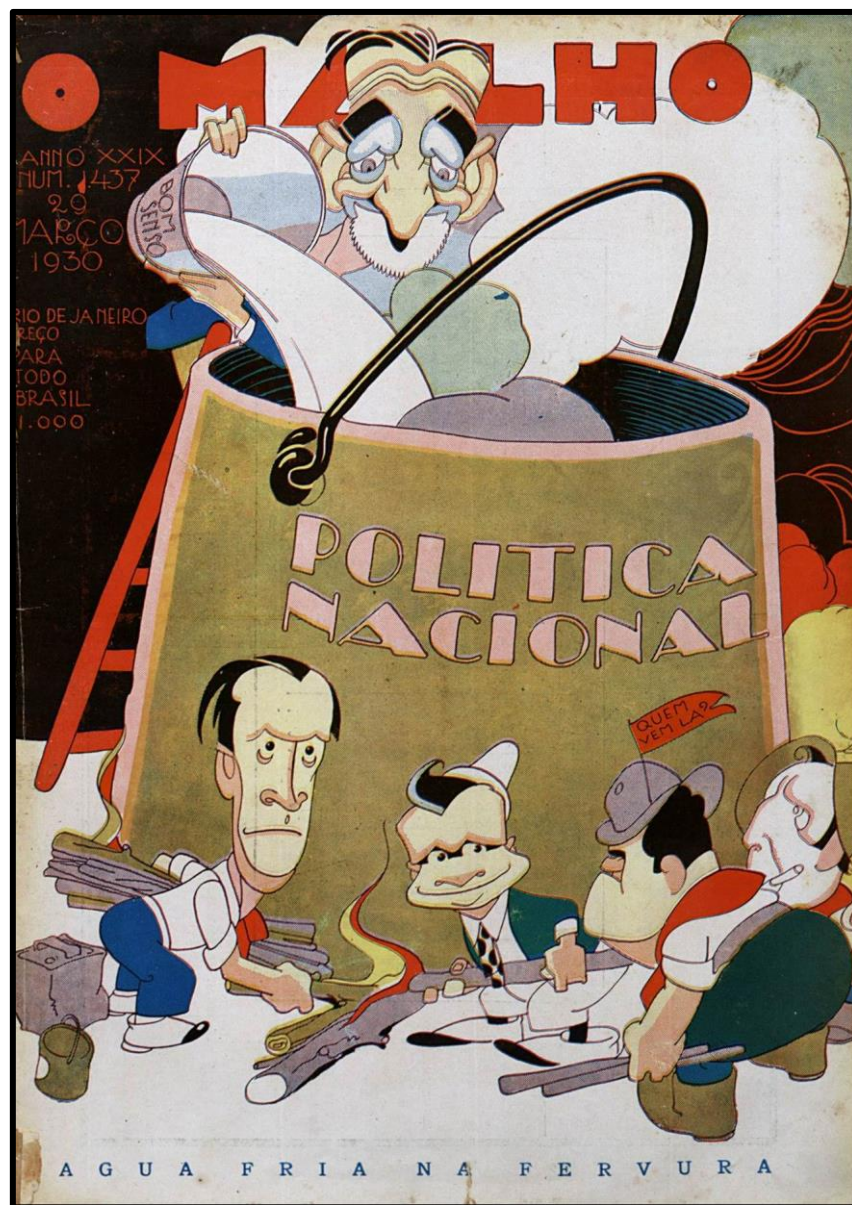
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO

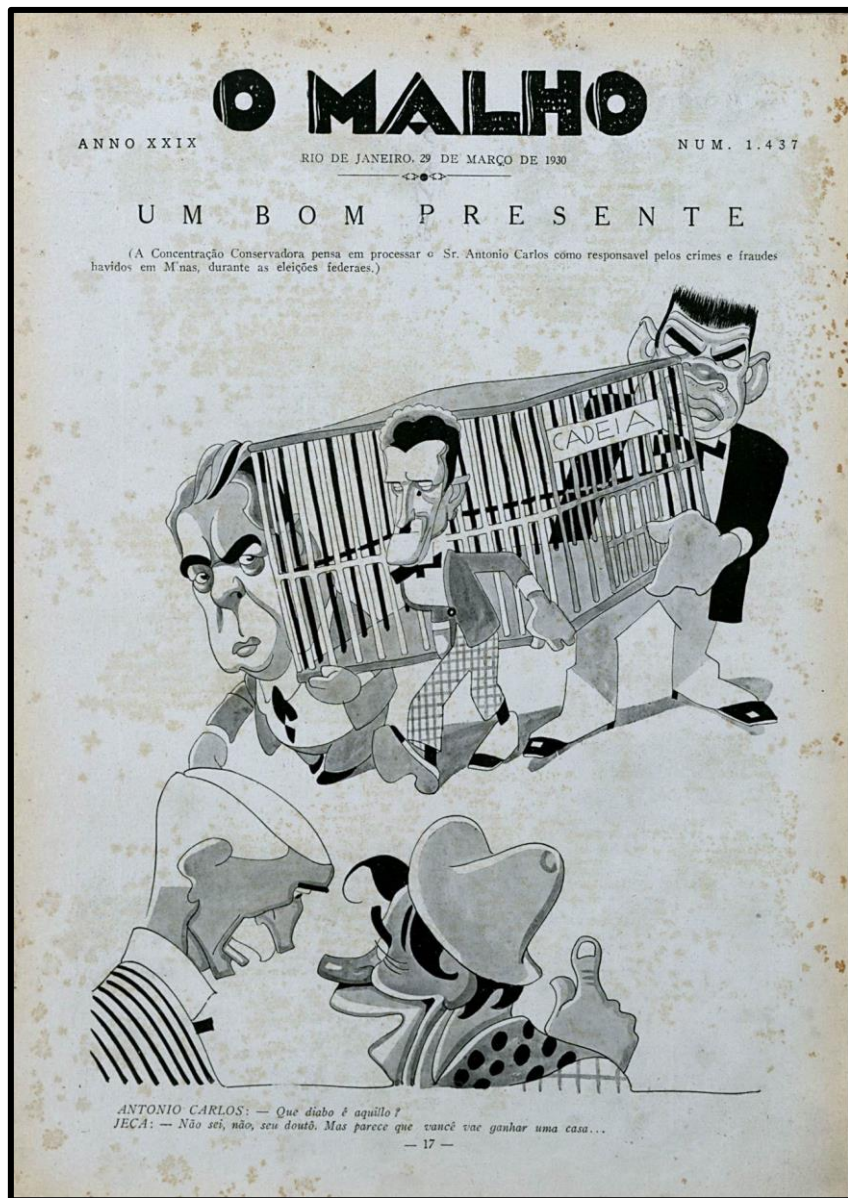


Frente ao ardor de alguns aliancistas gaúchos que buscavam colocar fogo na “política nacional”, no sentido de provocarem o processo revolucionário, o velho líder rio-grandense, Borges de Medeiros, jogava “água fria na fervura” nos planos dos rebeldes, utilizando-se do balde do “bom senso” visando a esfriar os ânimos. Adversários de Antônio Carlos intentavam processá-lo por crimes e fraudes eleitorais, dirigindo-se a ele com uma gaiola, perante a qual o Jeca fazia troça dizendo que o político estaria prestes a ganhar uma nova casa. A liderança de Borges de Medeiros voltava a ser representada, desta vez distribuindo sapos para que os aliancistas rio-grandenses deglutiissem, ou seja, levando em frente a expressão popular de “engolir sapos”, em referência à necessidade de enfrentar situações desagradáveis. O olhar crítico recaiu também sobre o alagoano João Pessoa, em uma caricatura na qual, fantasiado de mulher, utilizava-se de uma espingarda, em alusão às supostas violências por ele ordenadas durante as eleições, e em outra, na qual ele era tratado como um “bicho pretencioso”, uma vez que era transmutado em macaco, que estaria se dispondo a enfrentar um adversário político que aparecia na forma de um leão, sem deixar de manter a distância segura de permanecer no alto de uma árvore. Os aliancistas apareciam como uma orquestra, que estaria “concertando”, com dificuldades em acertar a música, uma vez que o maestro indicava-lhes o caminho de tocar o jingle da campanha do adversário Júlio Prestes. O descrédito dos aliancistas gaúchos para com Ribeiro de Andrada foi demonstrado com aqueles na forma de onças buscando caçar a este, transformado em um porco⁴¹.

⁴¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 29 mar. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



29 — Março — 1930

o Malho

ESPIRITO DE IMITACÃO



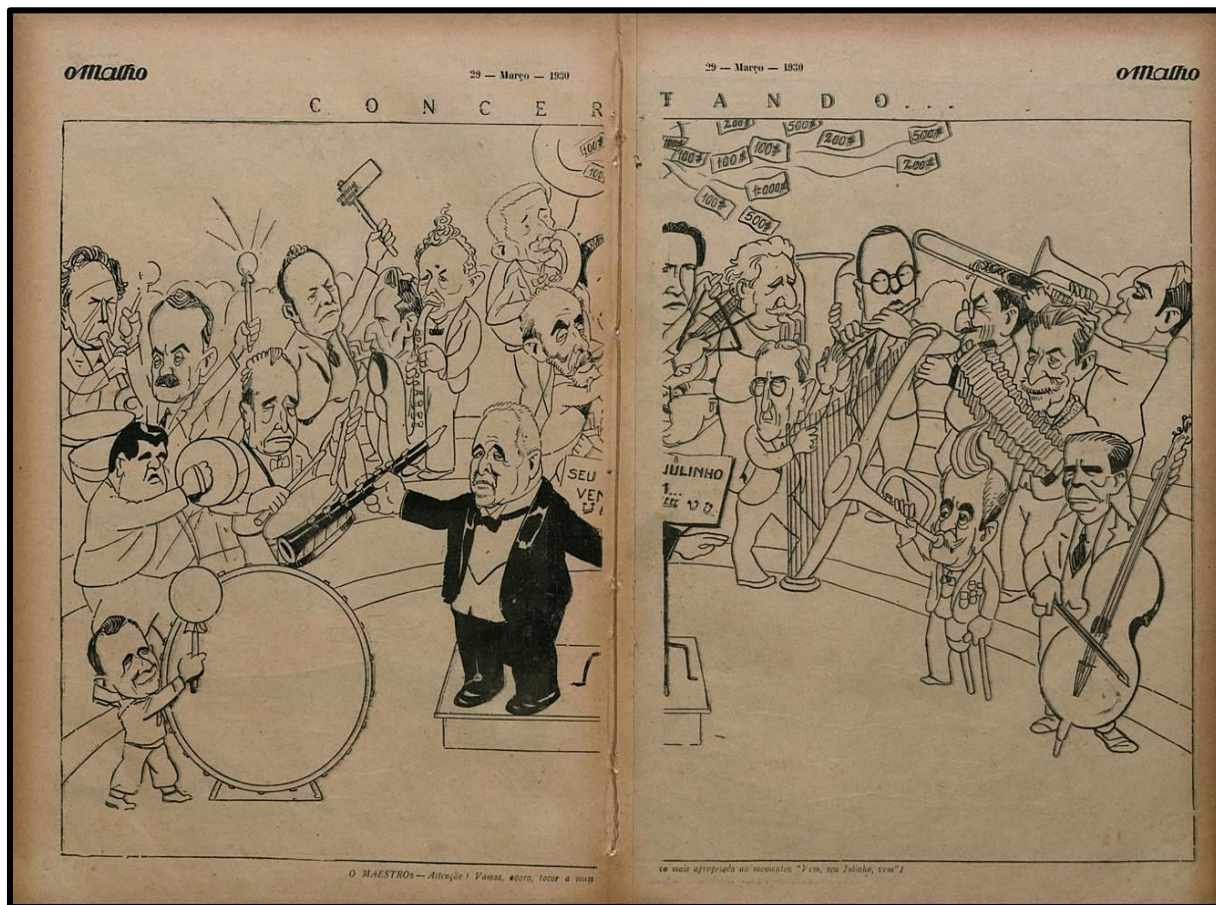
Dona Tiburtina fez escola na Parahyba!

ÊTA BICHO PRETENCIOSO!



O LEÃO DO NORTE: — Não, amigo macaco, você é está redondamente enganado. Eu não dei, como você diz, o meu apoio aos seus inimigos em Ponceza.
O MACACO: — Eoi bom você me dizer isso. Porque eu já estava pensando em lhe dar muitos cascudos.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



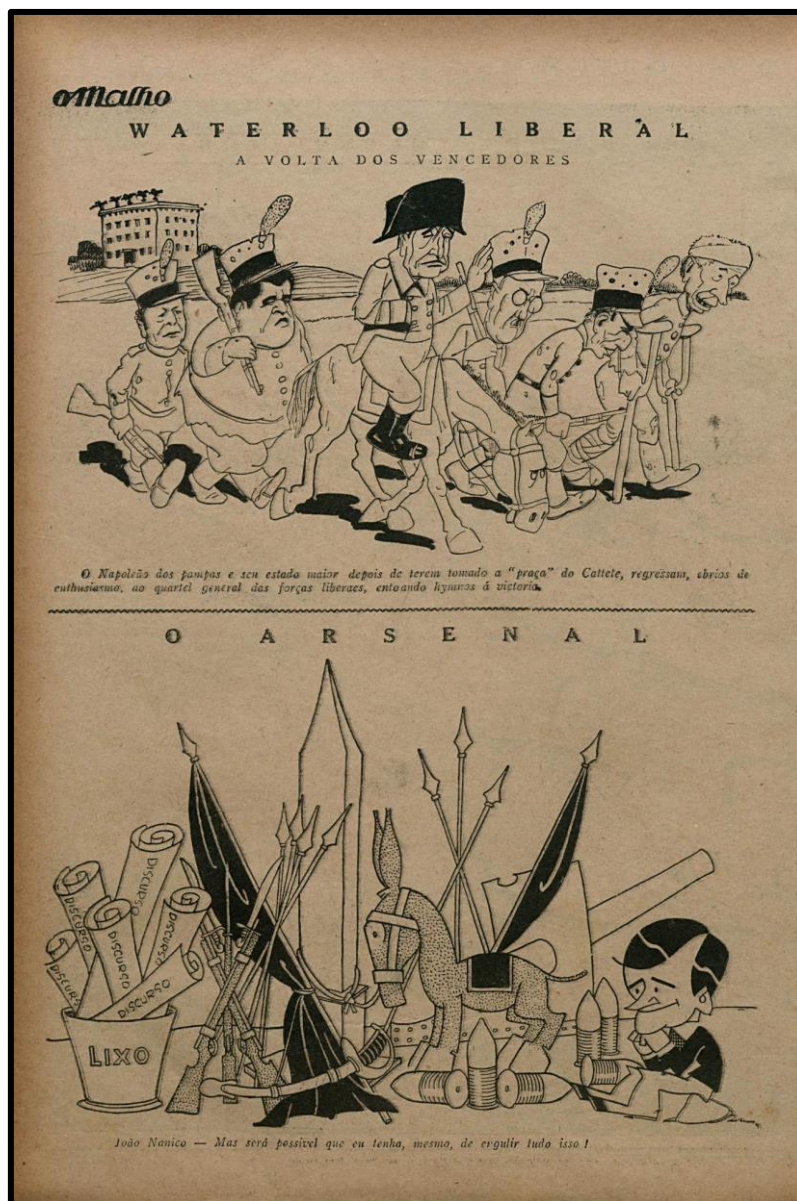


A derrota dos liberais era comparada à dos franceses em Waterloo, aparecendo Vargas como um “Napoleão dos pampas”, que, vencido, junto de seus comandados, não conseguira tomar o Palácio do Catete e tinha de retirar-se tristemente, embora o periódico ironicamente os chamasse de “vencedores”. O arsenal preparado por João Neves da Fontoura – chamado de João Nanico – envolvia armas, munições, discursos e o obelisco onde prometera que os

gaúchos iriam amarrar seus cavalos, era por ele observado, com a preocupação de que teria de engolir tudo aquilo. O periódico também fazia gracejos quanto às reclamações dos gaúchos de que houvera fraude eleitoral, estando todos a gritar, sem que tivessem qualquer razão. Diante do olhar insatisfeito de Antônio Carlos quanto ao resultado das urnas, Washington Luís, mostrando a espada da lei e um braço vigoroso, estaria a garantir a posse do candidato vencedor no pleito eleitoral⁴². O mineiro Ribeiro de Andrada era apresentado como um cavaleiro a defender um arruinado castelo identificado com o tesouro mineiro, visando a garantir que ninguém passaria por ele, ao que o Jeca reagia, dizendo que tal atitude seria inócua, uma vez “a fortaleza” já estaria vazia. Enquanto Borges de Medeiros parecia dar fim à Aliança Liberal, abatendo-a na forma de um morcego, o Jeca dizia que de nada adiantaria, pois Antônio Carlos continuaria depauperando o tesouro estadual – representado por um cavalo esquelético – para promover a campanha contra seu adversário político em Minas. A possível dissensão de Borges de Medeiros em relação aos aliancistas era demonstrada com o personagem gaúcho carregando volume identificado com entrevista que ele prestara a um jornal, além de fazer referência a uma negociata que Antônio Carlos teria realizado com Getúlio Vargas. O desgaste da Aliança Liberal era igualmente demonstrado em caricatura na qual a denominação da frente ia progressivamente perdendo letras, ao passo que era apontada a ausência das lideranças que deveriam ter permanecido em seus postos⁴³.

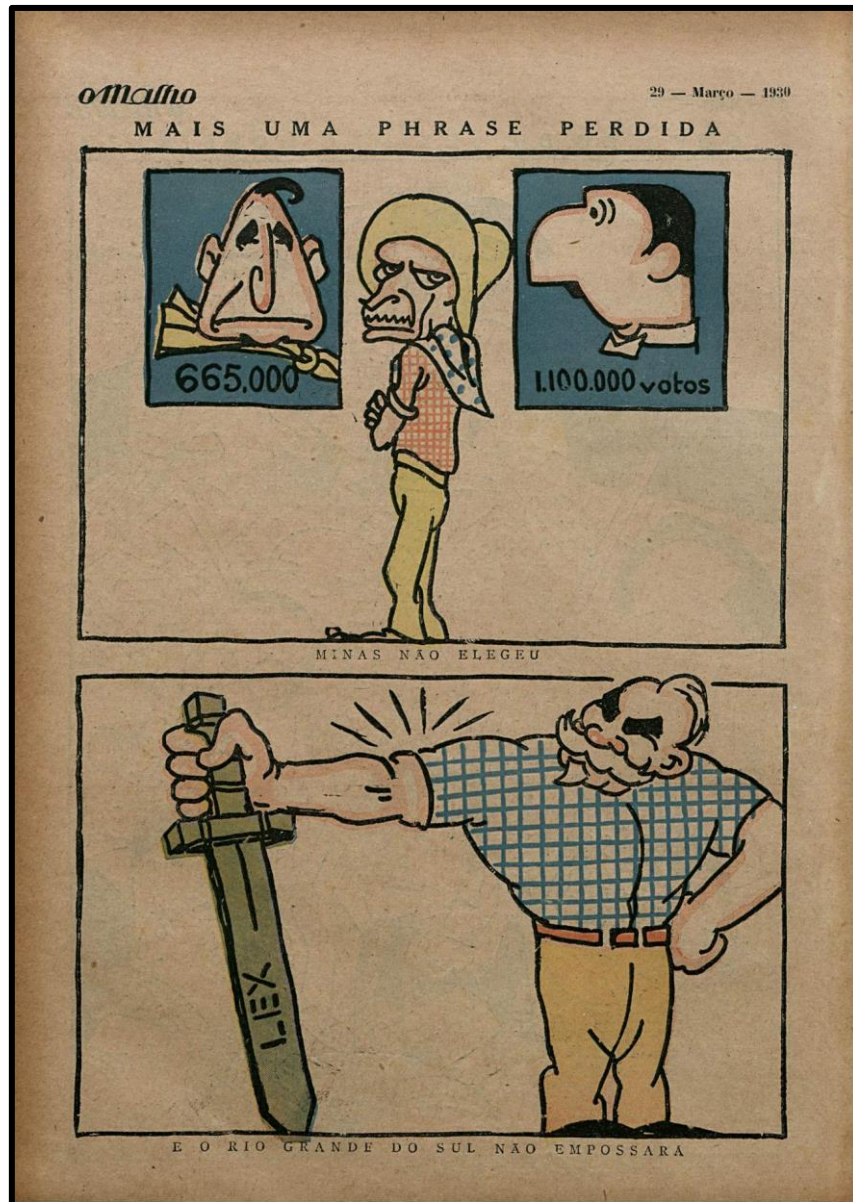
⁴² O MALHO. Rio de Janeiro, 29 mar. 1930.

⁴³ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 abr. 1930.



O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



ACABOU-SE O QUE ERA DOCE...



O LIBERAL: — En'ali o presi-
dente da Aliança?
O CONTINUO: — Não, senhor.

O LIBERAL: — E o vice-presi-
dente?
O CONTINUO: — Está em Minas.

O LIBERAL: — E o seu ambi-
tuto?
O CONTINUO: — Está no Sul.



O LIBERAL: — E o secretário, ou
o thourcero? O CONTINUO: —
Também não está.

O LIBERAL: — Então, com quem
devo tratar?!

O CONTINUO: — Com mim
mesmo...

A comparação com Napoleão foi realizada também em relação a Antônio Carlos, que, sobre uma pilha de crâneos humanos, em alusão às supostas mortes por ele ordenadas, carregava uma lança e proferia uma fala adaptada ao dito do líder francês, conclamando os “gaúchos” e informando-lhes que do alto daquela “pirâmide” de ossos, “um liberal” os contemplava. Fazendo referência à igreja positivista, o periódico mostrava Borges de Medeiros em um templo com dizeres concernentes ao pensamento comtiano, sendo o mesmo desqualificado por tratar-se de um lugar identificado com a “desumanidade”, no qual o chefe político gaúcho intentava ainda demonstrar que possuía certa força junto ao seu partido, pois vários aliancistas rio-grandenses se ajoelhavam frente a ele, vindo a ser marcados como submetidos à sua autoridade. O mesmo Borges se mostrava pouco impressionado com a presença de seu antigo adversário, Assis Brasil, transmutado em leão, e instigado pelo mineiro Ribeiro de Andrada e pelo gaúcho Batista Luzardo. Visando novamente chamar atenção para o banditismo que seria característico de Antônio Carlos, a folha mostrava tal líder sequioso por poder acertar as contas com Borges de Medeiros e suas manifestações que passariam a vir de encontro às práticas aliancistas. No intento de demonstrar o esfacelamento da Aliança Liberal, o semanário mostrava Medeiros e Vargas apressando indivíduo que estaria a carregar o Partido Republicano Rio-Grandense sobre uma ponte, de modo que pudesse o mesmo se afastar o máximo possível de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada⁴⁴.

⁴⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 abr. 1930.

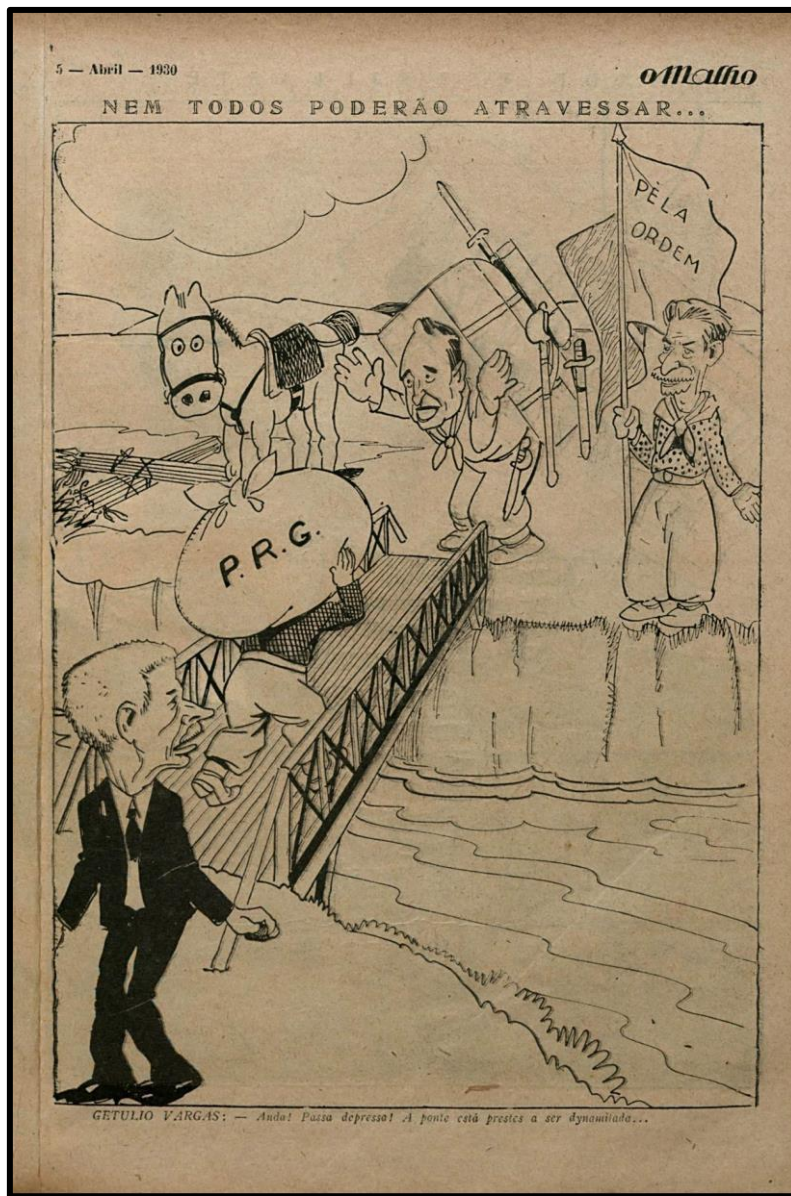


O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



Tendo Antônio Carlos ao fundo, diante da derrota, Getúlio Vargas chutava um bonde que se dirigiria para o Catete, fazendo referência não só ao símbolo do poder como também aos negócios considerados escusos que realizara com Minas Gerais na aquisição daquele meio de transporte⁴⁵. Ao conduzir uma tropa de muares em direção ao Nordeste, carregada com o tesouro mineiro e farto armamento, Antônio Carlos era interpelado pelo Jeca que questionava se aquela carga conseguiria chegar ao destino traçado. Os descontentamentos e falta de unidade entre os aliancistas eram mais uma vez apontados pelo periódico, que apresentava o rio-grandense Batista Luzardo, trajado como um indígena, em alusão a uma propalada selvageria dos opositores, que se propunha a tornar-se “chefe” da Aliança Liberal, por causa da “confusão do momento”. Na busca de controlar seus quadros, Borges de Medeiros era desenhado a enrolar a língua do parlamentar rio-grandense Neves da Fontoura, buscando assim erradicar seus pronunciamentos mais veementes. Considerando a Aliança Liberal morta, o hebdomadário divulgava jocosamente o seu “testamento”, o qual seria composto por diversos objetos e utensílios, que serviam para fazer gracejos em relação a vários dos componentes da chapa opositora que concorrera às eleições presidenciais⁴⁶.

⁴⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 abr. 1930.

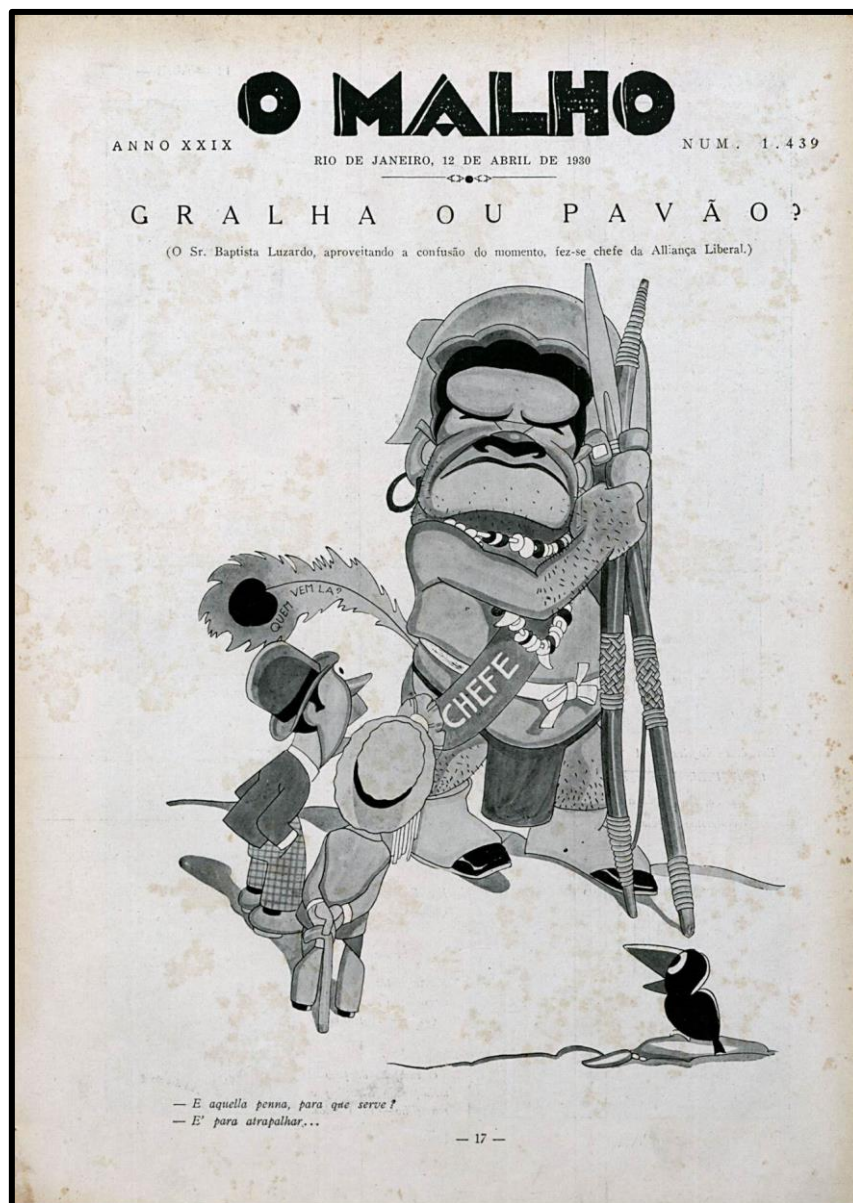
⁴⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 abr. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





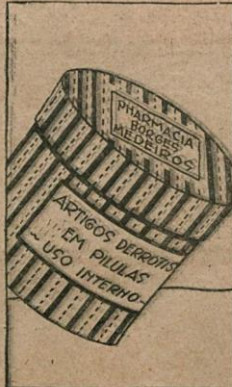
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



12 — Abril — 1930

Malho

ALLIANÇA "LIBERAL"



para o Lindolpho Collor, uma caixa de pílulas laxativas;



para o ex-"leader" João Nanico, um cavallinho de péo.



...para o deputado Baptista Luzardo, um disco de gramophone;



para o bravo Assis Brasil, um oculo de alcance que lhe permita acompanhar, do Uruguay, as revoluções que chefia;



para o Sr. Antonio Carlos, uma cadeira, onde irá descansar depois de tantos mezes de luta.



Para o Sr. Morato, mentor do Partido Democratico de S. Paulo, não deixa nada, porque já lhe legou em vida, 1.500 contos de réis!

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



Amarrada a um tronco, uma figura feminina que representava a Paraíba, fora alvo de uma série de apunhaladas, além de sofrer sevícias por parte de seu governante João Pessoa, que a ameaçava com uma lança, enquanto Washington Luís exigira providências de parte do ex-Presidente Epitácio Pessoa, no sentido de que tomasse providências para conter a sanha de seu

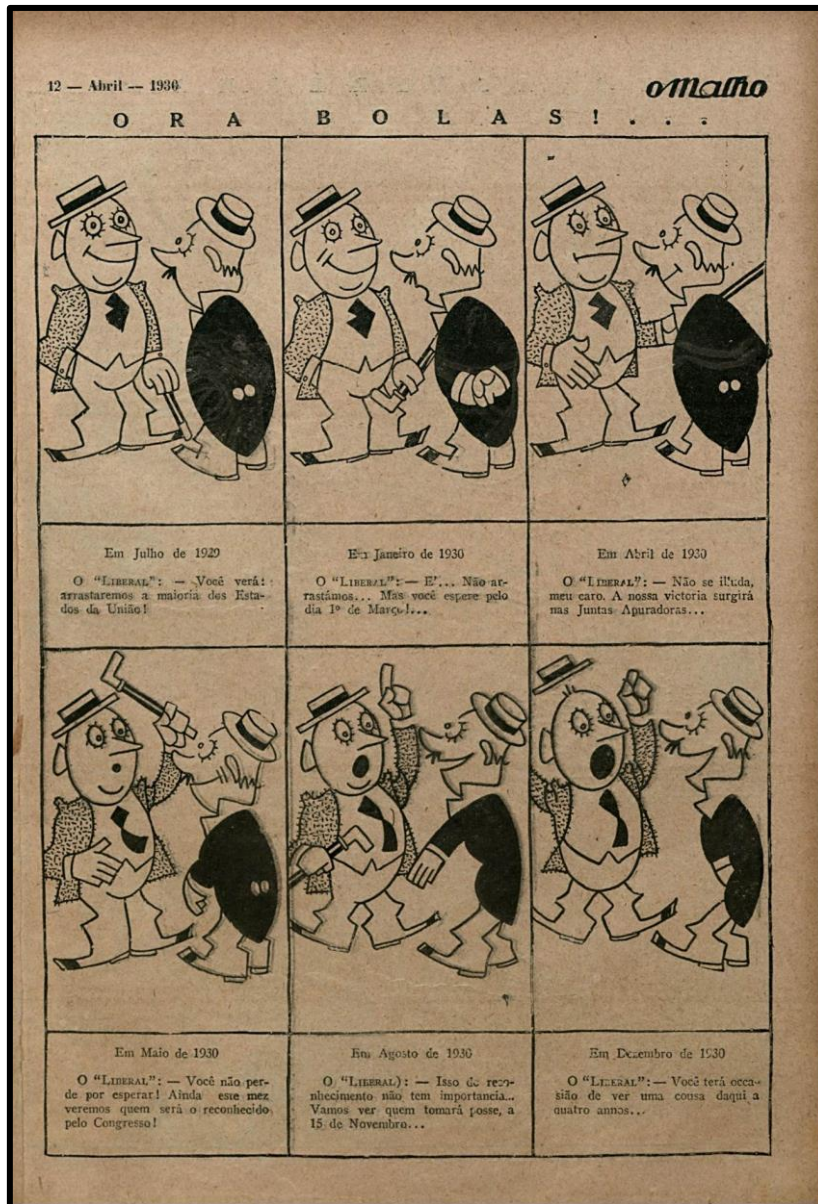
sobrinho. A derrota dos aliancistas era demonstrada também em conjunto de desenhos nos quais um dos adeptos da Aliança prometia vitórias a cada momento que passava, as quais não se confirmavam em nenhuma instância. Sobre o cumprimento dos deveres, a folha trazia um Borges de Medeiros que apenas a Paraíba fizera a sua parte, deixando a “carapuça” para ser vestida por Antônio Carlos, pela sugestão de que os mineiros não teriam feito o mesmo. No conjunto caricatural denominado “Um documento notável”, o periódico mostrava graficamente um manifesto escrito por Antônio Carlos, no qual garantia que não houvera violência policial em seu Estado, o que era veementemente negado pelo conteúdo das ilustrações⁴⁷. Mais uma edição da revista ilustrada trazia à capa um Antônio Carlos trajado de militar e pronto a desferir um tiro de canhão, identificado com a “falsidade”, contra o Supremo Tribunal, aparecendo também o Jeca que o instigava a atirar, de modo que viesse a receber a respectiva punição. Sobre uma possível busca pela pacificação política entre situacionistas e opositores, Getúlio Vargas questionava Borges de Medeiros quanto à radicalidade de João Neves da Fontoura, no que era tranquilizado pelo velho chefe, ao considerar que tal parlamentar não teria tanta relevância, tratando-se de um “parasita inofensivo”. O retrato caricaturado de Borges de Medeiros veio a ser estampado em *O Malho*, acompanhado de texto encomiástico quanto ao “patriotismo” e à “sabedoria” do mesmo, frente à eventualidade dele abandonar os aliancistas⁴⁸.

⁴⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 abr. 1930.

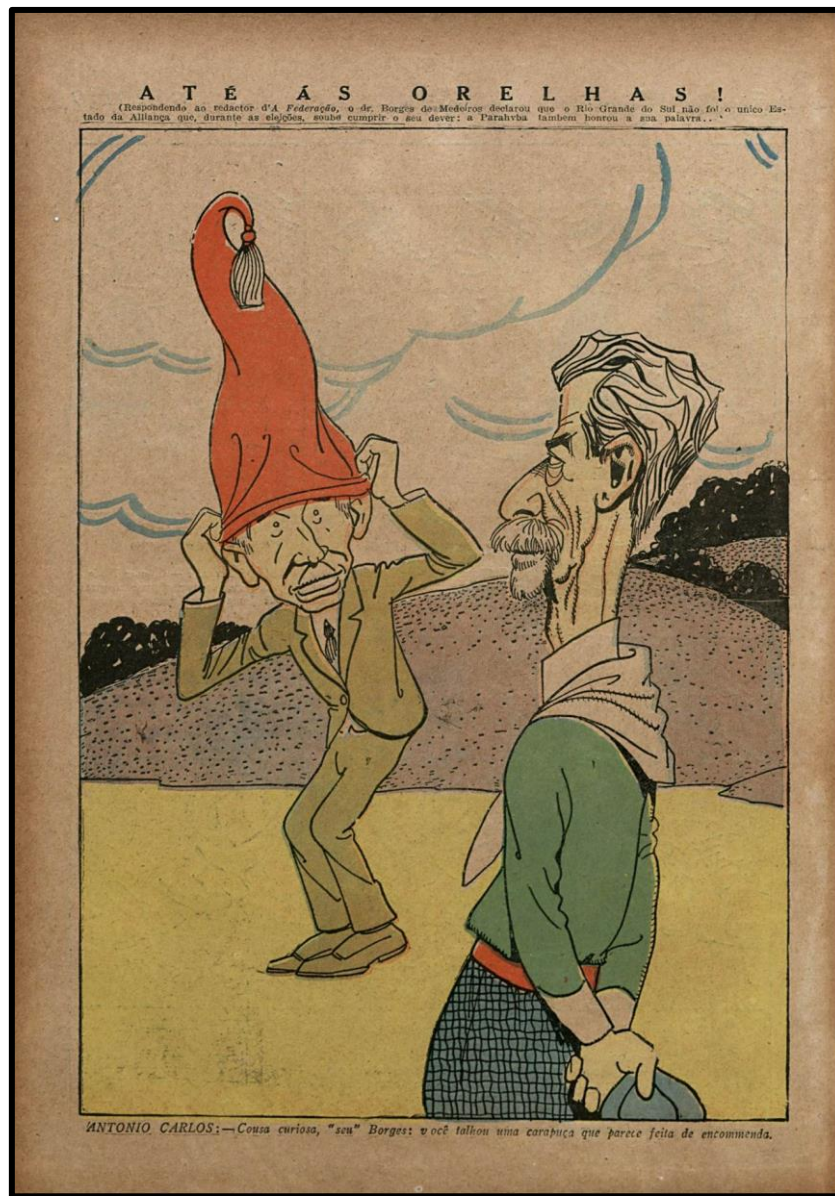
⁴⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 abr. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO





O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



o Malho

12 — Abril — 1930

Elucidando o atentado de Belo Horizonte, o Sr. Antonio Carlos envia ao ministro da Justiça um telegramma (de defesa) tão sincero e impressionante, que nos sentimos obrigados a transcrever-o aqui, acompanhado das ilustrações que seu conteúdo nos suggere.

Um



"Ministro da Justiça — Rio — Logo após a realização de um "meeting" civico, que se realizou em pleno accordo com a Constituição e as leis, e do qual não participou nenhum auxiliar do meu governo...

...os populares que o realizaram entenderam de percorrer as redacções dos jornaes. No momento em que...
(Ler em baixo a continuação)



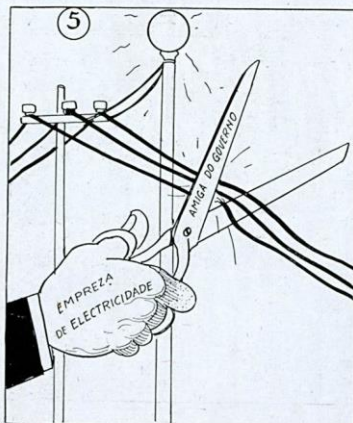
...passavam em frente á casa do Dr. Carvalho Britto, foram surpreendidos e dispersados por fortes descargas...

...de tiros contra elles dirigidos do jardim e das janelas daquela moradia, cahindo alguns feridos.

12 — Abril — 1930

O Malho

documento notavel



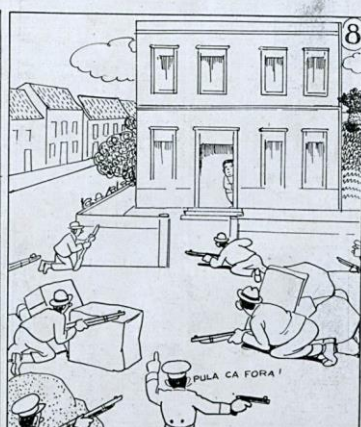
Com as descargas, verificou-se a falta de luz em todo o quarteirão, informando pouco após a companhia de electricidade que a tal interrupção fora ocasionada por project's de arma de fogo.



Receando o secretario da Seguranca possiveis movimentos de vinganca popular, determinou se fizesse de prompto o isolamento de todo o quarteirão, reforçando assim a protecção a que estava sujeita aquella residencia.



Hoje, p.la manhã, com todas as formalidades da lei, a policia in'cou todas as providencias necessarias para composição normal do corpo de delicto e procedendo a inquerição dos co-responsave's e testemunhas.



Prevaleço-me do ensejo para assegurar a V. Ex. que o Dr. Carvalho Brito e seus amigos continuarão gostando nesta capital e em todo o Estado das mais seguras garantias. Attenciosas saudações. — Antonio Carlos Ribeiro de Andrada."



O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



19 — Abril — 1930

o Malho



Dois qualidades, aliás boas, nos homens de Estado, caracterizam a personalidade do Sr. Borges de Medeiros — o desprendimento pessoal e o senso grave da ordem. Sua longa carreira pública, não gindo os accidentes das campanhas em que se tem empenhado como os phalangeários do seu credo republicano, até aqui não sahio dos rumos traçados por essas coordenadas moraes do seu pensamento politico. É possível que aos olhos de certos zólos a figura do Sr. Borges de Medeiros soffra restricções. É a critica dos espíritos sympathizantes com as doutrinas subversivas que tanto hão feito soffrer a outros povos. Ella não deve assim impressionar a Nação Brasileira, infensa por indole e por educação ás violações da lei natural do seu aperfeçoamento, tantas vezes defendida pelo chefe gaúcho. Depois, acima do individuo, das suas paixões, está para o proprio espirito moderno, a collectividade com os seus supremos interesses girando sempre na orbita dessa mesma ordem que é preciso nunca comprometter. O Sr. Borges, constituindo-se no Rio Grande um dos eixos desse equilibrio, prestou, decerto, ainda agora, o melhor dos serviços que o país, nesta hora, poderia esperar do seu patriotismo e da sua sabedoria.

A idoneidade dos aliancistas era colocada mais uma vez em dúvida, ao apresentar diálogo entre Antônio Carlos e o Jeca, com a demonstração de que o apoio dos democratas paulistas ao líder mineiro advinha somente de uma recompensa de natureza financeira. O mesmo personagem de Minas Gerais protestava contra a fiscalização das urnas por parte da força pública federal, vindo a ser repreendido pelo militar responsável pelo cuidado e gerando o escárnio de parte do Jeca. O governante mineiro aparecia em sua mesa de trabalho na qual figuravam livros que versavam sobre a arte de mentir e três volumes acerca da prática de ser tartufo, ou seja, hipócrita, ele conversava com Odilon Duarte Braga, auxiliar responsável pelas questões de segurança, o qual era repreendido por ter tomado medidas que serviriam para proteger adversário político, dizendo que um possível ataque não deveria ser evitado, pois, caso ocorresse, ele poderia lançar mão mais uma vez de inverdades para justificar o ato. No Nordeste, João Pessoa convocava o próprio Lampião para dar cabo de um possível desafeto, ao que o cangaceiro se negava, tendo em vista a popularidade do personagem em questão. Em outra ilustração, Ribeiro de Andrada aparecia carregando uma arma e uma tocha, com a qual pretendia incendiar Minas Gerais, completando o serviço de destruição a ele atribuída, pois ele estaria trazendo ao seu Estado a violência, e aniquilando o “prestígio de Minas na política nacional”, a “lavoura mineira”, o “crédito”, a “justiça”, a “verdade eleitoral” e o “tesouro de Minas”⁴⁹.

⁴⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 abr. 1930.

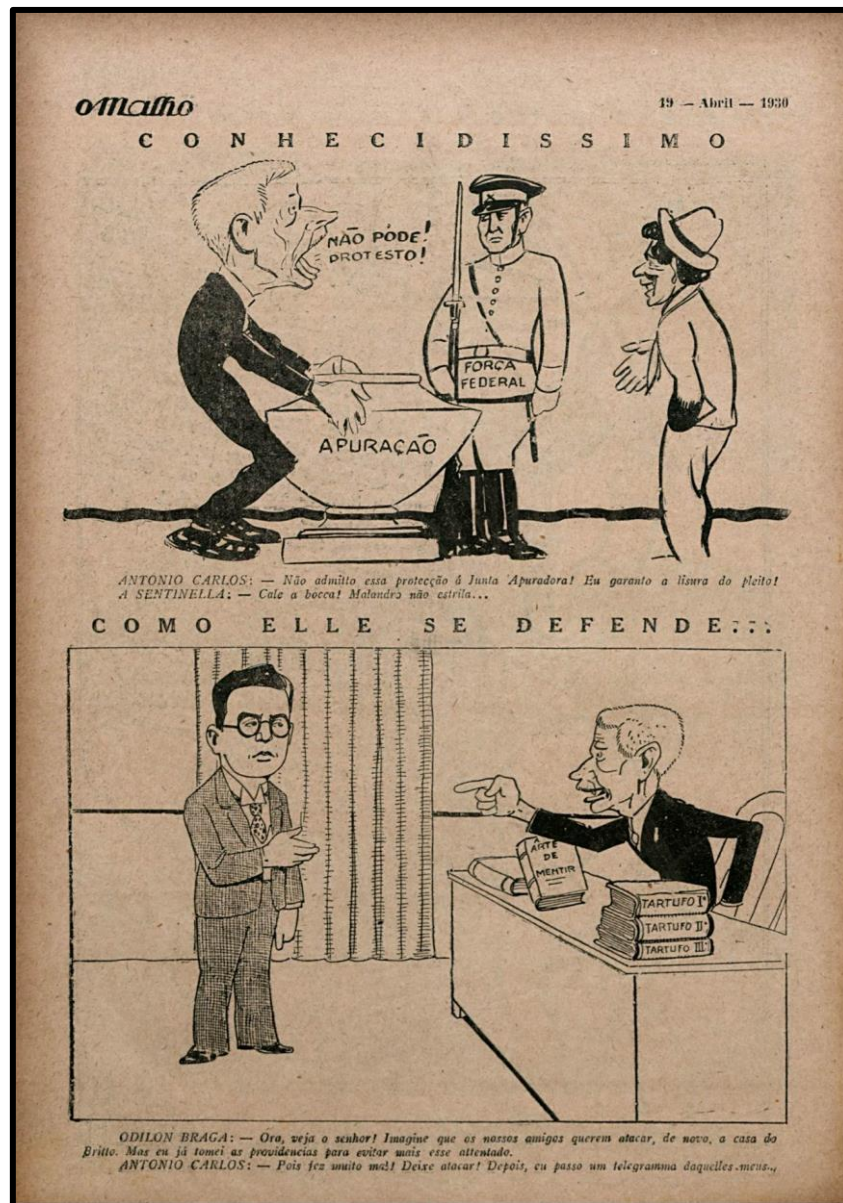
E L O G I O B E M P A G O

(O Partido Democrático de São Paulo, que recebeu 1.500 contos do Tesouro de Minas, está entusiasmado pelo Dr. Antonio Carlos.)



ANTONIO CARLOS: — Olhe aqui, Jeca. Veja você com o esse Ichtramma d'ê o seu velho amigo nos cornos da lua.
JECA: — Uai! Por 1.500 contos, até eu fazia coisa melhor...

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



19 — Abril — 1930

O Malho

U M N O M E S É R I O



JOAO PESSOA: — Mandei chamal-o para você dar cabo daquele Zé "bandido".

LAMPEAO: — Eu? Ah! isso não, "seu lóca". O Brasil inteiro fiza contra a gente, se a gente acabar com o Zé-Pereira.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



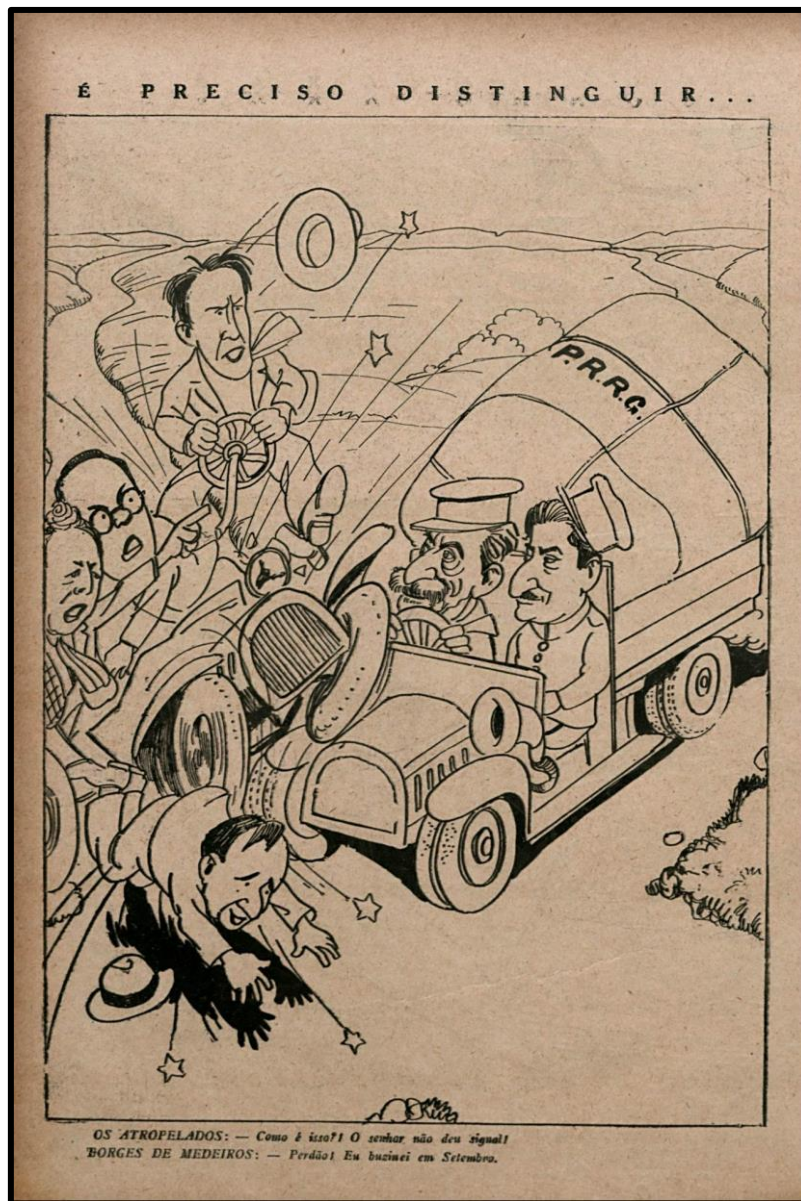
Uma possível dissidência de Borges de Medeiros era mais uma vez anunciada, em caricatura que mostrava o líder político gaúcho a dirigir um caminhão identificado com o Partido Republicano Rio-Grandense, que atropelava o veículo conduzido pelos aliancistas, que reclamavam da manobra, ao passo que Medeiros afirmava que já dera sinais anteriores quanto à sua postura. Em um "sonho árabe" Antônio Carlos aparecia como um muçulmano

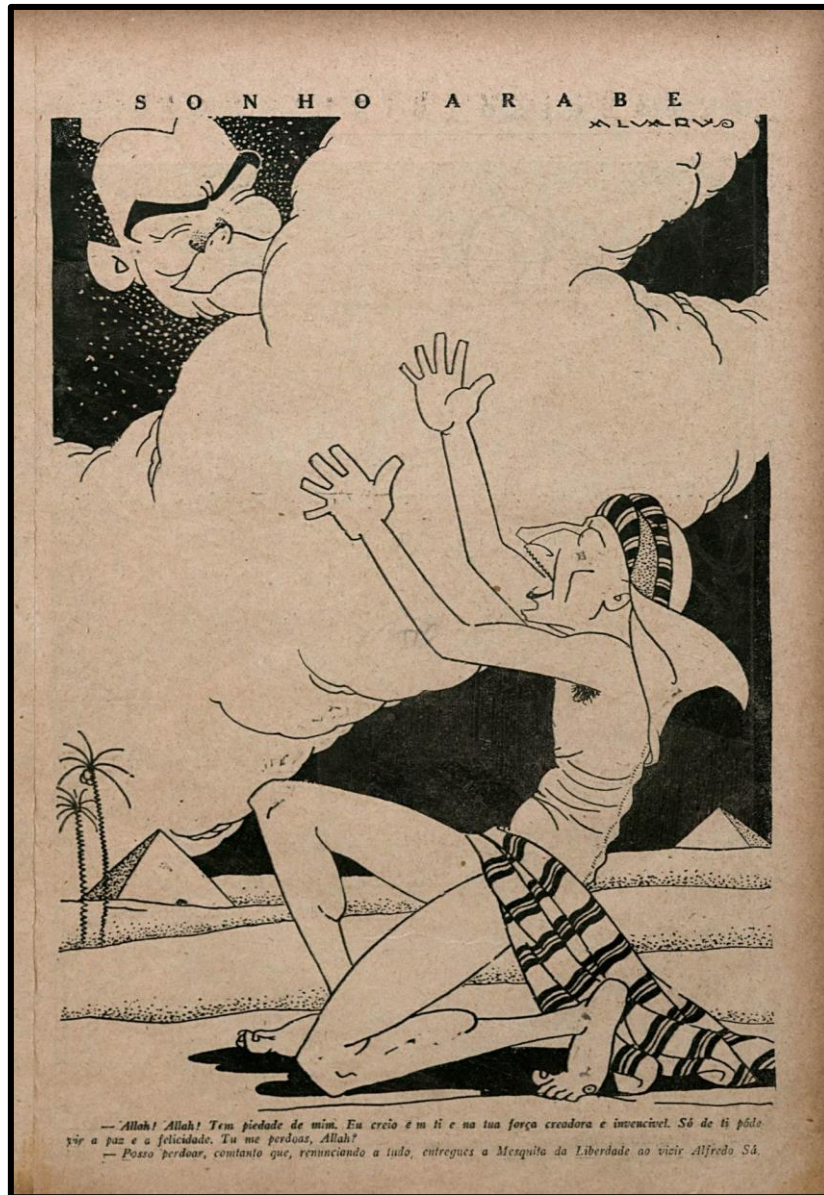
em meio ao deserto, clamando pelo perdão de Ala, identificado com a efígie de Washington Luís, que, para atender o pedido, exigia a renúncia do governante, com a entrega do poder ao vice Alfredo de Sá. Na forma de um tigre sedento de sangue, Ribeiro de Andrada se preparava para dar o golpe final no “tesouro de Minas”, representado por uma ovelha presa e desprotegida, entretanto era desafiado por um adversário político, Manuel Tomás de Carvalho Brito, vinculado à Concentração Conservadora, frente de oposição em Minas Gerais, o qual, como um leão, se dizia imbatível perante o outro felino⁵⁰. A perspectiva do caminho revolucionário apareceria inicialmente nas páginas de *O Malho*, ao final de abril de 1930, a qual era representada por uma figura feminina que carregava um revólver na cartucheira à cintura, a qual abandonava Antônio Carlos, por considerar que ele não traria sorte ao intento rebelde. João Neves da Fontoura era apresentado como uma criança que brincava com um cavalinho de pau e tinha em seu quarto um quadro do obelisco carioca, em alusão à promessa que fizera em caso da vitória da Aliança Liberal, estando o mesmo a negar-se a receber políticos mineiros, demarcando uma propalada fragmentação em meio aos aliancistas. A Aliança Liberal foi ainda representada por uma casa que era arrastada pela corrente de um rio, enquanto seus membros, espavoridos, tentavam se salvar. Foi desenhado ainda um exame do crânio de Antônio Carlos, com a comprovação de que estaria vazio, tal qual ele teria deixado o tesouro mineiro⁵¹.

⁵⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 abr. 1930.

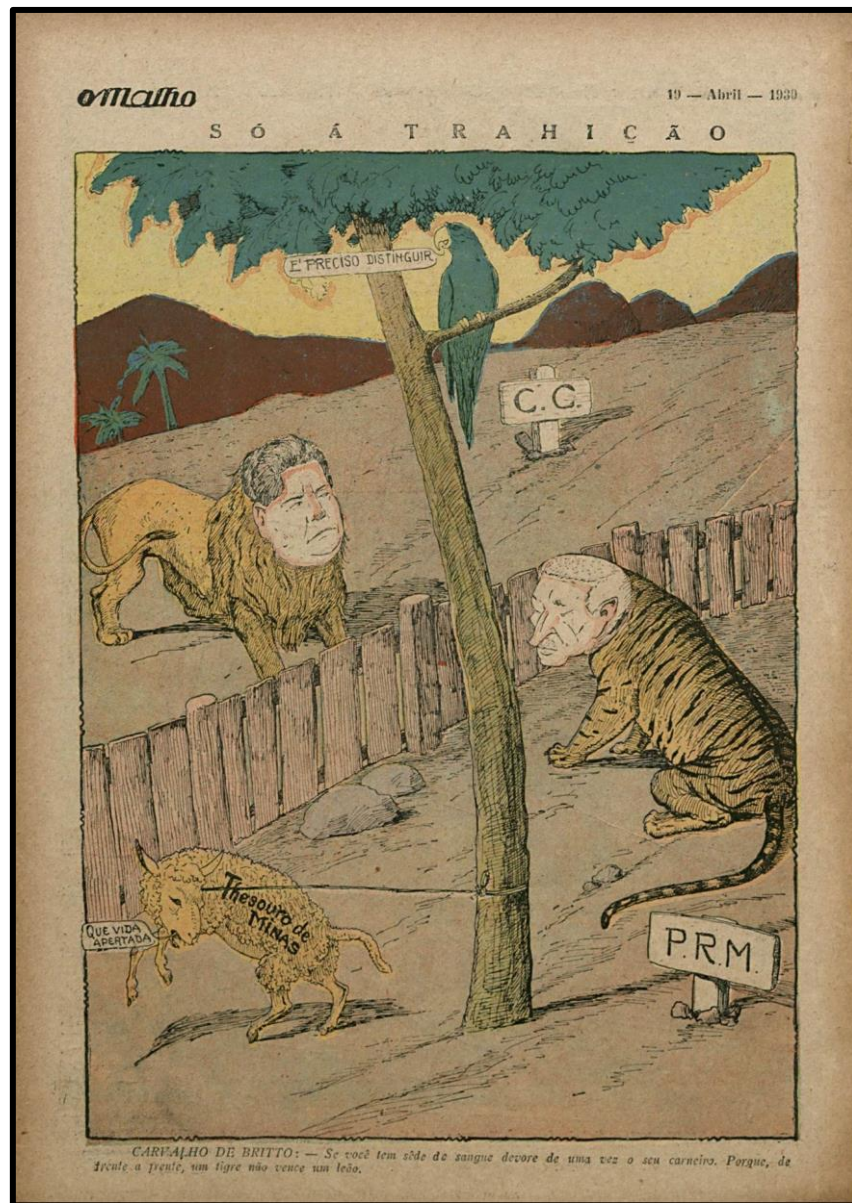
⁵¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 abr. 1930.

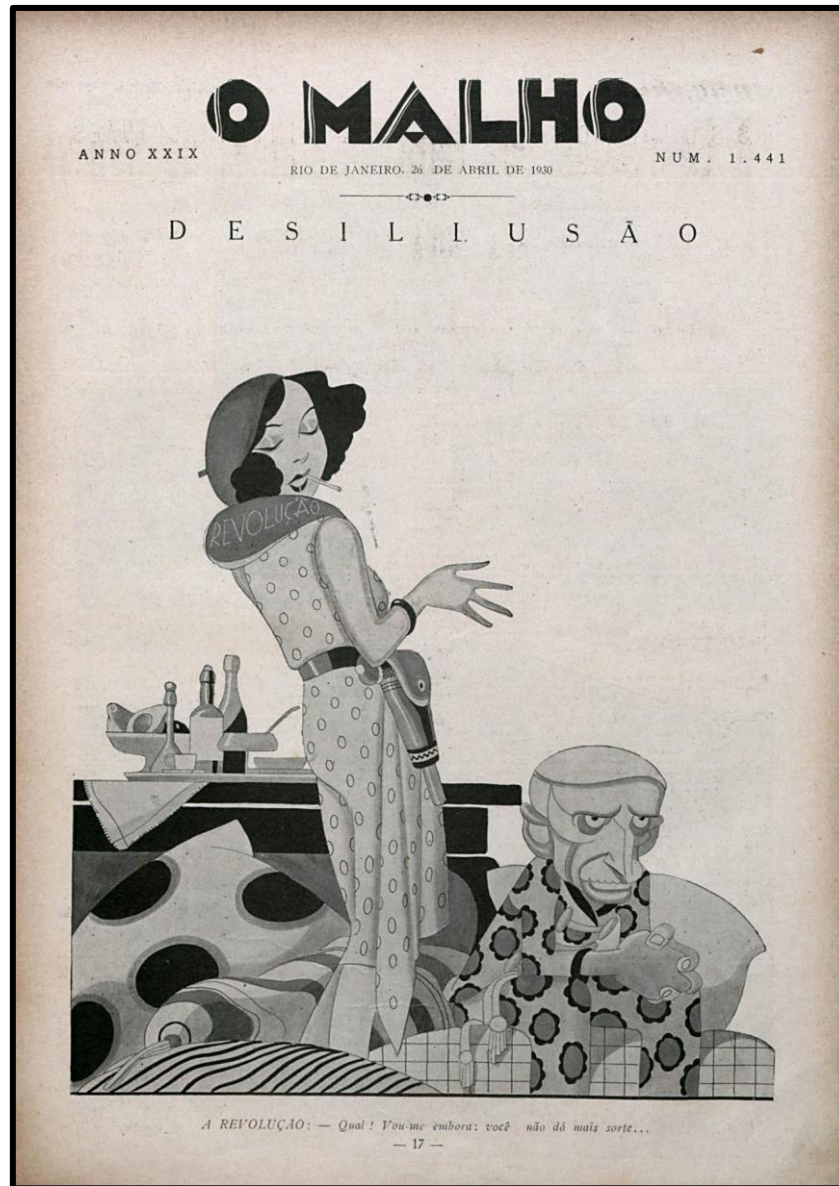
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O MALHO



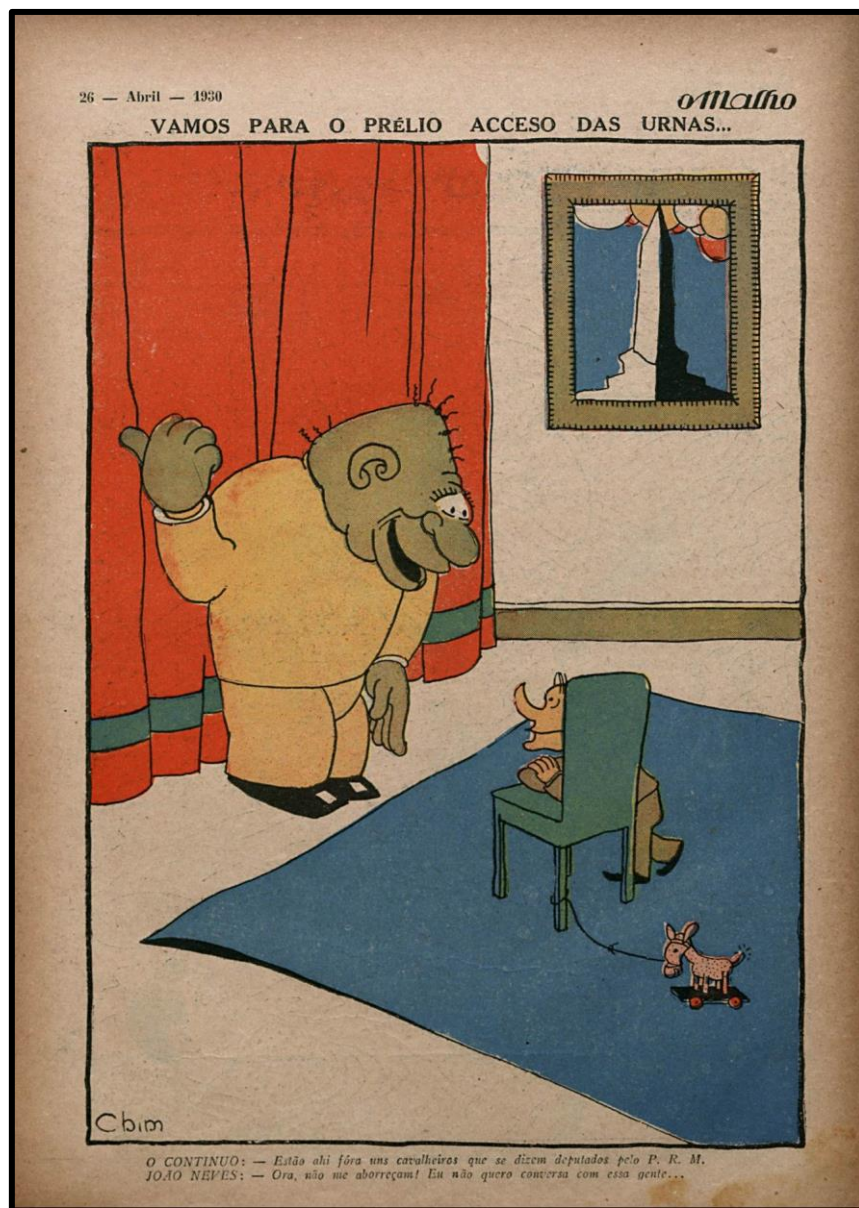


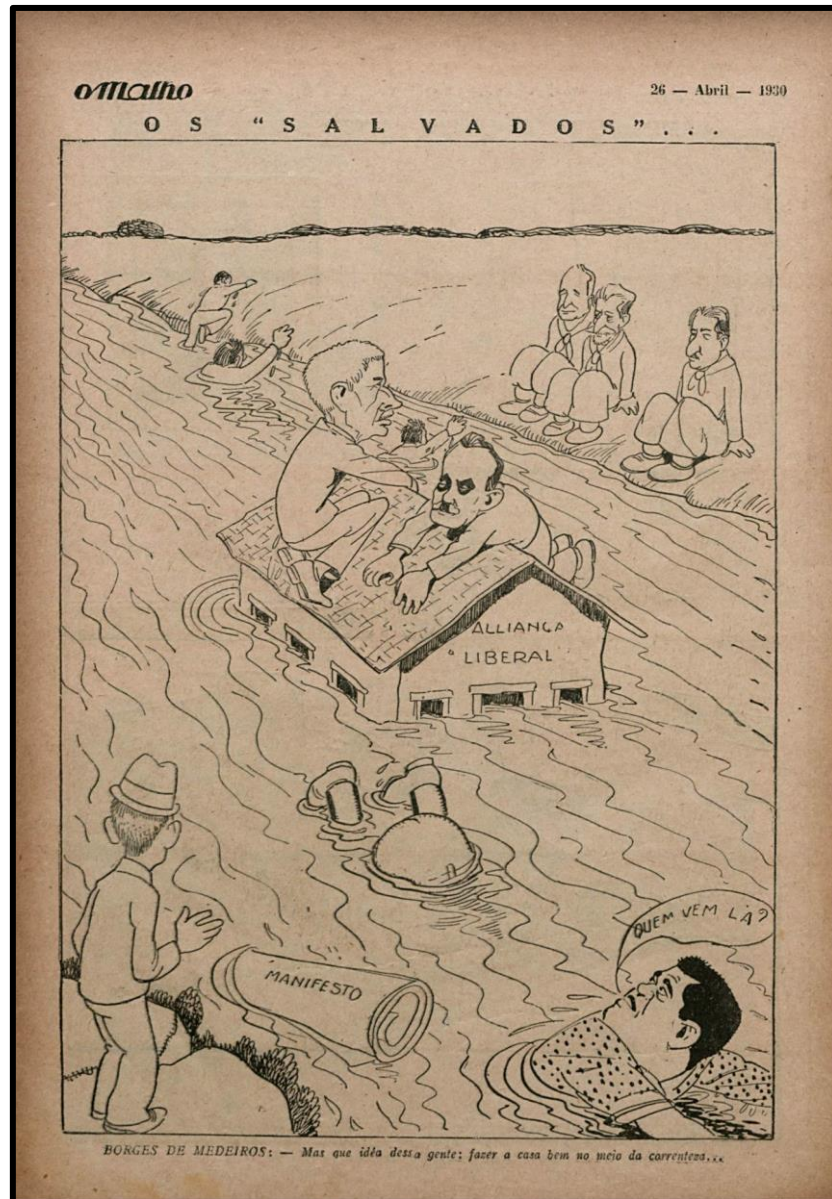
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



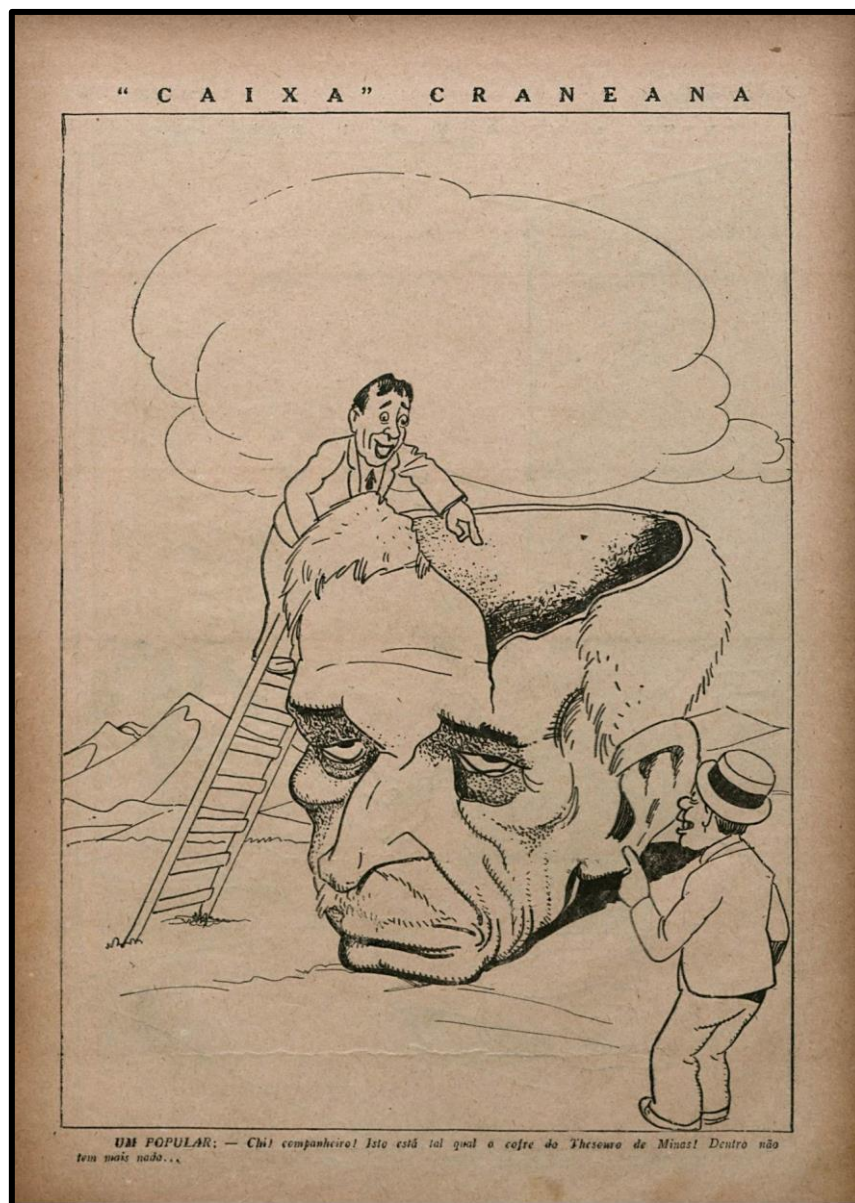


O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





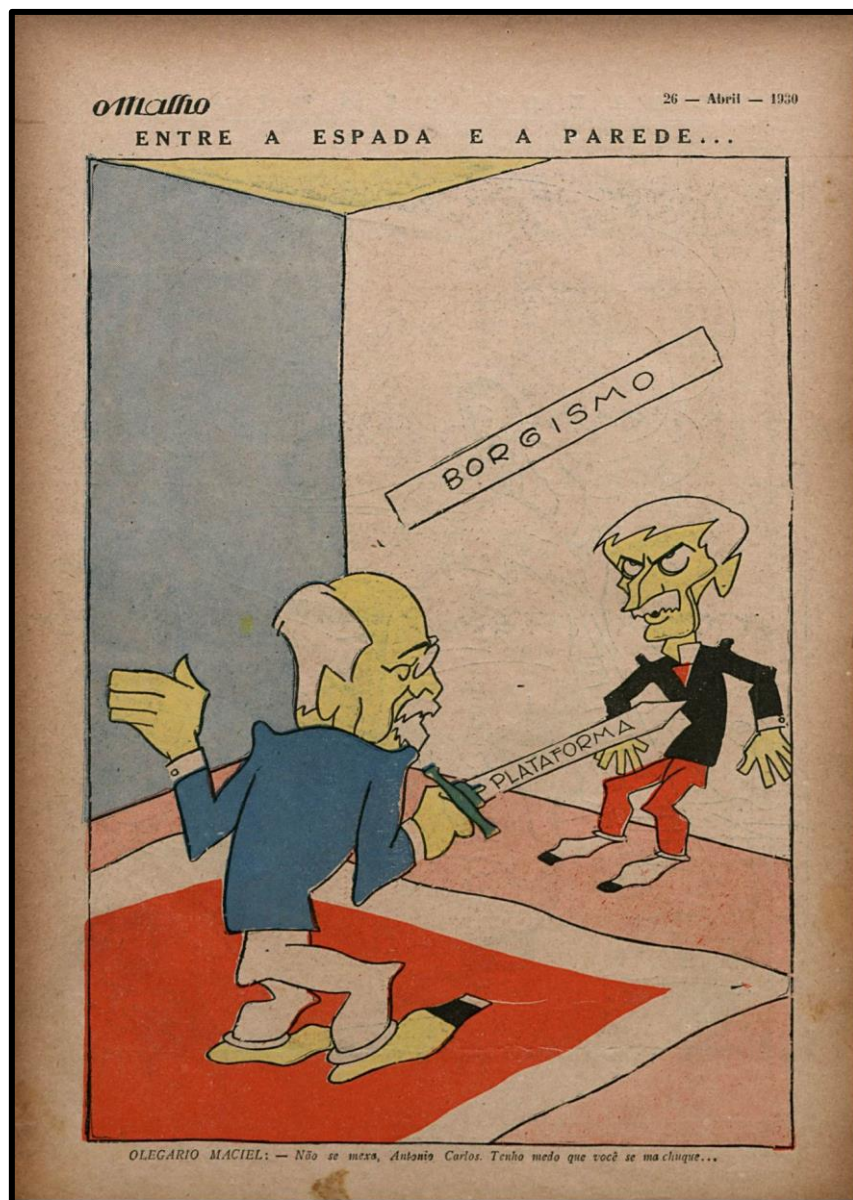
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



Em outra oportunidade, a folha caricata buscou expressar mais uma vez a falta de unidade entre os aliancistas, ao mostrar Antônio Carlos encurralado entre a parede que lembrava a ação de Borges de Medeiros e a espada que indicava a plataforma política do seu indicado para as eleições ao governo mineiro, Olegário Dias Maciel, que, supostamente, não teria intenções de ferir o outro personagem da cena. A Aliança era vista também como uma frente política “frágil”, em desenho no qual ela aparecia como uma figura feminina chorosa e o “gaúcho” Getúlio Vargas tocava violão e cantava uma quadrinha popular acerca de um amor desfeito, enquanto um anel de casamento, ou seja, uma aliança, aparecia quebrada ao chão. A agremiação partidária oposicionista era representada também por um boneco de corda, cuja caminhada se dava sem um propósito melhor definido. O político mineiro aliancista José Bonifácio de Andrada colocava as barbas de molho, no sentido de precaver-se ou prevenir-se frente a um possível contratempo, enquanto o paulista José Cardoso de Almeida, antagonista dos liberais, afiava sua espada para um eventual enfrentamento, dizendo ao Zé Povo que a arma branca serviria para fazer a barba de seu adversário. Uma suposta fraqueza de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada no controle de seu partido era apresentada em ilustração na qual o governante mineiro encontrava-se enjaulado junto de um tigre, que simbolizava o Partido Republicano Mineiro e lançava um olhar pouco amistoso para com o companheiro de jaula, revelando possíveis discordâncias no seio partidário⁵².

⁵² O MALHO. Rio de Janeiro, 26 abr. 1930.

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO





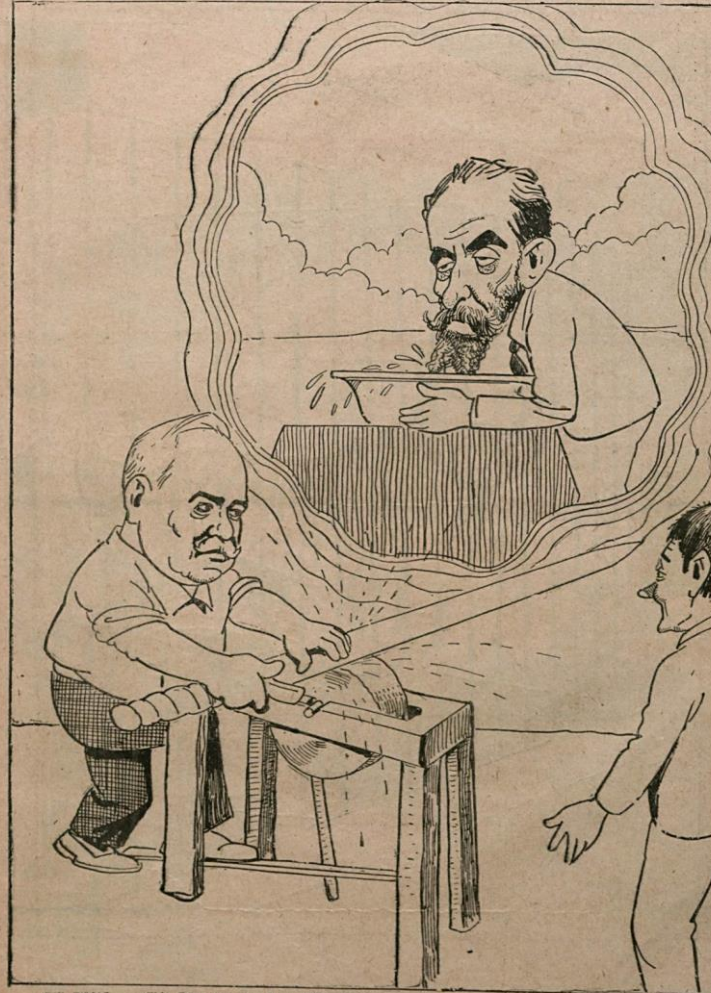
O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



26 — Abril — 1930

o Malho

P R E P A R A T I V O S . . .



ZÉ FOVO: — Chit Para que esse bruto facia?
CARDOSO DE ALMEIDA: — E' p'ra fazer a barba ao Zé Bonifácio...

O CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NOS PRIMEIROS MESES DE 1930 SOB O PRISMA DE O
MALHO



Assim, ao longo do quadrimestre inicial de 1930, cuja primeira parte antecedeu a eleição presidencial e a segunda se seguiu à disputa eleitoral, *O Malho* moveu ferrenha campanha contra os aliancistas. Partidário das forças governativas, o periódico apoiou a candidatura de Júlio Prestes, imaginando que a continuidade do status quo poderia advir uma certa estabilidade para o país, agitado pelas disputas políticas internas e atingido em cheio pela crise sem precedentes da economia que, em escala mundial, causou profundas fissuras no sistema econômico-financeiro vigente. Por meio da arte caricatural e toda sua carga crítico-opinativa, o semanário carioca, bem além de propagandear o candidato situacionista, criou uma série de representações visuais nas quais colocou os membros da frente oposicionista em péssimas circunstâncias, visando a demarcar junto de seus leitores que os integrantes da Aliança Liberal não seriam dignos de confiança, acusando-os por atitudes calcadas em violência, corrupção e inverdades. O embate para com os aliancistas estendeu-se mesmo após o encerramento do processo eleitoral, de modo que os mesmos permaneceram como adversários em potencial, que não deveriam deixar de ser combatidos, mantendo um olhar antagônico e de desconfiança, que, ao lado dos enfrentamentos político-partidários, constituiu uma verdadeira batalha imagética e discursiva empreendida por meio das páginas do hebdomadário.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

